

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

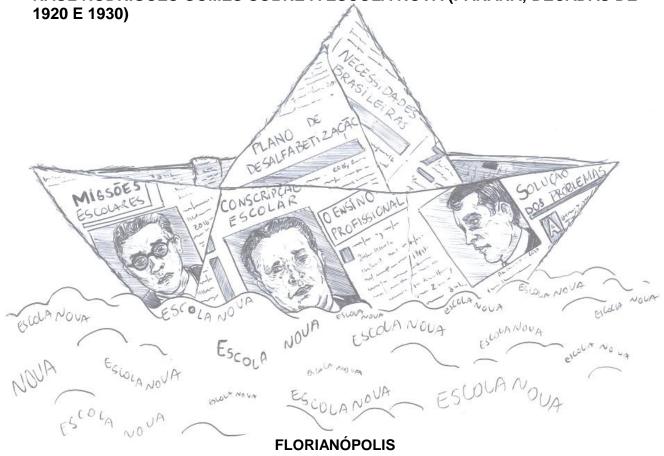
ENTRE TESES: UMA TRAVESSIA PELAS REPRESENTAÇÕES DO PROFESSOR RAUL RODRIGUES GOMES SOBRE A ESCOLA NOVA (PARANÁ, DÉCADAS DE 1920 E 1930)

VANESSA GOES DENARDI

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO LINHA DE HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

VANESSA GOES DENARDI

ENTRE TESES: UMA TRAVESSIA PELAS REPRESENTAÇÕES DO PROFESSOR RAUL RODRIGUES GOMES SOBRE A ESCOLA NOVA (PARANÁ, DÉCADAS DE 1920 F 1930)



2017

VANESSA GOES DENARDI

ENTRE TESES: UMA TRAVESSIA PELAS REPRESENTAÇÕES DO PROFESSOR RAUL RODRIGUES GOMES SOBRE A ESCOLA NOVA (PARANÁ, DÉCADAS DE 1920 E 1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação - Área de Concentração: História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gladys Mary Ghizoni Teive

FLORIANÓPOLIS 2017

D391e Denardi, Vanessa Goes

Entre teses: uma travessia pelas representações do professor Raul Rodrigues Gomes sobre a escola nova (Paraná, décadas de 1920 e 1930) / Vanessa Goes Denardi. - 2017.

156 p. il.; 29 cm

Orientador: Gladys Mary Ghizoni Teive

Bibliografia: p. 120-131

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

1. Educação - História. 2. Manuais técnicos. 3. Escola Nova. 4. Raul Rodrigues Gomes. I. Teive, Gladys Mary Ghizoni. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 370.9 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

VANESSA GOES DENARDI

ENTRE TESES: UMA TRAVESSIA PELAS REPRESENTAÇÕES DO PROFESSOR RAUL RODRIGUES GOMES SOBRE A ESCOLA NOVA (PARANÁ, DÉCADAS DE 1920 E 1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação - Área de Concentração: História e Historiografia da Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:							
Prof ^a . Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive							
Universidade do Estado de Santa Catarina							
Membros:							
Prof. Dr. Norberto	 Dallabrida	Prof ^a . Dr ^a . Ariclê Vechia					
Universidade do I	Estado de	Universidade Tuiuti do Paraná					
Santa Catarina							
	Prof. Dr. Ademir	Valdir dos Santos					
	Universidade F	ederal de Santa					

Florianópolis, agosto de 2017.

Catarina

A Gislene, Fernando e Cristhiane, meu porto seguro. A Celso, meu amor e meu norte.

AGRADECIMENTOS

À Gladys, minha orientadora e mestre-guia, exemplo de docente e pesquisadora, por acreditar e embarcar comigo nesta viagem, auxiliando-me sempre com generosidade, competência e linguagem solar.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e PROMOP (Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação), pela concessão da bolsa durante esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina e ao corpo docente vinculado à linha de pesquisa História de Historiografia da Educação, pela acolhida.

Aos professores Dr. Norberto Dallabrida, Dr^a. Ariclê Vechia, por aceitarem o convite em compor a banca de qualificação e defesa contribuindo com profícuas sugestões. De maneira especial, agradeço ao professor Norberto por incentivar produções para além desta dissertação.

Ao professor Dr. Ademir Valdir dos Santos, pela suplência da banca.

À Professora Dr^a. Dalva Alves Godoy, pela amabilidade e disposição em supervisionar meu estágio docência no curso de Pedagogia.

A Raul Rodrigues Gomes, por seu legado e vasta produção.

À família Gomes, especialmente à Christina, por gentilmente ceder-me seu tempo e contribuir com fontes/documentos para a elaboração deste e de futuros trabalhos.

Aos funcionários e estagiários da Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, Museu Paranaense, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e Associação Brasileira de Educação, pela atenção e colaboração durante as minhas pesquisas aos acervos.

À Bianca Santos, Priscila Preuss e Bruno Munhoz, respectivamente, pela transcrição das cartas entre Fernando de Azevedo e Raul Rodrigues Gomes, pela disponibilização de fontes encontradas nos jornais de Joinville, e pela arte da capa.

A meus queridos pais, Gislene e Fernando, por serem minha força e minha base, o porto onde eu sempre posso desembarcar.

A minha doce irmã Cristhiane, luz da minha vida, por socorrer-me em meus naufrágios e apoiar a construção de novas rotas.

A Celso, por ser meu sustento nos momentos em que o mar acadêmico parecia revolto e mostrar-me, literalmente, que também existem outras águas para navegar.

À Carolline Septimio, por ter sido minha amiga e braço direito nessa jornada, auxiliando-me a traçar novas rotas e corrigir as já delineadas.

Aos amáveis companheiros do PPGE, Luiza, Raquel, Roberta e Thiago, por alegrarem meus desembarques.

Aos amigos, Claudinei e Douglas, pela amável recepção durante minhas passagens por Curitiba.

Aos queridos Vinícius Silvestri, Bruna Fernanda, Ana Luíza Zimmer, Celso e Vera Denardi, pelo apoio e incentivo.

Aos colegas, amigos e alunos do Colégio Catarinense, que fizeram de minha breve passagem pela instituição um momento de enriquecimento pessoal e profissional.

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Guimarães Rosa (Grande Sertão: Veredas)

RESUMO

GOES DENARDI, Vanessa. **Entre teses**: uma travessia pelas representações do professor Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova (Paraná, décadas de 1920 e 1930). 2017. 156p. (Mestrado em Educação - Área: História e Historiografia da Educação). Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

A presente dissertação objetiva analisar as representações do professor paranaense Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova brasileira nas décadas de 1920 e 1930, período este em que a produção do intelectual esteve vinculada ao desejo de modernização educacional do Brasil. Pra isso, buscou-se contextualizar o movimento escolanovista no Paraná em consonância com a ação nacional, principalmente no que diz respeito à atuação de Raul Rodrigues Gomes e seus pares, perpassando pela interlocução com o professor e bandeirante paulista Orestes Guimarães, quando defensor da Pedagogia Moderna; a afinidade com o professor Fernando de Azevedo, considerado um dos "cardeais" da educação brasileira, e a consequente transição para a Escola Nova; e, finalmente, a efetiva participação como conferencista e delegado do Estado do Paraná nas três primeiras Conferências Nacionais de Educação (1927, 1928 e 1929) organizadas pela Associação Brasileira de Educação. Destarte, fez-se necessário apresentar as teses propostas por Raul Rodrigues Gomes nesses eventos com o intuito de analisar e investigar as ressignificações realizadas por ele sobre os preceitos da Escola Nova, muito especialmente no que diz respeito à valorização do aluno como agente no processo de ensino-aprendizagem, à laicidade e à obrigatoriedade do ensino, utilizando-se, como respaldo teórico, o conceito de representação do historiador francês Roger Chartier. Assim, as teses Conscripção Escolar, Missões Escolares e O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema, com suas consideráveis aprovações frente às comissões das Conferências, colocaram Raul Rodrigues Gomes em evidência no cenário educacional paranaense e brasileiro no final da década de 1920 por representar os preceitos escolanovistas na referenciação da renovação pedagógica, o que lhe garantiu, mais tarde, o posto de signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932).

Palavras-chave: Raul Rodrigues Gomes. Escola Nova no Paraná. Conferências Nacionais de Educação.

ABSTRACT

GOES DENARDI, Vanessa. **Among thesis**: a crossing through the representations of professor Raul Rodrigues Gomes about the New School (Paraná, in the 1920s and 1930s). 2017. 156p. (Master of Education - Area: History and Historiography of Education). University of the State of Santa Catarina. Graduate Program in Education, Florianópolis, 2017.

This work aims to analyze the representations of the teacher Raul Rodrigues Gomes from Paraná on the Brazilian New School Movement in the 1920s and 1930s, a period in which his production was linked to the desire for educational modernization in Brazil. For this, we sought to contextualize the New School Movement in Paraná in consonance with the national actions in Brazil, especially with regard to the performance of Raul Rodrigues Gomes and his peers, passing through the interlocution with the professor and "bandeirante" Orestes Guimarães from São Paulo, as an advocate of Modern Pedagogy; the affinity with professor Fernando de Azevedo, considered one of the "cardinals" of Brazilian education, and consequent the transition to the New School; and, finally, the effective participation as lecturer and delegate of the State of Paraná in the first three National Conferences of Education (1927, 1928 and 1929) organized by the Brazilian Association of Education. Therefore, it was necessary to present the theses proposed by Raul Rodrigues Gomes in these events with the purpose of analyzing and investigating the re-significances made by him on the precepts of the New School, especially with regard to the secularity, mandatoriness and valorization of the student as agent in the teaching-learning process, using, as theoretical support, the representation concept of the French historian Roger Chartier. Thus, the theses "Conscripção Escolar", "Missões Escolares" and "O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema", and their considerable approvals by the Conference committees, placed Raul Rodrigues Gomes in evidence in the educational scene of Paraná State and Brazil at the end of the 1920s for representing the Escolanovista precepts in the reference of pedagogical renewal, which later assured him the position of signatory of the "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" (1932).

Keywords: Raul Rodrigues Gomes. New School in Paraná. National Education Conferences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Raul Rodrigues Gomes: catedrático de Direto da Universidade do Paraná
(1946)
Figura 2 – Trecho do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova37
Figura 3 – Raul Rodrigues Gomes em Joinville (1921)39
Figura 4 – Orestes Guimarães, nos seus últimos anos de vida43
Figura 5 – Contracapa de Redação sem mestre (1967)44
Figura 6 - Envelope de carta enviada a Raul Gomes por Fernando de Azevedo (10
de abril de 1969)50
Figura 7 - Carta de Fernando de Azevedo para Raul Gomes (05 de abril de
1969)50
Figura 8 – Dedicatória de Prática de Redação (1939)53
Figura 9 – Primeiro estatuto da Associação Brasileira de Educação59
Figura 10 – Encontro na Associação Brasileira de Educação (entre 1933 e 1935)60
Figura 11 – Congressistas em frente ao Palácio Rio Branco (Curitiba, 1927)62
Figura 12 - Saudação de Lysimaco Ferreira da Costa saudando os congressistas e
à ABE com a presença do professor Orestes Guimarães (1° congressista sentado à
esquerda do orador) na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba, 1927)63
Figura 13 – Charge sobre a I Conferência Nacional de Educação65
Figura 14 – Visita ao Grupo Escolar D. Pedro II durante a II Conferência Nacional de
Educação (1928)70
Figura 15 - Discurso do Dr. Francisco Campos na sessão de encerramento da I
Conferência Nacional de Educação (1928)71
Figura 16 – Programa da III Conferência Nacional de Educação (6 a 15 de setembro
de 1929)74
Figura 17 – Lourenço Filho e Noemy Silveira (19?)76
Figura 18 - Capa do folheto que compila as teses de Raul Gomes na I Conferência
Nacional de Educação (1928)81
Figura 19 - Sessão de Plano de Desanalphabetização - anexo de Conscripção
Escolar (1928)89
Figura 20 – Sessão com a tese <i>Missões Escolares</i> (1928)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Percentual de matrícula sobre a produção escolar (1872 – 1926)84
Quadro 2 – Representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova er
Conscripção Escolar e Plano de Desanalphabetização (1928)95
Quadro 3 - Representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova er
Missões Escolares (1928)103
Quadro 4 – Distribuição da população segundo as profissões106
Quadro 5 - Representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova em
ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema (1930)11

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE Associação Brasileira de Educação

APE Associação Paranaense de Educação

CNE Conferência Nacional de Educação

OPALA Operação Paraná de Liquidação do Analfabetismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇAO: NAVEGAR E PRECISO	. 13
2 DO MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA NO PARANÁ E O DEVIR PROFESSOR RAUL RODRIGUES GOMES	
2.1 DE ADMIRADOR DA PEDAGOGIA MODERNA A ENTUSIASTA DA ESCO NOVA: AS INTERLOCUÇÕES COM O PROFESSOR ORESTES DE OLIVEI GUIMARÃES	IRA
2.2 ECCE HOMO: AFINIDADE (S)ELETIVA EM CARTAS COM FERNANDO AZEVEDO	
2.3 PARTICIPAÇÃO NAS TRÊS PRIMEIRAS CONFERÊNCIAS NACIONAIS EDUCAÇÃO ORGANIZADAS PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA EDUCAÇÃO	DE
3 <i>POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS:</i> REPRESENTAÇÕES DE RA RODRIGUES GOMES SOBRE A ESCOLA NOVA	
3.1 TESES APRESENTADAS NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇ (CURITIBA, 1927)	
3.1.1 Conscripção Escolar	81
3.1.2 Missões escolares	.98
3.2 TESE APRESENTADA NA III CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇ (SÃO PAULO, 1929): <i>O ENSINO PROFISSIONAL, AS NECESSIDAD</i> BRASILEIRAS E A SOLUÇÃO DO PROBLEMA1	DES
4 ANCORAGEM1	115
REFERÊNCIAS1	120
APÊNDICES: UM AVISO AOS NAVEGANTES1	132
APÊNDICE A - ANO DA 1ª EDIÇÃO DOS LIVROS E FOLHETOS PUBLICAD POR RAUL RODRIGUES GOMES (1914 A 1967)1	
APÊNDICE B - ANO DE PUBLICAÇÃO POR QUANTIDADE DE ARTIG PUBLICADOS POR RAUL RODRIGUES GOMES ENCONTRADOS NOS JORNA DE CURITIBA/PR (1907 A 1975)1	AIS
ANEXOS: CAPAS DE MAREAR1	135

1 INTRODUÇÃO: NAVEGAR É PRECISO

"Navegar é preciso; viver não é preciso." 1

Inicio este estudo à luz de Fernando Pessoa por acreditar que a introdução é ponto de partida desta nau chamada dissertação. Entendo que o processo de escrita deste trabalho equivale-se a uma embarcação composta por diversos tripulantes sob comando de um capitão que, dotado de técnicas e conhecimentos específicos, conduzirá o barco e assegurará a integridade de tudo e de todos até a ancoragem no destino final. Compreendo, portanto, com o aval da semântica, que navegar é preciso, ou seja, exato, quando há conhecimento e aparatos necessários para o direcionamento da embarcação a um porto seguro; enquanto a vida, por mais planejada que possa ser, é repleta de imprecisões. Nesse sentido, ao considerar a subjetividade das ciências humanas e sociais, a exatidão que pretendo aqui é tão somente a de modelos conceituais e esquemas organizacionais, visto que torna-se impossível contar a história resgatando o passado, já que "ele só pode ser redescoberto, narrado a partir de uma imaginação." (RICOUER, 2010, p. 139). Destarte, a escrita deste trabalho é a adjeção de sentenças e conjecturas de uma pesquisadora com o objetivo de analisar as representações² do professor paranaense Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova brasileira, nas décadas 1920 e 1930, em um movimento de precisão de conceitos e análise de documentos.

Os motivos que geraram a busca pela pesquisa e, consequentemente, os mares a serem navegados, fundamentam-se em minha trajetória pessoal e acadêmica, aliando minha área de formação ao nível de graduação em Letras (2009) com o de Pós-Graduação em Educação — História e Historiografia da Educação. Contudo, foi em uma breve passagem pelo curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Centro-Oeste em 2009, mais especificamente nas aulas de História da Educação ministradas pelo Prof. Dr. Carlos Herold Junior, que o despertar pelo tema realmente aconteceu.

¹ Frase dita por Pompeu, general romano, a seus marinheiros e apropriada por Fernando Pessoa em seu poema intitulado "Navegar é preciso". In: PESSOA (2004).

O conceito de "representação" advém dos estudos do historiador francês Roger Chartier e apresenta-se como possibilidade de entendimento social e cultural da realidade através da representação de algo real e permeado de sentido.

Entusiasmada com as aulas, realizei pesquisas e elaborei um projeto sobre o professor e médico paranaense Dr. Nilo Cairo³ com o intuito de analisar os manuais de homeopatia escritos por ele no início do século XX. Porém, deparei-me com a dificuldade de colocar a proposta em prática devido à falta de conhecimento dos termos médicos. Assim, mudei o foco e busquei outro personagem que tivesse atuado na área da educação. O nome de Raul Gomes não tardou a aparecer.

Raul pareceu-me um intelectual multifacetado. Intelectual agui utilizado na perspectiva do historiador francês Jean-François Sirinelli (2003) como aquele que exerce o papel de mediador cultural quando contribui para a difusão e vulgarização dos conhecimentos de uma criação e de um saber através de um certo engajamento que lhe legitima ou privilegia diante da causa defendida. Nessa mesma direção, Leal (2003) aponta que os intelectuais brasileiros contextualizados entre os anos de 1920 a 1940 atuaram a fim de reorganizar o país por meio da promoção de um amplo debate político em torno das questões ligadas à unidade nacional, à modernização e à incorporação de novos setores sociais. Assim, Raul Rodrigues Gomes é considerado intelectual neste trabalho por inserir-se e dialogar com os insights do grupo representativo do "Modelo Paulista de Educação" e do Movimento da Escola Nova, a partir dos quais produziu material cultural de circulação como, por exemplo, artigos, livros e teses apresentadas nas Conferências Nacionais de Educação.

Desta forma, em meio à variedade de publicações de Raul Gomes, optei por aprofundar-me nos discursos e práticas educacionais desse educador elaborando um novo projeto, com o qual fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Após cursar as disciplinas ministradas pelos professores Dr. Norberto Dallabrida, Dra. Maria Teresa Santos Cunha e Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive, revi as fontes documentais que possuía e, em sintonia com as pesquisas desenvolvidas por minha orientadora⁴,

³ Sobre a trajetória do intelectual, ver: FRAIZ, 2014.

⁴ 1) "Grupos Escolares: entre a Pedagogia Moderna e a Escola Nova (1946-1971)", pesquisa concluída em 2015, a qual objetivou compreender as apropriações dos postulados da Escola Nova na legislação educacional e no currículo prescrito para os grupos escolares catarinenses e analisar os desdobramentos provocados na cultura destas escolas a partir da difusão dos postulados da Escola Nova e das inflexões com os pressupostos da Pedagogia Moderna; 2) "Recepción y apropriación de la escuela nueva en manuales escolares brasileiros e españoles - una investigación historico-comparactiva (1930 - 1960)". Pesquisa de viés sócio-histórico-comparado que objetiva pensar relacionalmente acerca dos processos de difusão da Escola Nova na Espanha e no Brasil na segunda metade do século XX, privilegiando a "estética da recepção", entendida na perspectiva de Roger Chartier (2001), como a forma pela qual os discursos são traduzidos (re)interpretados e utilizados, num processo de "invenção criativa", no qual estão envolvidos resistências, tensões,

Gladys Mary Ghizoni Teive, optei por verificar e analisar como se deram as representações de Raul Gomes sobre a Pedagogia da Escola Nova brasileira, muito particularmente sobre três de seus mais caros princípios, a saber: valorização do aluno como um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, laicidade, e obrigatoriedade do ensino, entre as décadas de 1920 e 1930, período em que encontram-se as suas principais publicações no campo da educação e também sua amizade com Orestes Guimarães⁵ - representante do Modelo Paulista de Educação, sedimentado na chamada Pedagogia Moderna, e correspondências com Fernando Azevedo⁶, um dos maiores expoentes do movimento escolanovista brasileiro.

Raul Rodrigues Gomes nasceu em 27 de abril de 1889, na cidade de Piraquara/PR. Filho Joaquim Rodrigues Gomes, comerciante português de ervamate e primeiro prefeito de Piraquara/PR, e do 2º casamento de sua mãe, Guilhermina Lisboa da Costa Gomes, que era professora, uma distinção na época, que lhe possibilitou o acesso ao chamado "capital cultural incorporado":

[...] acumulação de capital cultural desde a mais tenra infância — pressuposto de uma apropriação rápida e sem esforço de todo tipo de capacidades úteis — só ocorre sem demora ou perda de tempo, naquelas famílias possuidoras de um capital cultural tão sólido que fazem com qu e todo o período de socialização seja, ao mesmo tempo, acumulação. Por consequência, a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a mais dissimulada forma de transmissão hereditária de capital. (BOURDIEU, 1997, p.86)

táticas e acordos. Mais do que buscar semelhanças ou diferenças entre ambos os países, esta investigação em andamento, pretende compreender os problemas da recepção e apropriação da Pedagogia da Escola Nova e os interfaces com a Pedagogia Moderna. 3) "Professor Orestes Guimarães: biografia de um educador", em andamento, a qual objetiva analisar a partir do Método Onomástico e do conceito de Configuração, de Carlo Ginzburg, a trajetória do professor Orestes de Oliveira Guimarães (1871- 1931), membro das "Missões de professores paulistas", que na década de 1910 foi contratado pelo Estado de Santa Catarina para modernizar a sua instrução pública nos moldes da reforma empreendida em São Paulo, em 1891.

⁵ Orestes Guimarães (1871-1931) era membro da chama Missões de Professores Paulistas, movimento que nos anos 1910 ficou conhecido como Bandeirismo Paulista. Diretor de grupos escolares do estado de São Paulo, foi contratado, em 1907, pelo governo do estado de Santa Catarina para nacionalizar o Colégio Municipal de Joinville. Tendo em vista o sucesso obtido nessa empreitada, em 1910 foi convidado pelo governador Vidal Ramos para reformar a instrução pública catarinense nos moldes da reforma paulista. Sobre a reforma por ele empreendida na Escola Normal Catarinense, conferir: TEIVE, 2008. E sobre a reforma do ensino primário: TEIVE, 2011.

⁶ Fernando de Azevedo (1894-1974) foi integrante do movimento reformador da educação pública, da década de 1920. Entre 1927 e 1930, promoveu ampla Reforma Educacional no Rio de Janeiro, capital da República. Fundou a Biblioteca Pedagógica Brasileira e, em 1932, lançou e redigiu, junto com outros vinte e cinco educadores e intelectuais, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Como diretor-geral, promulgou o Código de Educação do Estado de São Paulo (1934), participou da fundação da Universidade de São Paulo e fundou e dirigiu por mais de 15 anos a Companhia Editora Nacional. Para saber mais sobre Fernando de Azevedo, consultar: PENNA, 2010.

ta ir O oitavo avô materno de Raul, o Capitão Balthazar Carrasco dos Reis, natural de São Paulo, foi um dos fundadores da cidade de Curitiba/PR. Também, os irmãos de sua avó materna, Capitão João de Sousa Dias Negrão e Ricardo de Sousa Dias Negrão, exerceram posição de destaque como deputados provinciais do Paraná, bem como o filho de João Negrão, o historiador Francisco de Paula Dias Negrão, que escreveu a obra *Genealogia Paranaense* (1926)⁷.

Em Piraquara, Raul Gomes iniciou os estudos primários com sua mãe e, mais tarde, deu continuidade com a orientação de um professor alemão. Anos depois, a família mudou-se para Curitiba e o garoto passou a frequentar a escola do educador Pereira Pitta, onde o professor Francisco de Paula Guimarães lecionava a matéria de Língua Portuguesa, a qual Raul tinha certa predileção. Em 1904, foi matriculado na Escola Normal, anexa ao Ginásio Paranaense, concluindo o curso no ano de 1907 e ingressando imediatamente no magistério na escola isolada da cidade de Morretes/PR.

Em 10 de janeiro de 1914, Gomes casou-se com a também normalista Carmen Schaffenberg de Quadros, filha do Sr. Antonio Manoel de Quadros e irmã do Major Reinaldino Schaffenberg de Quadros, este, que, por sua poesia, ocupou a cadeira de nº 38 na Academia de Letras do Paraná. O casal teve quatro filhos, Glicera, Danilo, Raul e Carmen Guilhermina, sendo os três últimos acometidos pela diabetes, enfermidade para a qual poucos recursos eram conhecidos naquele tempo, e falecidos ainda muito jovens.

Raul Gomes teve uma breve passagem por Rio Negro/PR e, em 1919, mudou-se para Joinville/SC onde dirigiu o Grupo Escolar Conselheiro Mafra e lecionou para operários na Escola Complementar Anexa, além de criar a Escola Prática Joinvillense que oferecia aulas diárias de escrituração mercantil, português e aritmética⁸, encerrando então sua atividade no ensino primário. Crê-se ter sido nessa oportunidade que conheceu a obra do professor paulista Orestes de Oliveira Guimarães, que no cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública de Santa Catarina, havia reestruturado radicalmente a educação e o ensino catarinense nos moldes da reforma do Estado de São Paulo (1911-1918), segundo os postulados da Pedagogia Moderna. Na época em que Raul Gomes chegou a Joinville, Orestes já não ocupava

O trabalho citado sua primeira publicação em 1926, ganhando novas edições até 1929. Com a morte do historiador, houve a interrupção da obra, sendo reeditada apenas em 1946. Ver: NEGRÃO, 1926-1950.

⁸ Informação retirada de anúncio publicado no Jornal de Joinville em 08 de janeiro de 1921.

o cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública, mas o de Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas pela União, leia-se escolas estrangeiras, as quais existiam em grande número na região de Joinville. Talvez tenha sido nessa função que o conheceu e passou a admirá-lo, mantendo contato epistolar com ele quando do seu retorno ao Paraná e publicando uma série de artigos enaltecendo a sua obra no Estado de Santa Catarina, nos anos 1920.

Em 1921, retornou para Curitiba desejando instalar-se ali definitivamente com a família. No mesmo ano, ingressou nos Correios como guarda-livros da Sub Contadoria do Paraná e passou a ofertar em sua residência aulas de escrituração mercantil, datilografia e prática de redação⁹, assim como já fazia em Joinville.

Sempre empenhado com as questões da educação, Gomes teve uma vasta produção de artigos em jornais curitibanos, entre os anos de 1920 a 1930, nos quais defendia a necessidade de se implementar uma educação nova no Estado do Paraná, amparada, sobretudo, nos preceitos de Ovide Decroly e de Maria Montessori, que vinham sendo propagados há algum tempo na Europa e nos EUA. Por conta disso, engajou-se, juntamente com outros intelectuais, no movimento pela Escola Nova, apresentando teses nas Conferências Nacionais de Educação (CNE) promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), nos anos de 1927, 1928 e 1929, em Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo, respectivamente. Nesses eventos estabeleceu uma rede de relações com diversos intelectuais, principalmente com Fernando de Azevedo com quem manteve, segundo descobri, correspondências durante os anos de 1932 e 1973. Talvez por conta disso, em 1932, foi o único signatário paranaense do documento *A reconstrução educacional no Brasil*, conhecido como *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de autoria de Fernando de Azevedo, o qual teve 26 signatários¹⁰.

Em 1935 formou-se no curso de Economia Política, na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná com a tese *A economia mundial e o descobrimento do*

_

⁹ Em jornais da época, é possível encontrar propagandas sobre o curso. Conferir: Curso Prático de Guarda Livros. **Diário da Tarde**, Curitiba/PR, 23 nov. 1921; Escripturação mercantil ao alcance de todos. **Diário da Tarde**, Curitiba/PR, 28 jan. 1922; Falam os factos. **O Dia**, Curitiba/PR, 24 mar. 1925, p. 6.

¹⁰ O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" contou com a assinatura dos seguintes intelectuais: Fernando de Azevedo, Afranio Peixoto, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquette Pinto, J.G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delegado de Carvalho, A. Ferreira de Almeira Jr., J.P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecilia Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes.

caminho marítimo das Índias. Onze anos mais tarde, conquistou a cadeira para docente desse mesmo curso através da tese Caminhos da Paz: maior produção e melhor distribuição. Permaneceu no ensino superior até sua aposentadoria, em 1959, bem como no ensino secundário do Instituto de Educação de Curitiba como professor de Português e História, e no Colégio Novo Ateneu.

Durante todo seu percurso no magistério, Raul Gomes acumulou a função de jornalista, colaborando em periódicos do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Figuram entre eles os paranaenses O Olho da Rua, Diário da Tarde, O Dia, Comércio do Paraná, Gazeta do Povo, O Estado, Diário do Paraná e A Notícia; os paulistas, Diário de São Paulo e Folha da Manhã; e os cariocas, Diário de Notícias e O Globo. Seu nome também aparece vinculado à criação da Academia Paranaense de Letras (APL), Centro de Letras do Paraná (CLP), Centro Cultural Euclides da Cunha (Ponta Grossa), Sociedade Amigos de Alfredo Andersen, Grupo Editor Renascimento do Paraná (GERPA), Sociedade de Cultura Artística Basílio Itiberê (SCABI), Operação Paraná de Liquidação do Analfabetismo (OPALA), à formação e início da Orquestra Sinfônica do Paraná, à direção Academia Paranaense de Comércio, e, ainda, à criação de várias bibliotecas espalhadas pelo Estado do Paraná¹¹.

Raul Gomes foi, ainda, seguidor e defensor dos princípios espíritas de Allan Kardec, sintetizados pela busca da evolução moral e intelectual com vistas ao alcance da perfeição e da felicidade. Como Kardec também foi educador, Gomes dizia inspirar-se em sua devoção aplicada ao magistério, fazendo dessa atividade um ministério a serviço da humanidade (GOMES, 1936). Talvez por conta dessa influência, Raul lecionava em sua casa cobrando um preço ínfimo, sustentando que ser professor não era apenas profissão, mas uma missão, como revela o título do livro por ele publicado em 1928, *Missão, e não profissão*.

Com idade já avançada, devido a uma série de problemas de saúde, como a perda da visão e dificuldades de audição e de fala, Raul Rodrigues Gomes faleceu em 12 de novembro de 1975, aos 86 anos de idade. No dia seguinte, os jornais curitibanos noticiaram com pesar a passagem do intelectual que fora sepultado no Cemitério Municipal de Curitiba. O secretário da Câmara Municipal, vereador João Derosso, em ofício enviado à Gazeta do Povo e Diário da Tarde, disponibilizou o

-

¹¹ Conferir: Revista Rumo Paranaense. Curitiba, ano II, nº 24.

registro da ata dos trabalhos legislativos com "voto de profundo pesar pelo falecimento do professor catedrático, jornalista e homem de letras, doutor Raul Rodrigues Gomes." (*apud* GAZETA DO POVO, 1975, p. 2).

No mesmo ano, em edição especial, a revista "Rumo Paranaense" publicou uma série de memórias sobre Gomes, sua vida e obra, e o último artigo escrito por ele: "Uma mensagem de amor e afeição aos colegas". Dentre os colaboradores do tributo estão Vasco José Taborda¹² e Luiz Carlos Tourinho¹³. No centenário de seu nascimento, Raul Gomes recebeu uma homenagem no jornal "Indústria e Comércio", de Curitiba, sendo chamado de "Príncipe dos jornalistas paranaenses" e "insubjugável idealista"¹⁴. Em 2015, O Conselho Estadual de Educação do Paraná, em atenção à Deliberação Nº 01/14, aprovada em 19/09/14, instituiu o Prêmio Educação do Paraná¹⁵, tendo como patrono o professor Raul Rodrigues Gomes.

Trata-se, pois, de um intelectual que personificou a figura de um cidadão engajado que refletiu sobre o seu tempo e sobre o que, na época, eram considerados os principais problemas sociais e educacionais. Sua atuação esteve, portanto, inevitavelmente enredada a outros empreendimentos e discursos de alguns intelectuais paranaenses, como, por exemplo, Romário Martins, Newton Guimarães e Dario Velloso. Era um tempo em que se debatiam, dentre outros temas, o atraso do Estado do Paraná em relação à educação escolar e aos processos de formação de professores, e, sobretudo, sobre os *insights* da Escola Nova acerca de como deveria ser a escola primária, o ensino e a aprendizagem.

Nesse sentido, a sua contribuição à história da educação paranaense e brasileira é significativa e multifacetada, já tendo, por conta disso, sido objeto de pesquisas institucionais e artigos publicados em periódicos, bem como de dissertações e teses. Na Universidade Federal do Paraná, sob a coordenação do professor Dr. Carlos Eduardo Vieira, o projeto de pesquisa "Intelectuais,"

¹² Vasco José Taborda (1909-1997) era professor, advogado e membro da Academia Paranaense de Letras. Dentre suas obras, destacam-se "Saturnópolis" e "Os Varredores da Madrugada".

_

Luiz Carlos Tourinho (1913-1998) comandou o 5º Batalhão de Engenharia e o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) de Curitiba, além de ter dirigido o Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná e a Companhia Paranaense de Eletricidade. Foi eleito deputado federal (1954) e, na Universidade Federal do Paraná, foi membro da congregação, diretor e catedrático da Escola de Engenharia, membro da Comissão de Reforma da universidade e do conselho universitário entre 1971 e 1972.

¹⁴ INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1989, p. 2.

¹⁵ Conferir: PARANÁ, Conselho Estadual de Educação. Institui o Prêmio Educação do Paraná, dentro do programa de comemorações do Cinquentenário do Conselho Estadual de Educação do Paraná. Processo nº: 1094/14. Deliberação nº 01/14. Aprovada em 19 set. 2014. Disponível em: http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2014/Del_01_14.pdf. Acesso em: 04/07/2017.

Modernidade e Formação de Professores (1900-1980)" buscou analisar, entre os anos de 2011 e 2014, alguns intelectuais que intervieram direta e indiretamente nas políticas, nos projetos e nas práticas de formação de professores no Estado do Paraná. Integrante desse grupo, a professora Dra. Dulce Regina Baggio Osinski (UFPR) investigou a atuação de Raul Gomes no campo das artes, cultura e educação, como é possível observar em seus artigos Raul Gomes e o Dia do Professor: ações na imprensa em favor da valorização da profissão docente (1914-1970), Entre o sacerdócio e o ofício: Raul Gomes e o papel do professor (1914-1928), Um projeto moderno para a educação e a cultura: a atuação de Raul Gomes, e "Malhadas e remalhadas" de Raul Gomes em favor da educação e da cultura (1910-1970), este último com co-autoria de Anna Carolina Brandalise, mestra em Educação pela UFPR, que também publicou o artigo Raul Gomes (1889-1975) autor e editor: publicações em prol da educação e da cultura no Paraná (1914-1967), e a dissertação de mestrado O intelectual Raul Gomes e suas práticas discursivas na imprensa: narrativas sobre educação, arte e cultura no Paraná (1907-1950).

Daniele Weigert, mestra em História (UFPR), escreveu, em 2009, o artigo Cam em Curitiba: a cidade moderna nascente no conto e na novela de Raul Gomes, no que tange à produção literária do intelectual, mais especificamente sobre o livro O desespero de Cham (1926). Eliezer Félix de Souza, doutor em Educação, publicou em 2012 o artigo Trajetória e discursos educativos do jornalista e professor Raul Rodrigues Gomes na imprensa paranaense (1907-1975) e, juntamente com o Prof. Dr. Névio de Campos (UEPG), produziram o artigo Imprensa no Paraná e o combate ao analfabetismo: trajetória e pensamento de Raul Gomes (1889-1975), referindo-se à atuação de Gomes na imprensa paranaense com o intuito de propalar a ideia da desanalfabetização no Estado. Aline Ellen Rodrigues Luppi (2016) contemplou, sucintamente, em seu trabalho de conclusão de curso As propostas educacionais de Raul Gomes no início do século XX. E, por fim, a monografia apresentada por Vanessa Goes Denardi sob título Da Conscrição às Missões Escolares: Reflexões de Raul Rodrigues Gomes para o ensino obrigatório de qualidade (1927), bem como o artigo O projeto educacional de Raul Rodrigues Gomes (1889-1975): proposições de um intelectual paranaense na I Conferência Nacional de Educação em 1927, sob coautoria do Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior (UEPG). Há ainda outros estudos relacionados à literatura paranaense,

especificamente aos movimentos do nacionalismo e do paranismo, dos quais Raul Rodrigues Gomes foi interlocutor¹⁶.

Com relação ao Movimento da Escola Nova no Paraná, foram encontrados os seguintes trabalhos: o projeto de pesquisa realizado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira, intitulado "Intelectuais, Educação e Modernidade: da Escola Moderna ao Movimento pela Escola Nova (1900-1950)" que, em seu desenvolvimento entre 2008 e 2011, buscou analisar as práticas sociais de alguns intelectuais paranaenses no que se refere aos discursos de modernidade prescritos pela Escola Nova. Em consonância com esses estudos, o referido coordenador publicou os artigos "O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto" e "A trajetória de Erasmo Pilotto no âmbito do Movimento pela Escola Nova: levantamento, catalogação e análise de fontes históricas", este último em parceria com a professora Dra. Caroline Baron Marach, da Faculdade Educacional da Lapa (FAEL).

A professora Dra. Maria Elisabeth Blanck Miguel (UFPR) contemplou o tema em sua tese de doutorado intitulada "A Pedagogia da Escola Nova na formação do professor primário paranaense: início, consolidação e expansão do movimento", e nos artigos "A Reforma da Escola Nova no Paraná: as atuações de Lysímaco Ferreira da Costa e de Erasmo Pilotto", *A Escola Nova e Intelectual Educador, A Pedagogia da Escola Nova e a Organização Social do Trabalho*, e , sob co-autoria da professora Dra. Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira (PUC/PR), "A Escola Nova no Paraná: Avanços e Contradições". A professora Dra. Denise Kloeckner Sbardelotto (UNIOESTE) publicou, em 2015, o artigo "História dos Cursos Normais Púbicos de Formação de Professores Primários no Estado do Paraná" em que se analisa a organização política dos Cursos Normais sob a influência da Escola Nova (1920-1946). Nenhum desses estudos, todavia, teve como foco as representações de Raul Rodrigues Gomes acerca do Movimento da Escola Nova, o que ressalta a relevância e singularidade da investigação que aqui se pretende realizar.

_

¹⁶ Outros trabalhos de que citam as ações de Raul Gomes: Joaquim contra o Paranismo (dissertação – UFPR), de Luiz Claudio Soares de Oliveira; A Novella Paranaense: O Mais "Arrojado" Empreendimento Literário do Paraná nos Anos 20 (artigo) e Intrigas & Novelas: Literatos e Literatura em Curitiba na década de 1920 (tese - UFPR), ambos de Regina Elena Saboia Iorio; Anos 20 – Identidades e nacionalidade em discussão no Paraná (artigo), de Valquiria Elita Renk; e Imprensa, intelectuais e os discursos acerca da educação no jornal Diário da Tarde (Paraná, década de 1920) (monografia – UFPR), de Nívea Celine da Silva.

Apresentado o estado da arte das pesquisas no que tange a Raul Gomes e ao Movimento da Escola Nova no Estado do Paraná, cabe apresentar os objetivos específicos desta pesquisa, quais sejam: 1) Compreender a dinâmica do Movimento da Escola Nova no Paraná e suas interconexões com o movimento nacional; 2) Conhecer como se deu a adesão de Raul Rodrigues Gomes ao Movimento da Escola Nova; 3) Compreender quem foram os seus interlocutores, tanto no Paraná como no Brasil; e 4) Levantar as leituras por ele realizadas acerca da Escola Nova; 5) Analisar as suas representações sobre os postulados da Escola Nova, como a valorização do aluno como um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, a laicidade, e a obrigatoriedade.

Para tal, partir-se-á da análise das teses "Conscripção Escolar" e "Missões Escolares", apresentadas na I Conferência Nacional de Educação, realizada em Curitiba, em 1927; e "O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema", apresentada na III Conferência Nacional de Educação, realizada em São Paulo, em 1929; em consonância com alguns artigos publicado em jornais da época, os quais foram pesquisados na Biblioteca Pública do Paraná e da Universidade Federal do Paraná, Hemeroteca Digital Brasileira, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Arquivo Público do Paraná, Museu Paranaense e Instituto de Estudos Brasileiros (USP). Crê-se, assim, que o entrelaçamento de fontes ajudará na compreensão acerca do lugar ocupado por Raul Rodrigues Gomes no movimento da escola paranaense e brasileira e sobre as suas representações sobre os postulados da Escola Nova.

Para a análise destas fontes, será movimentado o conceito de representação do historiador francês Roger Chartier. Segundo o referido autor,

[...] não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação. Ou seja, qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação. (CHARTIER, 2011, p. 16)

É interessante, pois, compreender as representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a posição do Movimento da Escola Nova brasileiro e paranaense dentro do campo educacional, em particular, e as suas representações sobre alguns de seus conceitos, tal como a valorização do aluno como um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, a laicidade, e a obrigatoriedade. Assim, o conceito de representação é entendido como uma "prática em que seus agentes se posicionam (sejam eles indivíduos, grupos ou classes) e que "representa" seu objeto a partir das posições dos agentes nela efetuadas." (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 58).

O conceito de *campo*, abordado por Pierre Bourdieu (1996), é utilizado para caracterizar o âmbito educacional, dentro do qual está inserido o Movimento da Escola Nova, a medida em que este prevê disputas ideológicas em um *campo de forças* que coage os agentes nele inseridos, bem como em um *campo de lutas*, no qual os agentes atuam conforme seus posicionamentos, mantendo ou remodelando sua estrutura.

Para Bourdieu (1983), cada campo tem suas propriedades específicas, como são uma espécie de jogo, em que estabelecidas relações entre participantes/agentes em uma luta de interesses em busca de um monopólio que envolve alianças, rupturas e estratégias. Esses agentes, por não serem sujeitos estáticos, que obedecem a uma estrutura mais global, são habilitados a criar, participar, e, principalmente, a lutar por um capital simbólico que outorga legitimidade, prestígio e autoridade. Assim, todos os agentes da luta contribuem para a reprodução do jogo agregando valor ao que está sendo disputado. Nesse sentido, é importante saber o posicionamento de Raul Gomes dentro do jogo do campo educacional para, então, compreender a escolha de suas concepções e de sua rede de sociabilidade que compactuaram para a conservação da produção desse campo através de seus escritos relacionados a outras obras - passadas ou contemporâneas - sobre a Escola Nova.

Nesse movimento de análise das condições em que se deram os entendimentos desses conceitos, é preciso buscar, ao invés de uma totalidade, a compreensão de um ponto de entrada particular (um acontecimento importante, um relato de vida, uma rede de práticas específicas), já que cada prática social é produzida pelas representações, que não costumam ser claras, tampouco equivocadas, sendo através delas que os homens dão sentido ao mundo. (CHARTIER, 1991a).

Uma história que atenda as diferentes modalidades de construção de sentido, segundo Chartier, deve considerar uma história de práticas e uma história de

representações. Esse novo enfoque a concebe como o resultado de "uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem." (CHARTIER, 1991a). Isso significa reconhecer a materialidade, a origem concreta e situada das ideias.

Analisar, portanto, as representações de Raul Gomes acerca da Escola Nova em suas teses e artigos, como esta dissertação se propõe a fazer, "é encarar o desafio de realizar uma crítica documental que extraia das representações os vestígios, constituídos em representações de um objeto." (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 59). No entanto, é preciso estar atento a tal representação, como expõe Chartier (2002), pois esta, segundo definições antigas, pode gerar uma dupla compreensão: 1) presentificação do ausente, substituindo-lhe por algo habilitado a restituí-lo em memória, supondo uma clara diferença entre o que representa e o que é representado; e 2) exibição de presença, manifestação pública de coisa ou pessoa. No caso do protagonista deste trabalho, é possível dizer que sua representação deu-se através dessas duas definições, já que seus escritos, principalmente das teses que aqui são estudadas, ressaltaram e projetaram publicamente os preceitos do Movimento da Escola Nova, havendo identificação entre o representante e o representado e produzindo uma prática de produção de sentido.

No que se refere aos aportes metodológicos, optou-se pela pesquisa e análise documental considerando os discursos de Raul Gomes "em seus próprios dispositivos, suas articulações retóricas ou narrativas, suas estratégias de persuasão ou de demonstração" (CHARTIER, 1991a, p. 187). Nesse sentido, as representações sobre a Escola Nova serão analisadas através de pistas que permeiam o discurso educacional do intelectual nas teses por ele apresentadas nas Conferências Nacionais de Educação (CNE), de seus escritos jornalísticos e das cartas trocadas com seus pares.

Quanto à estrutura do texto, o primeiro capítulo, *Introdução: Navegar é preciso*, contempla a justificativa da pesquisa, a definição e delimitação do problema, os objetivos perseguidos bem como os aportes teóricos e metodológicos. Contempla, também, a apresentação do intelectual a ser estudado, situando a sua relevância na história da educação paranaense e brasileira.

O segundo capítulo, *O movimento da Escola Nova no Paraná e a abordagem do Professor Raul Gomes*, analisa a dinâmica da Escola Nova no referido Estado e

as suas interfaces com o movimento nacional; discute como se deu a sua conversão ao Movimento, posto que até 1920 era um ferrenho defensor da Pedagogia Moderna e das representações que o professor Orestes de Oliveira Guimaraes - paulista radicado em Santa Catarina - fazia dela; e aborda quais foram os seus interlocutores no que se refere às ideias da Escola Nova, bem como as relações que manteve com os chamados *Pioneiros da Escola Nova*, muito particularmente através das correspondências trocadas com Fernando de Azevedo. Além disso, trata da participação efetiva de Raul Gomes nas três primeiras Conferências Nacionais de Educação como conferencista e delegado do Estado do Paraná.

O terceiro, Por mares nunca d'antes navegados: as representações do professor Raul Gomes sobre a Escola Nova, traz as suas representações sobre os postulados do Movimento, muito particularmente, sobre os da valorização do aluno como um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, da laicidade, e da obrigatoriedade, tendo como fontes as quatro teses por ele apresentadas nas Conferências Nacionais de Educação: sendo "Conscripção Escolar" e "Missões Escolares" (Curitiba – 1927); e "O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema" (São Paulo - 1929). Para dar maior embasamento aos discursos do intelectual na época e compreender as representações escolanovistas em suas teses, utilizou-se, através de um entrecruzamento de ideias e escritos, documentos norteadores, tal como o livro Introdução ao Estudo da Escola Nova, de autoria de Lourenço Filho considerado um dos cardeais do movimento escolanovista brasileiro – e o Manifesto dos Educadores da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo, ambos aqui considerados como uma espécie de bússola para orientação dentro do campo educacional no período analisado.

Por fim, no quarto e último capítulo, *Ancoragem*, é apresentada uma síntese das principais conclusões obtidas, dos problemas encontrados e dos desdobramentos que este trabalho pode oferecer aos pesquisadores.

Como um *plus*, nos apêndices, designados *Um aviso aos navegantes* em alusão ao título do epílogo escrito por Raul Gomes anexo a sua autobiografia¹⁷, são apresentados dois quadros: o primeiro traz o ano de publicação e a quantidade de

_

Curitiba/PR.

O referido documento encontra-se na pasta de Raul Rodrigues Gomes disponível para consulta Divisão de Documentação Paranaense (DDP) na Biblioteca Pública do Paraná. In: RAUL Rodrigues Gomes, 1889-1975 [pasta]. Biblioteca Pública do Paraná – Divisão de Documentação Paranaense.

livros e folhetos por ele publicados, em primeira edição, entre 1914 a 1967; e o segundo, os artigos publicados por Raul Rodrigues Gomes entre os anos de 1907 e 1975. Já nos anexos, apresentam-se as *Capas de marear*, uma exposição das obras publicadas pelo intelectual paranaense e que encontram-se disponíveis na Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.

Espera-se, portanto, que esta dissertação alcance os objetivos aqui firmados e contribua para enriquecer os estudos sobre a história da educação brasileira e, em particular, a paranaense, incentivando novas navegações pelos "mares" do multifacetado mundo da Escola Nova no Brasil e suas múltiplas representações.

2 O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA NO PARANÁ E O DEVIR DO PROFESSOR RAUL RODRIGUES GOMES

Este capítulo dedica-se à compreensão de como se deu o Movimento da Escola Nova no Paraná em consonância com a ação nacional, e a atuação de Raul Rodrigues Gomes nesse contexto, considerando suas redes de sociabilidade e principais interlocutores através de documentos e vestígios históricos que permitem refletir sobre sua inserção nesse Movimento. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2003), um campo só pode funcionar se encontra indivíduos socialmente predispostos a se comportarem como agentes responsáveis, a arriscarem-se para perseguir os objetivos e obter proveitos decorrentes.

Esse campo educacional, no qual situa-se o Movimento da Escola Nova, traduz relações de poder e embates entre grupos bem específicos, os católicos e os liberais, os quais serão melhor debatidos e analisados nas seções sobre a Associação Brasileira de Educação e as conferências por ela organizadas. Essas lutas de representações "têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio." (CHARTIER, 1991a, p. 177). Em meio a essas disputas, encontram-se os pioneiros paranaenses em busca da modernização pedagógica e de uma reforma curricular sistêmica, ou seja, de políticas públicas que deveriam mudar profundamente a organização tradicional do sistema educativo, combatendo, assim, uma escola ineficiente, proliferando e criando a produção de espaços periescolares¹⁸ e aportes legais para sua consecução (PIMENTEL, 2003).

É nessa vertente que faz-se necessário o estudo da dinâmica da Escola Nova no Paraná e suas interfaces com o movimento nacional e a análise da adesão de Raul Rodrigues Gomes a essa mobilização, discutindo sua defesa inicial dos postulados da Pedagogia Moderna - que alicerçou as reformas da instrução pública nos anos 1910 a partir do modelo paulista - e a paulatina rendição aos princípios defendidos pela Escola Nova, muito especialmente os da laicidade, obrigatoriedade

enquadrar a família no discurso educacional renovador da Escola Nova.

-

¹⁸ Os ambientes periescolares são entendidos como espaços que cercam a escola e cooperam na tarefa educativa, envolvendo famílias, professores e comunidade em geral. As instituições periescolares, compreendem, por exemplo, as Associações de Pais e Mestres e as agremiações esportivas, recreativas, literárias e científicas. Para os pioneiros da educação, era preciso inserir e

do ensino e a ênfase na figura do aluno como centro do processo de ensinoaprendizagem.

Figura 1 – Raul Rodrigues Gomes: catedrático de Direto da Universidade do Paraná (1946)



Fonte: Acervo da Família Gomes

O termo Escola Nova surgiu na Europa e América do Norte no final do século XIX e se estabeleceu no início do século XX como alternativa ao ensino tradicional, já que suas metodologias e conceitos educativos estavam acordados com o tipo de ensino que a nova sociedade desejava. Essa tendência chegou ao Brasil na década de 1920 sob a égide de um discurso renovador das escolas do país, produzindo enunciados que, desenhando alterações no modelo escolar, desqualificavam aspectos da forma e da cultura em voga nas escolas, aglutinadas em torno do termo "tradicional". (VIDAL, 2000).

Abalado pelo descrédito de seus dogmas, o tipo de escola rotineira já não encontrava espaço nas cogitações dos novos sistemas educativos, com que se enobreciam, no século corrente, as nações moral e economicamente prósperas. Já

não era mais possível viver dos antigos meios educativos em que o centro do aprendizado era a palavra do professor e os alunos permaneciam como simples receptores de ideias, em uma verdadeira ditadura das palavras e da decoração.

Como antecessora e base da dita Escola Nova, já vigoravam no país, nas duas primeiras décadas do século XX, as ideias da chamada Pedagogia Moderna uma síntese das proposições de Comenius e Rousseau efetuada por Pestalozzi, a qual contrapunha-se ao antigo método de ensino baseado na palavra do mestre, no verbalismo e na memorização. Segundo Teive (2008, p. 30), Pestalozzi acreditava que esse método deveria ser substituído

pelo método de ensino intuitivo ou lições de coisas, fundado numa nova forma de conceber o conhecimento, iniciada no século XVII, a qual preconizava que a origem do conhecimento são os sentidos humanos. Para além da memorização e da repetição de palavras e de textos, o novo método de ensino propunha o contato direto da mente com a coisa, com o objeto, com a natureza: *intueri, intuitus*.

Apontava, portanto, os sentidos como os primeiros "utensílios" dos conhecimentos: antes de ensinar a criança a ler, era preciso ensiná-la a ver, olhar, observar. Nesse sentido, via-se a necessidade de aplicar o método de ensino intuitivo e as lições de coisas¹⁹, tidos como base absoluta e fundamental da instrução primária. O conhecimento do método de ensino intuitivo abriu caminhos para a modernização da educação escolar, para a percepção de que o conhecimento não deveria ser apenas

transmitido, memorizado e repetido, mas gerado com base no contato do/a aluno/a com o objeto concreto, nas suas experimentações. Esta nova concepção de aprendizagem irá inaugurar uma nova forma de organizar o ensino e a escola: para além da palavra do mestre e do compêndio, impôsse, então, a pedagogia dos sentidos, da manipulação das coisas e dos objetos e, quando não fosse possível a presença direta destes/as, o contato da criança com imagens e ilustrações, as quais, pouco a pouco, tornaramse tão importantes quanto o texto nos livros didáticos. A aprendizagem através do contato da criança com as coisas era vista como condição *sine qua non* para as aprendizagens posteriores, para as abstrações ... (TEIVE, 2008, p. 118).

_

¹⁹ A aplicação do método intuitivo partia de um ensino objetivo, real e pelo aspecto, denominado, portanto, de lições de coisas. Tal método era considerado o mais apropriado para espertar o desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais, e a aquisição do conhecimento.

Era preciso caminhar *pari passu* com o desenvolvimento progressivo do espírito humano, procurando exercitar e desenvolver na criança o desejo de aprender, conhecer e descobrir, aprimorando-lhe, simultaneamente, as faculdades latentes para, mais tarde, haver a compreensão e assimilação de assuntos mais intrincados, partindo do simples para o complexo, do conhecido para o desconhecido, do concreto ao abstrato, da análise para a síntese. "Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também a ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber." (VIDAL, 2000, p. 498).

Segundo Carvalho (2011, p. 186), a Pedagogia Moderna era concebida como

uma pedagogia prática, na qual a arte de ensinar é prescrita como boa imitação de práticas modelares; em que "ensinar a ensinar" é fornecer bons moldes, seja na forma de roteiros de lições, seja na práticas exemplares cuja visibilidade é assegurada por estratégias de formação docente.

A Pedagogia Moderna, que embasou as reformas da instrução pública de diferentes Estados da federação na década de 1910, seja através da contratação e professores paulistas, seja através do envio de professores para estágio no Estado de São Paulo, persistiu até os anos 1920, quando foram efetuadas novas reformas tendo como base, os princípios da Escola Nova - iniciadas por São Paulo (1920), precedida por Ceará e Paraná (1923), Bahia (1925), Minas Gerais (1927/28), Pernambuco (1928/29) e, por fim, Rio de Janeiro (1928) (FERREIRA, 1994).

Nessa época, o Brasil via-se, ainda, assombrado pelo analfabetismo intenso e, portanto, pela ignorância generalizada. Como Prometeu acorrentado a uma rocha²⁰, o país era um titã atado ao poste do analfabetismo. Além disso, a nacionalização e industrialização também estavam atrelados aos problemas educacionais, pois "a atmosfera intelectual dos anos vinte enfatizava a educação como meio privilegiado da construção da identidade do povo e da nação, bem como condição para o desenvolvimento econômico e o bem estar social." (VIEIRA, 2001, p. 58).

O processo de desenvolvimento dos Estados "trouxe no seu contexto a discussão e defesa da escola pública, obrigatória e gratuita, tese defendida por

²⁰ ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURIPIDES. **Prometeu acorrentado; Édipo rei; Medéia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 224 p.

educadores e intelectuais que viam na educação a solução para o problema do atraso social do país." (MIGUEL; VIEIRA, 2005, p. 3). Assim, surgiram as discussões sobre a Educação Nova que, para diversos intelectuais brasileiros, significava a síntese de um futuro melhor, em que o homem, livremente desenvolvido e de posse de sua expressão pessoal mais ampla, empregaria suas atividades obedecendo aos mais nobres ideais de justiça e cordialidade, com maior e melhor conhecimento do homem, bem como máxima consciência das possibilidades de inserção das novas gerações em seus grupos sociais (LOURENÇO FILHO, 1967).

Passou-se, assim, a defender a necessidade de considerar e conhecer a criança e o meio, e em seguida focalizar as suas necessidades e coordenar os movimentos para um reajustamento compensador. Foi nesse período, portanto, que os estudos de Maria Montessori e Ovide Decroly começaram a ser apropriados e propagados pelo país e uma nova concepção de pedagogia surgia: a da Escola Nova/Ativa. Nesse sentido, faz-se necessário distinguir os modos de articulação dos saberes pedagógicos e das práticas escolares abordadas pela Pedagogia Moderna e a Pedagogia da Escola Nova: aquela pregava a reprodução de bons moldes, já essa seguia duas tendências de ordem geral, a revisão dos *meios de educar* e a análise dos *fins da escola*. (LOURENÇO FILHO, 1967).

O método Montessori começou a ser aplicado nos jardins de infância italianos para estimular as faculdades das crianças em um ambiente de plena liberdade, rodeado, porém, de coisas sugestivas, de objetos que despertavam a iniciativa ao aprendizado, excitando naturalmente a atenção da criança e suscitando à atividade individual e para o trabalho material e mental (autoeducação). A palavra de ordem era *liberdade*, porém uma liberdade mediada, e não uma liberdade-abandono. Já o programa do pedagogo belga, Ovide Decroly, tinha por objetivo três fases: observação, associação e expressão e por lema "o destino de um ser qualquer é viver", ou seja, a educação deveria ter por fins manter a vida e fazer com que o indivíduo alcançasse um grau de desenvolvimento que sua constituição e meio lhe exigissem.

Tais métodos foram bastante divulgados e explorados em São Paulo através das ações de Lourenço Filho no final da década de 1920, que afirmava que tanto no sistema de Montessori, quanto no de Decroly, as mudanças tecnológicas antecederam mudanças nos modos de conceber a vida, na escolha ou opção entre ideias e valores. "Na forma mais ampla, essa concepção é vitalista, no sentido de

que o bem supremo é fina vida e seu pleno desenvolvimento" (LOURENÇO FILHO, 1967, p. 180). No Paraná, sua introdução deu-se através dos "Cursos de Cultura Pedagógica", organizados pela Associação Paranaense de Educação (APE), particularmente do curso intitulado *A caminho da Escola Renovada*, ministrado por Raul Rodrigues Gomes com o objetivo de estudar e levar a conhecer as obras escolanovistas²¹.

Segundo Lourenço Filho (1967), a Movimento pela Escola Nova surgira pela necessidade de revisão dos *meios de educar*, já que era preciso substituir normas empíricas por outras de maior legalidade técnica na sistematização escolar, além de reavaliar os *fins da escola*, analisando-os como uma problemática da educação ou filosofia educacional. Ele também destacava duas razões para o fomento do Movimento:

A primeira, a convicção de que a escola devesse facilitar a todos certa soma de conhecimentos de que a posse representaria um bem, por si mesma. Só uma perversão inata, pensava-se, levaria a refugá-la; donde a consequência lógica e natural de uma pedagogia da imposição. (...) A segunda razão consistia em que a criança, por muito tempo motivo de interesse prático, ainda não era tida como motivo de interesse especulativo. Por necessidade de ordem biológica e social (...) a criança tinha importância nos costumes e nas leis, não, porém, no domínio do saber, mediante pesquisa das condições reais de seu crescimento e adaptação social. (LOURENÇO FILHO, 1967, p. 21)

Nesse sentido, a Pedagogia Nova, porque *moderna* e *ativa*, partia do pressuposto natural de que a aprendizagem da criança não deveria ser quantitativa, mas sim operativa. Precisou-se, portanto, redefinir o conceito de *atividade*, pois as práticas escolares deveriam ser reguladas por normas diferentes daquelas que estabeleciam a arte de ensinar como cópia de modelos e a arte do aprender como prática das *faculdades da alma* (CARVALHO, 2011). As escolas primárias deveriam ser um laboratório de ensino prático, a fim de despertar as tendências intelectuais, morais e físicas da criança em relação ao meio social, ou seja, a escola deveria ser para a criança, e não a criança para a escola²². Nesse viés, Nagle (2009, p. 272), afirma que o Movimento da Escola Nova, como antônimo da "escola tradicional", fundamentou-se, primordialmente, em uma nova concepção sobre a infância, alicerçando-se na "institucionalização do respeito à da criança, à sua atividade

²¹ Conferir: A caminho da Escola Renovada. **O Dia**. 2 ago. 1929, p.4.

²² Máxima da pedagogia moderna defendida pelo psicólogo suíço Édouard Claparède (1873-1940).

pessoal, a seus interesses e necessidades, tais como se manifestam nos estágios de seu 'desenvolvimento natural'.".

A Escola Nova encontrou no Paraná, inicialmente, alguns intelectuais como Dario Vellozo, Lysímaco Ferreira da Costa e Raul Gomes com anseio pela mudança e modernização do ensino, que mais tarde foram tomados como precursores de Erasmo Pilotto, educador este que despertou-se bastante jovem para as elucubrações sobre os problemas educacionais através de seu desempenho na Escola Normal de Paranaguá e, depois, como diretor da Escola Normal de Ponta Grossa, aplicando sempre sua energia para salutares tentativas de vincular a escola ao meio social e infundir na docência o espírito da educação nova.

Devo dizer que a concepção de Escola Nova, sendo, no início, em meu espírito, apenas uma orientação metodológica, ou uma visão da escola, passou a ser, como é próprio, e eu fui vitalmente sentindo, uma concepção geral de vida; um espírito novo para a Imagine-se, mais do que a escola, toda a educação estendendo-se, assim, por toda a vida humana, a sociedade, preocupada com o ambiente e com os objetivos de "formar um ser humano consciente da própria dignidade humana"; de "uma forma de vida que se oriente para a plenitude e para a alegria"; da "liberdade a serviço da sociedade"; de "uma disciplina condizente com a liberação das forças espirituais que residem no educando"; de "favorecer o ímpeto criador, o gênio inventivo, a imaginação, o desenvolvimento das emoções e das sensações de ordem artística"; de "levar a criança a querer realizar na vida a supremacia do espírito, para o que a educação, qualquer que seja seu ponto de vista, há de ter em mira conservar e acrescentar as energias espirituais da criança"; da "liberação do educando, mediante esforços reunidos no método científico e da compreensão intuitiva, a fim de que se possa sacar o maior rendimento de suas capacidades inatas, para o seu bem e o da sociedade" (PILOTTO, 2004, p.66).

Tidos como renovadores, esses intelectuais introduziram no Estado, inseridos em pequenos círculos de leitura e através de boletins de pouca circulação, os novos preceitos modernos de educação, ganhando força através do respaldo imposto pelo quadro nacional e internacional favorável à renovação dos métodos e das finalidades da escolarização (VIEIRA, 2001).

É mister ressaltar que, segundo Miguel (1997), a entrada da Escola Nova no Paraná teve alguns fatores viabilizadores, como a modernização da indústria de erva mate; a aliança entre a burguesia paranaense em ascensão com a burguesia cafeeira paulista; a pressão popular por escolas e professores para acesso a melhores lugares na organização trabalhista na sociedade, incluindo imigrantes e

europeus; e a ciência dos governantes, devido ao contexto da industrialização, sobre a necessidade de modernização da educação, organizando-a conforme os princípios de racionalização administrativa. Assim como também é importante destacar que não há, de fato, uma data de início dos estudos da Escola Nova no país e no Paraná, mas presume-se que, através das fontes históricas, a entrada das "leituras novíssimas" se deram a partir de 1920. Por isso, Vieira (2001) chama a atenção para um "erro" cometido ao estabelecer relação direta dos preceitos da Escola Nova com a I Conferência Nacional de Educação (1927), apesar de ser possível avaliar em algumas teses, como na de Raul Gomes, alguns pontos escolanovistas sobressalentes.

Com o intuito de atrelar os estudos nacionais sobre a modernização do ensino, antecedendo a I CNE, em agosto de 1927, o então Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, Sr. Lysímaco da Costa, a pedido da Associação Brasileira de Educação (ABE), realizou no Rio de Janeiro uma conferência sobre os aspectos do ensino paranaense, evento esse que contou com a presença de grande número de professores e representantes de outros estados brasileiros. Autor do projeto de reorganização do ensino primário no Paraná, Lysímaco da Costa expôs os esforços realizados para orientar e animar os professores e alunos para uma escola nova de fato, racional e profunda. Acredita-se que a escolha por Lysímaco tenha sido motivada, além de sua amizade com os fundadores da ABE, pelo fato de que o Paraná, desde 1923, propunha novas Bases Educativas para a organização da Escola Normal Secundária do Estado.

No mesmo ano, o discurso moderno ganhou ainda mais força e causou mais debates no Estado com a instalação da I Conferência Nacional de Educação em Curitiba e, entre os anos de 1927 e 1930, os intelectuais paranaenses empenharamse em divulgar, através de diferentes veículos de comunicação, os ideais renovadores da educação.

Foi com os homens dessa geração, idealistas práticos, realistas a serviço do espírito, que se formou, no Brasil, uma "consciência educacional", com que problema da educação, tratado e discutido sob todos os aspectos, passou para o primeiro plano das cogitações, preparando-se o caminho para as grandes reformas escolares. (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2010, p. 21)

Em 1932, o projeto da Escola Nova se firmou no Brasil. Minas Gerais mostrava-se entusiasmada com a Reforma Francisco Campos²³, que contava com uma instrução quase toda imbuída de um espírito novo, pois o Estado importava os princípios e métodos renovadores de especialistas da Europa e Estados Unidos para difundir em suas escolas; Pernambuco também estava em plena renovação pedagógica com o plano Carneiro Leão²⁴, apesar de interrompido devido à crise de 1929 e 1930, com a deposição de Washington Luís e exoneração de Estácio Coimbra; Fernando de Azevedo foi nomeado Diretor de Ensino do Estado de São Paulo, cuja reputação de organizador pedagógico estava instalada devido à Reforma efetuada no Distrito Federal; Anísio Teixeira reajustou a Reforma Fernando de Azevedo, no Rio de Janeiro, transformando a Escola Normal em Instituto de Educação e nomeou Lourenço Filho como diretor da instituição. O estado do Paraná, com o governador Sr. Manoel Ribas, propôs a substituição, no interior, dos leigos por normalistas e buscou "remoçar" o professorado das escolas normais, oportunizando a entrada de jovens promissores como Erasmo Pilotto e Dario Nogueira, além de promover, não somente em Curitiba, eventos com professores para (in)formações sobre o método Decroly (GOMES, 1934). Ainda muito jovem, aos 20 anos de idade, Erasmo Pilotto, já era considerado "um líder da educação nova no Paraná²⁵, pois sua passagem pela Escola Normal de Ponta Grossa foi bastante exitosa no que se refere aos preceitos de uma educação modernizadora, instalando a biblioteca infantil e fundando a sociedade *Amigos da Escola*. 26

Em 1932 ocorreu o advento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que propunha uma grande mudança, ou melhor, a Reforma das Reformas. O Brasil vivia a efervescência política, social e cultural do tempo da Revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas e a aliança liberal. No ano anterior, o presidente Vargas fez-se presente na IV Conferência Nacional de Educação (CNE), realizada em

-

²³ Sobre a Reforma Francisco Campos, ver: DALLABRIDA, 2009.

²⁴ A Reforma Carneiro Leão, oficializada pelo governador Estácio Coimbra, em 1928, foi inspirada na Escola Nova e no discurso modernizador do país. Referia-se a republicanização da República, por meio de uma educação que atendesse às exigências de uma nova sociedade industrial e urbana, evoluindo para uma democracia social e econômica. Ver: ARAUJO, 2009.

²⁵ Denominação que intitula o artigo de Raul Gomes publicado no jornal curitibano "O Dia" em 04 de maio de 1932.

²⁶ Sobre a trajetória educacional de Erasmo Pilotto, verificar os trabalhos dos professores Dr. Carlos Eduardo Vieira e Dra. Maria Elisabeth Blank Miguel: VIEIRA, C.E. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar em Revista**, n. 18, p. 53-72. 2001; e MIGUEL. M.E.B. O significado do trabalho de Erasmo Pilotto no cenário educacional paranaense. Curitiba, **Educar em Revista**, n. 10, p. 81-90. 1994.

dezembro de 1931, e em seu discurso solicitou aos educadores reunidos no evento que apresentassem as bases para uma nova política educacional. Assim, este momento ficou marcado como a origem do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Lançado em março de 1932, o documento/monumento²⁷ sugeria coordenadas para a organização do ensino e da educação pública, na seção intitulada *O estado em face da educação*, em que é definido o papel do Estado em relação à educação no país, estabelecendo que esta deveria ser essencialmente pública, ou seja, direito de todos e de responsabilidade do Estado. Para isso, a escola deveria ser gratuita e obrigatória, em regime de coeducação e laica, o que repercutiu negativamente entre os militantes católicos que, desde 1929, controlavam a ABE, provocando a sua saída da Associação²⁸.

No Paraná, o Manifesto foi encaminhado por Raul Rodrigues Gomes, a pedido de Fernando de Azevedo, para divulgação no jornal *Diário da Tarde*. Devido à impossibilidade de publicá-lo de uma só vez, por causa de sua extensão, o Manifesto figurou sob título "Um Plano Nacional de Educação" entre os dias 29 de março e 07 de abril de 1932, substituindo o espaço dos artigos publicados por Raul Gomes no referido jornal. Defensor de uma nova educação, o professor e jornalista Raul Rodrigues Gomes iniciou a partir daí uma série de publicações nos periódicos curitibanos defendendo o Movimento da Escola Nova e os seus postulados.

²⁷ O termo, utilizado por Jacques Le Goff em seu livro "História e Memória" (1990), é aqui utilizado para caracterizar o Manifesto considerando que "o documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica.". Conferir em: LE GOFF, 1990, p. 535-549.

A partir de então, o grupo de católicos passou a se organizar em torno da Associação de Professores Católicos do Distrito Federal (ACP-DF), a qual mais tarde se transformou na Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE), cujo primeiro presidente foi Everardo Adolpho Backheuser, objeto da tese de doutoramento de Maristela da Rosa intitulada *Escolanovismo Católico Backheusiano: apropriações e representações da Escola Nova tecidas em manuais pedagógicos (1930-1942)*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob a orientação da professora Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive.

Figura 2 – Trecho do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova

UM PLANO NACIONAL DE ESPEC Annuncia-s no tem pron do funcional do pretendes

O DIARIO DA TARDE inicia hoje a publicação do mais importante documento educacional lançado no Brasil desde sua independencia.

Sempre se encarou o problema da educação por partes. Nunca o aborcaram publica e decisivamente em seu conjunc to.

Começamos após a nossa emancipação com uma lei asbre o ensino superior, seguida
de outra sobre o ensino primario para tratarmos mais tarde
do secundario. Esquecianos,
como o esquecemos ainda hoje,
que escola primaria, escola secundaria, escola profissional, e
cuscola superior são partes da
mesma maquina do homem bra
siteiro efciente.

Todos sabem que as peças

Todos sabem que as pecas de carro Ford são preparadas em fabricas distantes umas das ou tras. Mas como elas teem fina idades comum, tudo corre ma ravilhosamente bem. Ora o nos so ensino, encarado separadamente, parece que tem objetivos diversos para cuda uma de suas partes. E' como si us industrias Ford não trabalhassem de harmonina. Nunca fariam um carro perfeito.

Aquele mal, do erro de não se estudar e procurar resolver o problema educacional como um conjunto, foi reparado agora, na formidavel peça que o DIARIO insere e está sendo febatidissima em todo o Brasil. E autor dela o grande educacor dr. Fernando de Azevedo, autor da reforma de ensino carioca.



Ele é, sem favor, colocado entre as mais altas autoridades educacionaes da America e do mundo e seus companheiros são tambem personalidades de larsa projecção no cenario nacional.

CACIONAL NO BRASIL

Ao pôvo e so governo

Na hierarchia dos problem nacionaes, nenhum sobrelev em importancia e gravidade a sobreleva da educação. Nem mesmo os de disputar a primazia nos planos reconstrueção nacional. Por e a evolução organica do sy tema cultural de um pais de-pende de suas condições economicas, é impossivel desenvolver ducção, sem o preparo intensi-vo das forças culturaes e o desenvolvimento das aptidões invenção e iniciativa que os factores fundamentaes fundamentaes accrescimo de riqueza de uma sociecade. No emtanto, se depois de 43 annos de regimen republicano, se dér um balane estado actual da educação blica, no Brasil, se verificara formus economicas e educacios, que era inaispensavel en trelaçar e encadear, dirigindoas no mesmo sentido, todos esforços. sem unidade de plano e sem espirito de con tinulcade, não lograram crear um systema de organisação esmodernas e das necessidades d paiz. Tuoo fragmentario e de articulado. A situação actual, creada pela successão periodica de reformas parcises, e, frequen langudas temente arbitrarias. sem solidez economica e sem t.ma visão global do problema em fodos og seus aspectos, nos delsa antes a impressão desolaalgumus ja em ruina, outra abandonadas em seus alicerces outras e as melhores, ainda não termos de serem despojadas de

Onde se tem de procurar a causa principal desse estado entes de inorganisação do que de Gesorganisação do apparelho , celar, é na falta, em quasi todos os planos e iniciativas de determinação dos fins de educação (aspecto philosophico e social) e da applicação (aspecto technico) dos methodos scien tificos aos problemas ée educação. Ou, em poucas palayras, na faita de espirito philosophico e scientifico, na resolução dos problemas da administração es

ESPECTATIVA A

Annuncia-se que o gover no tem prompto o quadro do funcionalismo do Estado, pretendendo dal-o á publicidade nestes dias.

Com tal noticia attinge ao pinaculo o alarme entre os servidores do Estado, ante a espectativa de que fiel ao seu programma de intensa economia, o governo aprofunde em caracter definitivo a fada.

Os funecionarios com menos de dez annos de ser viço todos sentem pesar so bre a nuca o facão da pou pança governamental, que, nos lemmas da mais estricta justiça colherá as victimas sem olhar a cor do ideal ou a roupagem da ne cessidade, confirmando que a deusa Themis age de olhos vendados.

Que entre pos, logo pa-

ra o rol dos factos mados o quadro de dores do Estado mais crneiante de ctiva de una descritamanho não se podir, do que a realida lorosa do man fada A primeira é a quasta á moda inquisto nlitima resistida as to de concentração

habiliando a vietim choque... Angustioso é e m para o funcionalisa blico conterranco, to difficultosa situacio ceira do Estado.

te que nos poueces

Melhor entretans, mos que se execuse, palado e esperade to e a philosophia que contem no preceita i 'sie transit''

nem mesmo uma "cultura ge convence dia existencia de um problema sobre objectivos e fins de educação". Não se podia encontrar. por isso, unidade e continuida de de pensamento em planos de reformas, nos quae_s as instituições escolares, espars não traziam, para attrahil-as esparsas. oriental-as para uma direcção, o polo magnetico de uma concepção da vida, nem se submettiam, na sua organização e funccionamento, a medidas obectivas com que o tratamento scientifico dos problemas da administração escolar nos aju da a descobrir, a luz dos fins estabelecidos, os processos mais realização efficazes para a obra educacional,

Certo, um educador pode bem ser um philosopho e deve ter a sua philosophia de educação; mas, trabalhando scientificamente nesse terreno, elle deve estar tão interessado na determinação dos fins de educação, quanto tambem dos meios de realizal-os. O physico e o chimico não terão necessidade de saber o que está e se passe além ca janella do sau laboratorio. Mas o educador, como o socielologo, tem necessidade de uma cultura multipla e bem diversa: as alturas e as profundidades oa vida humana e da vida

octal não devem niem do seu rale vive ter conbecimento e da sociedado em suns phases. nien do apparente e mero, "o jogo poder des leis que comi tem a escola r representa, na diversid ralidade das forças cooperam Se tem essa er que lhe permitte organia doutrina de vida e a seu horizonte ver o problema educacio conjuncto, de am ponte ta mais largo, para su o problema pedagogi methodos ao problema phico ou dos fin, da e tem um espirite empregara os methodo muns a todo genero de gação scientifica, podesá correr a technicos mais nos elaboradas e dominis tunção, realizando e medindo os resultados da e qualquer modificação processos e nas tech se desenvolveram sob a i trabalhos scien administração dos serviços colares.

(Continua)

FIOS DE SEDA

— para —
Blusas e vestidos em todas
as côres, recebeu a
Casa Hildebrando

Fonte: Diário da Tarde, 29 de março de 1932, p. 8 (grifo da autora).

2.1 De admirador da Pedagogia Moderna a entusiasta da Escola Nova: as interlocuções com o professor Orestes de Oliveira Guimarães

Na década de 1910, no início de sua jornada docente, Raul Rodrigues Gomes mostrava-se um convicto defensor da Pedagogia Moderna, do método de ensino intuitivo e da prática das lições de coisas. Em artigo publicado em 1908, aos 19 anos de idade, o jovem normalista demonstrava urgência na prática dos preceitos da Pedagogia Moderna. O texto, dedicado ao professor Dario Velozo, faz menção aos estudos de Le Play e Demolins, fazendo comparativos entre o aluno da escola tradicional e o que frequentava uma escola regida pelos postulados da Pedagogia Moderna, afirmando que o método utilizado por esta "remediava todo o mal":

O aluno das escolas actuaes é um rachitico – phisico, intellectual e moral. O aluno da *Escola Moderna*, cujas virtudes não nos cansaremos em apregoar, será um forte, herculeo – intellectualmente pela acquisição racional e proveitosa de conhecimentos uteis; moralmente pelo robustecimento e polimento de suas faculdades, na convivencia com os docentes, no seguir de exemplos bons; phisicamente, pela continuidade de seleccionados exercícios que revigorem seu organismo. Pudera o Paraná espalhar, pelo seu territorio, estabelecimentos de instrucção modelares da *Escola Moderna*! (GOMES, 1908, p. 1)

Passados seis anos, em seu livro "Instrucção Pública do Paraná" (1914), clamou por mais e boas escolas e professores, e, sobretudo, por um método mais eficiente de ensino. "Os nossos estabelecimentos públicos de ensino e mór parte dos particulares estão eivados de erros nos seus methodos, demasiadamente teoricos." (GOMES, 1914, p. 28)²⁹. Afirmando-se leitor de Pestalozzi - o sistematizador da chamada Pedagogia Moderna e do método de ensino intuitivo - e de Froebel, seu discípulo e considerado o pai do Jardim e Infância, Gomes demonstrava nessa obra um grande preocupação com a aprendizagem da criança e com a educação integral.

Em 1919, após doze anos dedicando-se à educação nas cidades paranaenses de Morretes e de Rio Negro, Raul Gomes mudou-se para Joinville, localizada no norte de Santa Catarina, onde foi dirigir o Grupo Escolar Conselheiro

²⁹ Optou-se por manter a grafia original do autor em toda a dissertação.

Mafra, o primeiro implantado em Santa Catarina pela Reforma Orestes Guimarães $(1910-1918)^{30}$.

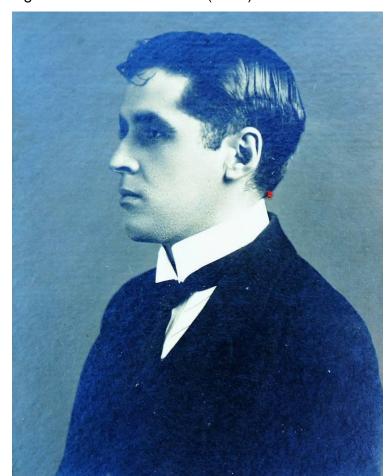


Figura 3 – Raul Rodrigues Gomes em Joinville (1921)

Fonte: Acervo da Família Gomes

Em 1919, Orestes Guimarães deixou o cargo de Inspetor Geral do Ensino³¹, especialmente criado para que pudesse realizar a reforma da instrução pública catarinense, tendo sido substituído pelo inspetor escolar professor Henrique da Silva Fontes. Em Joinville, além de dirigir o grupo escolar, Gomes criou a Escola Prática

30 Orestes Guimarães teve três comissionamentos no Estado de Santa Catarina: o primeiro foi de 1907 a 1909 para reformar/modernizar o Colégio Municipal de Joinville nos moldes da Pedagogia Moderna. O segundo foi de 1910 a 1918 para reformar/modernizar a instrução pública catarinense. O último cargo de assumiu em Santa Catarina (1919 a 1931), foi de alçada federal: o de Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas pela União em Santa Catarina.

³¹ Em 1918 Orestes Guimarães assumiu também o cargo de Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas pelas União por indicação do Presidente da República, mas, devido a incompatibilidade de exercer ambos os cargos, optou pelo de inspetor federal, sendo então substituído no cargo estadual pelo professor Henrique da Silva Fontes, que na época exercia o cargo de inspetor escolar.

Joinvillense, dedicada ao ensino da língua vernácula, aritmética e escrituração mercantil para guarda-livros, e lecionou a disciplina de Língua Portuguesa na Escola Noturna de Joinville, destinada a adultos e trabalhadores - na sua maioria alemães - atividade esta que foi alvo de elogios por parte do Inspetor Escolar Henrique Midon, paulista trazido por Orestes Guimarães para auxiliá-lo na reforma:

Nesta data visitei a escola noturna sob a direção do Prof. Raul Gomes. Encontrei-a com a frequência de 30 alunos, sendo a matricula 44. A classe está pedagogicamente dividida em três secções conforme adiantamento dos alunos quanto á linguagem vernacula. Notei fiel execução de um horário, ainda em experiência e que julgo um bom trabalho de technica de ensino. — Tive o prazer de assistir uma bem orientada aula de leitura, interpretação e grammatica á classe mais adiantada, mostrando os alumnos rapida assimilação do assumpto ensinado. De tudo que vi e ouvi posso, de antemão, assegurar um completo exito em tão proveitosa instituição. — Joinville, 5-3-920. — (a) Henrique Midon. (MIDON, 1920, apud REPUBLICA, 1920, p. 1).

O Estado de Santa Catarina passava por um processo de modernização e nacionalização desencadeado pela Reforma da Instrução Pública de 1910, capitaneada pelo professor paulista Orestes de Oliveira Guimarães, especialmente contratado pelo governo para modernizar a instrução pública nos moldes da reforma paulista de 1892:

Legítimo representante do modelo paulista de educação, na época considerado vanguarda no campo educacional, Orestes Guimarães acreditava que o caminho para mudar a escola, convertendo-a em instância civilizadora e inculcadora dos novos valores e normas de comportamento, era organizá-la e regê-la sob os pressupostos do método de ensino intuitivo ou lições de coisas, considerado a encarnação do verbo modernizar. O artífice dessa empreitada seria, naturalmente, o/a moderno/a professor/a, competentemente formado pela Escola Normal, segundo os pressupostos do novo método de ensino, chave para transformar o *habitus* pedagógico da escola pública brasileira, a ser convertida em "templo de civilização" (TEIVE, 2008, p. 29).

Nessa época, a admiração de Raul Gomes pelo trabalho desenvolvido pelo professor Orestes Guimarães em Santa Catarina era imensa, como pode ser constatado em uma série de nove artigos publicados no jornal *Diário da Tarde*, de Curitiba, entre 28 de novembro a 26 de dezembro de 1921. Defendia que, tal como o reformador da instrução pública catarinense, para que o país alcançasse a civilização e o progresso pretendidos fazia-se necessário, com urgência, dissolver

os arcaísmos e muito particularmente o atraso da instrução pública brasileira, seus programas e métodos bem como o alto índice de analfabetismo da população brasileira e a desnacionalização de grande parcela da população (TEIVE, 2008). Acreditava, assim como Orestes Guimarães, que a educação escolar pública deveria ser "alçada a questão nacional prioritária, sendo responsabilizada pela transformação do povo em nação, por torná-lo disciplinado, saudável e principalmente produtivo". (TEIVE, 2008, p.72). Admitia, sobretudo, que "a principal saída para a criação de uma escola primária popular, alicerçada nos princípios da gratuidade, obrigatoriedade, laicidade, liberdade e higienização, considerados signos do progresso e da modernidade pedagógica"³² era a organização das escolas e dos currículos segundo os postulados da Pedagogia Moderna, leia-se do método de ensino intuitivo e das lições de coisas, os quais, acreditava-se, vinha em toda parte mudando o destino da humanidade.

As ideias e feitos do "bandeirante paulista do ensino" com relação à educação catarinense impressionavam Raul Gomes de tal modo que ele anunciou, na sua despedida de Joinville em 1921, que estaria escrevendo uma obra sobre como se operou a chamada Reforma Orestes Guimarães. O livro seria dividido em três partes: I. A história da Reforma: O que era o ensino na monarchia; 2. Os frutos da Reforma; III. A nacionalização do ensino primário. Infelizmente, tal obra não foi encontrada em sua totalidade, tendo sido publicados no jornal curitibano *Diário da Tarde* entre os dias 28 de novembro e 26 de dezembro de 1921 apenas os nove capítulos que deveriam compor a primeira parte. Segundo o *Jornal de Joinville* (1921), a referida obra seria um

"...interessante estudo do que era e do que hoje a instrução publica de Santa Catharina, a luta pela nacionalisação do ensino e os obstaculos oppostos á surdina ou mesmo publicamente contra essa nacionalisação pelos que querem ser brasileiros de um Brasil allemão." (JORNAL DE JOINVILLE, 1921, p.2)³⁴

³² TEIVE, 2008, p. 79.

³³ Sobre o movimento conhecido como "Bandeirismo paulista do ensino", conferir: TEIVE, 2014.

Para Gomes (1921), Orestes era uma espécie de "escola normal ambulante", capaz de transformar o mais incapacitado professor em um magnífico transmissor de conhecimento:

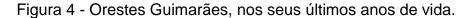
É necessário deixar bem saliente, porém, que o segredo do estrondoso, rapido, duradouro exito da organisação da instrucção em Santa Catarina proveio da circumstancia de Orestes Guimarães preparar o professorado, ensinando-o a ensinar, não theoricamente, mas praticamente, com aulas ministradas. (GOMES, 1921, p. 2).

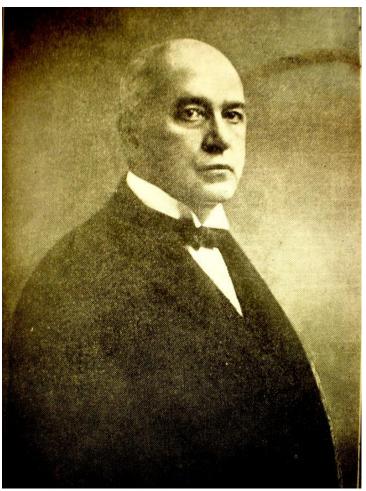
Desse modo, além da reforma da escola normal catarinense³⁵, por onde a reforma da instrução pública foi iniciada em 1911, Orestes Guimarães e sua mulher, Cacilda Guimarães - professora paulista também contratada pelo governo do estado de Santa Catarina para auxiliar na reforma – circulavam por todo o estado de Santa Catarina demonstrando o novo método de ensino aos professores e professoras em exercício nos grupos escolares, escolas reunidas e isoladas, movidos pelo pressuposto da Pedagogia Moderna de que seria "mais facil compreender e executar o que se vê, do que o que se lê através de mil considerações e citações, sendo portanto inútil pensar em adquirir sem ter visto praticar." (TEIVE, 2008, p.102).

Centrado na imitação de práticas pedagógicas modelares,

esse modo de aprender a ensinar garantiria, segundo Orestes Guimarães, a disseminação do método de ensino intuitivo ou lições de coisas bem como as práticas de organização da vida escolar dele decorrentes, por toda a rede escolar, com pouco investimento financeiro por parte do Estado. Concorreriam para isso a inspeção realizada pela Inspetoria Geral do Ensino e as regulamentações dela emanadas, como por exemplo a prescrição de que os professores das escolas isoladas localizadas nas proximidades de grupos escolares (a menos de 18 km) eram obrigados a frequentá-los uma vez por mês, de modo a observarem o método seguido no ensino de algumas das disciplinas. A observação de práticas consideradas modelares, todavia, segundo o reformador, não deveria configurar-se numa cópia servil do método desenvolvido nos grupos escolares, mas numa maneira de "apreender os princípios da arte de ensinar e de aplicá-las inteligentemente na prática", tal como alertava E. White, autor do manual intitulado "A arte de ensinar". (TEIVE, 2008, p. 177).

³⁵ Sobre a reforma da Escola Normal Catarinense efetuada por Orestes Guimarães consultar "Uma vez normalista, sempre normalista" – cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico (escola normal Catarinense: 1911/1935).





Fonte: Revista da Educação - 1936

Para auxiliar o processo de alfabetização e nacionalização em Santa Catarina, Raul Gomes elaborou, a pedido de Henrique Fontes, um método inovador e original para a época de ensinar a língua vernácula, o qual foi publicado anos depois como "Prática de Redação" (1927) e "Redação sem mestre" (1967), obras estas que prometiam assegurar o êxito do aprendizado do português em apenas três meses.³⁶

.

³⁶ Conferir: OBRA de Gomes orienta professores. **Diário do Paraná**, Curitiba/PR, 20 abr. 1972, p. 2.

Figura 5 – Contracapa de Redação sem mestre (1967)



Fonte: GOMES, Raul. Redação sem mestre. Curitiba, PR: Gerpa, 1967.

Mister observar na contracapa da obra acima a máxima to learning by doing, clássica fórmula do utilitarismo norte-americano muito a gosto dos pedagogistas modernos – ressignigficada pelos escolanovistas - a qual Orestes Guimarães acrescentara as palavras "fazendo certo". Segundo Teive (2008), o aprender fazendo e fazendo certo era a receita, segundo a Pedagogia Moderna, para ensinar as professoras modernas a ensinar intuitivamente, e, no caso dessa obra, a solução para o aprendizado através da pedagogia do olhar e do experimentar.

Passado quase um ano após a morte de Orestes Guimarães, ocorrida em 31 de janeiro de 1931, Raul escreveu um artigo carregado de emoção, publicado no jornal *O Dia* sob o título *Pobre Orestes, colossal Orestes!*, onde enaltece a obra do professor paulista em Santa Catarina, sobretudo a sua política de nacionalização. A utilização dos termos "pobre" e "colossal" no título, Raul confessou ter emprestado de Carlyle, que os operara para referir-se a heróis do porte de Rousseau, Lutero, Cromwel e Napoleão (GOMES, 1932b).

Na conclusão desse seu artigo, afirmou peremptória e apaixonadamente:

Miguel Couto pediu há pouco tempo que diariamente brasileiro pensasse na educação. Orestes Guimaraes fez mais que isso. Ele não teve, desde que saiu da escola normal, em São Paulo, nas vésperas da Proclamação da República, um só dia em que não fizesse uma grande ou uma pequena coisa pelo ensino. Homem de ação, ele não perdia um minuto de seus dias. Era uma maquina trabalhando constantemente pela educação do povo. Seu dia de serviço intenso era de perto de 20 horas. Creio pouquíssimos padres, raríssimos militares, industriais no mundo inteiro consumirão ou consumiram tanta energia em prol de seu ideal ou seu oficio quanto Orestes Guimarães. Recompensas ele não as teve, nem buscava. Mas um prazer o encheu: Solitario quase nos primeiros tempos, escoltado duma altura em diante, chegou ao final de sua jornada já confundido com a multidão dos legionários da grande causa nacional! Foi por isso que me lembrei de Carlyle e vi reluzir entre mim e o nome do meu querido confrade e amigo, com quem colhi grande parte de meus entusiasmos pela educação. Nesta frase compungida, mas significativa: Pobre Orestes Guimarães, colossal Orestes Guimarães, como o inesxcedivel Carlyle disse de seu adorável herói - Cromwel: Pobre Cromwel -Grande Cromwel! (grifos do autor) (GOMES, 1932b, p. 8)

Mais tarde, em 1937, em discurso proferido em uma comemoração do Rotary de Curitiba em homenagem ao ensino primário, Raul Gomes fez uma retrospectiva da vida e obra do notável educador paulista, afirmando novamente que estava escrevendo uma biografia de Orestes Guimarães³⁷, cuja editoração seria confiada a uma empresa de São Paulo, e que, através de pesquisas e fatos, faria "o perfil de um dos maiores pragmaticos e praticos de brasilidade de nossa pátria" (GOMES, 1937, p. 2). Segundo as suas próprias palavras:

Foi Orestes Guimarães, professor paulista, que plasmou, numa realização soberba, a reforma de 1911, - que tracejou, com extraordinária verdade, o quadro deplorável da organização pedagógica cuja entrevagem defeituosa e enferrujada, vinda de remendo em remendo, da monarchia, atravessou o primeiro vintennio da Republica, para só ser destruída e reconstruída ha dez annos". Homem de uma atividade surprehendente, de uma capacidade de trabalho assombrosa, de uma energia formidável, Orestes Guimarães chegou, 14 annos depois, a confessar-me que esteve a pique de desistir da empreitada que se lhe dava! Dizia ele, que quando acceitara o contracto, suppunha que a sua tarefa consistiria, apenas, em remodelar methodos de ensino, numa escola de crianças que soubessem se exprimir, perfeitamente, em português. Ao se lhe deparar, porém, a realidade desoladora quasi desesperou! Esteve de malas promptas para retornar á sua terra!

_

³⁷ Não foi encontrada a obra, tampouco evidências se houve a publicação.

...teve a fortuna de, bandeirante verdadeiro de nova especie, desbastar o caminho para os realizadores de uma das mais extraordinarias obras da instrucção nacional (GOMES, 1921a, p. 2).

Faz-se importante também destacar a dedicatória em memória do bandeirante paulista encontrada na 3ª edição do livro Prática de Redação - curso primário, urbano, rural e técnico (1967, p. 7), de Raul Gomes: "Orestes Guimarães, legítimo padrão de professor de brasilidade, em cujo contacto realizei a aplicação das primeiras lições de redação pela processologia baseada no imortal princípio de 'Aprender a Escrever, Escrevendo.".

Não se sabe se Raul Gomes teve conhecimento, mas antes mesmo de Orestes Guimarães ter sido contratado para o seu segundo comissionamento em Santa Catarina, em 1909 ele propôs ao estado do Paraná a instalação de um grupo escolar em Curitiba, que serviria de modelo para as demais instituições de ensino do Estado, bastando para tal apenas que se oficializasse o pedido ao governo de São Paulo. Essa sua proposta foi trazida à baila em uma sessão ordinária do Congresso Legislativo do Estado do Paraná no ano de 1914, pelo professor Reinaldo Machado para quem Guimarães teria escrito. Lastimando o estado da instrução pública paranaense, Machado queixava-se que tendo apresentado tal carta ao diretor da instrução pública da ocasião, este a teria levado ao presidente do Estado, o qual teria afirmado não haver necessidade disso, porque o Paraná tinha pessoal apto. (A REPÚBLICA, 1914).

É preciso destacar que o primeiro Grupo Escolar paranaense foi criado em 1903, em Curitiba, sob responsabilidade do Diretor Geral da Instrução Pública do Paraná, Professor Victor Ferreira do Amaral, com base nos preceitos de ensino paulista, sendo intitulado com o mesmo nome do então governador Dr. Xavier da Silva. Posteriormente, vieram a transformar-se em Grupo Escolar as escolas Tiradentes e Carvalho, ambas na década de 1910. Porém, segundo Bencostta (2001), a efetivação do novo modelo educacional não fora executada de imediato na capital paranaense, pois ocorreram ainda diversas discussões sobre as maneiras de implementação de tal organização escolar, principalmente por parte do professor Reinaldo Machado, e, em 1916, foi enviada uma comissão de normalistas a São Paulo a fim de apropriarem-se do funcionamento dos grupos escolares. Contudo, somente em 1920, ocorreu a contratação de um bandeirante paulista

como Inspetor Geral de Ensino, sendo este o professor Cesar Prieto Martinez³⁸, defensor da Pedagogia Moderna e diretor da Escola Normal de Pirassununga, que, assim como Orestes em Santa Catarina, teve a função de remodelar a instrução pública do Paraná. (PARANÁ, 1921).

Raul Gomes, que em 1921 retornou de Joinville a Curitiba, encontrou a capital em efervescência educacional, pois várias medidas estavam sendo tomadas pelo governador Dr. Munhoz da Rocha em conjunto com o novo Inspetor de Ensino, assim como ocorria no Estado vizinho desde primeira passagem de Orestes Guimarães. O ensino primário passava por reformulação, assim como os prédios e mobiliários escolares, havendo uma maior preocupação com o analfabetismo e com a formação de professores.

Lecionando apenas como professor particular e dedicando-se à vida jornalística, Gomes passou a publicar alguns artigos nos jornais curitibanos sobre as mudanças pedagógicas e a ter contato com leituras inovadoras para o campo educacional moderno. Até que, a partir de 1927, ano em que se deram início as CNE's, o paranaense passou a manter relações com os que mais tarde seriam conhecidos como os *Pioneiros da Escola Nova*. Essas relações atreladas à leitura de novíssimos e ao movimento de "otimismo pedagógico" ou "entusiasmo pela educação" fizeram com que Raul Gomes visse a necessidade da aplicação de reformas pedagógicas realmente novas, que atendessem ao aluno e, efetivamente, promovesse uma ação modernizadora tão esperada durante a década de 1920. Portanto, esse esgotamento do modelo da Pedagogia Moderna e a ascensão da Pedagogia da Escola Nova teve como marco as "motivações políticas, sociais e econômicas que constituíram as plataformas políticas e pedagógicas dos

³⁸ Sobre a Reforma realizada por Prieto Martinez no Estado do Paraná, ler: STENTZLER, M. M.; Werle, V.S. *Reforma da Educação no Paraná*: ideias educacionais de Cezar Prieto Martinez para a Instrução Pública expressos nos relatórios de 1920 a 1922. In: JORNADA DO HISTEDBR, 2010, Belém. Jornada HISTEDBR, 2010.

³⁹ Segundo Nagle (2009), o entusiasmo pela educação destacava-se pela crença na multiplicação das instituições escolares, na reestruturação dos padrões de educação e cultura existentes através da disseminação da escolarização primária (luta contra o analfabetismo), possibilitando a incorporação de grandes camadas da população na senda do progresso nacional a fim de colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo. Já o otimismo pedagógico acreditava que determinadas formulações doutrinarias sobre a escolarização indicariam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo). Em determinado momento, a partir de 1920, essas formulações se integram com o intuito de reformar a sociedade através da regeneração do homem. Assim, o entusiasmo e o otimismo pedagógico começaram a ser uma atitude que se desenvolveu nas correntes de ideias e movimentos político-sociais e seus diversos níveis e tipos (inclusão sistemática dos assuntos educacionais nos programas de diferentes organizações) revelando os principais focos do que se pretendia que fossem as condições estimuladoras do progresso no domínio da escolarização e, consequentemente, do progresso geral.

movimentos que Jorge Nagle chamou de *entusiasmo pela educação*, e *otimismo pedagógico*, em seus estudos sobre os anos 1920". (CARVALHO, 2011, p. 195).

Acredita-se, então, ser neste momento em que houve um certo distanciamento intelectual entre o Gomes e Orestes, que faleceria em 1931, já que o paranaense, ainda bastante jovem, acompanhou factualmente os processos de mudança educacional, principalmente por concordar em absoluto com o Manifesto redigido por Fernando de Azevedo em 1932. Já Orestes Guimarães, defensor aguerrido da Pedagogia Moderna e da nacionalização do ensino, talvez por já estar com idade avançada e bastante adoentado, não tenha querido ou conseguido acompanhar as recentes elaborações de reformas e propostas para um ensino baseado na Escola Nova.

Assim, em 1931, com a morte de um de seus maiores ídolos intelectuais, Raul Gomes viu na tríade mentora da renovação educacional, composta por Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, um novo norte e adotou, quiçá por afinidade, este último como seu novo capitão, ou, como ele próprio afirmou: "TU DUCA, TU MAESTRO, TU SIGNORI: Fernando de Azevedo, meu guia, meu amigo e meu senhor"⁴⁰, buscando, assim, banhar-se em novas águas, as águas da Escola Nova.

2.2 Ecce homo: Afinidade (s)eletiva em cartas com Fernando de Azevedo

"Ecce Homo!"⁴¹. Em artigo publicado em 1933⁴², Raul Gomes apropriou-se desse termo para (re)apresentar e qualificar Fernando de Azevedo como o homem que surgira para dar novos rumos à educação brasileira. A par das obras paradigmáticas publicadas por esse pioneiro, Gomes reconheceu-se em Azevedo ao fazer da educação sua política, seu ideal e sua preocupação principal. Não se sabe ao certo o início dessa aproximação entre os dois, mas é possível pensar que tenha sido resultado de suas intervenções durante as CNE's em que ambos estiveram

⁴² GOMES, 1933, p. 2.

⁴⁰ GOMES, 1959, f.2.

⁴¹ Segundo o Evangelho, o termo "Ecce Homo", advindo do latim, foi proferido pelo governador romano Pôncio Pilatos ao apresentar Jesus à multidão que, hostil, pedia sua crucificação. As palavras também foram apropriadas por Friedrich Nietzsche, em 1908, para intitular a obra autobiográfica em que exalta seus feitos e apresenta um novo ideal humano.

presentes, já que constam poucas informações sobre Fernando de Azevedo nos escritos de Raul Gomes antes desses eventos.

"Eis o homem, Brasil. É a exclamação que eu poderia atirar aos quadrantes de nossa patria para denunciar a existencia daquele ha tanto tempo esperado para efetuar a grande obra educacional que redimira o Brasil de sua vergonhosa situação de cafraria do ensino no cotejo com os demais paizes do mundo!" (GOMES, 1933, f.1).

Em discursos adjacentes, ambos desenvolveram uma "afinidade eletiva" 43, conceito movimentado pelo escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1809) que parte de uma apropriação sobre as leis da química para abordar a relação entre os seres humanos a partir de suas afinidades, ou seja, assim como os metais, as pessoas se atraem ou se repelem de acordo com suas preferências. Neste caso, também é possível considerar a afinidade eletiva, segundo Bourdieu (2007, p. 225), como aquela que "baseia-se sempre, por um lado, na decifração inconsciente de traços expressivos em que cada um só adquire sentido e valor no interior do sistema de suas variações segundo as classes".

Daí é possível inferir que as afinidades, além de eletivas, podem ser seletivas, pois uma amizade, assim como no caso de Raul Gomes e Fernando de Azevedo, envolve também uma eleição, uma escolha. Nesse caso, ambos escolheram aproximar-se pelas afinidades nas trajetórias pessoais e intelectuais, já que estavam engajados em um campo com o mesmo número de interesses fundamentais em comum ligados à existência própria desse campo (BOURDIEU, 1983), afirmação essa que torna-se clara através das cartas trocadas entre eles que aqui serão abordadas. Essas correspondências, num total de 23, datadas entre 1932 e 1973, foram encontradas no acervo de Fernando de Azevedo, disponível para consulta no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP).

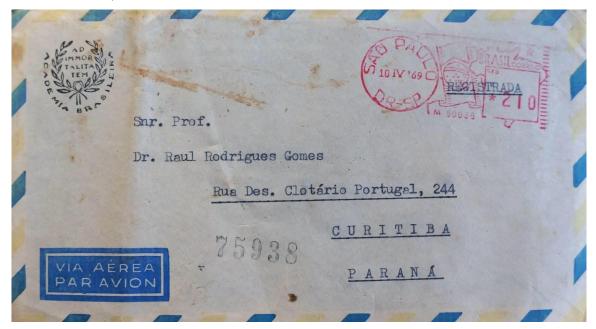
Segundo Pimentel (2003), as cartas trocadas pelos intelectuais do início do século XX e que ainda não passaram ao domínio público, apresentam e revelam expressões de confiança, amizade, imagens de sonhos e até utopias presentes no comando privado de seus autores, compondo um verdadeiro memorial desses protagonistas. Além das correspondências encontradas, há também dois artigos

-

⁴³ O conceito está presente em: GOETHE, Johann Wolfgang von,. As afinidades eletivas. São Paulo: Nova Alexandria, 2008. 232 p.

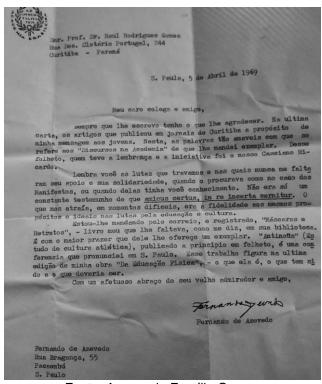
publicados, respectivamente, nos jornais "O Estado" e "O Dia" (1937), que transcrevem bilhetes trocados entre Gomes e Azevedo.

Figura 6 – Envelope de carta enviada a Raul Gomes por Fernando de Azevedo (10 de abril de 1969).



Fonte: Acervo da Família Gomes

Figura 7 – Carta de Fernando de Azevedo para Raul Gomes (05 de abril de 1969).



Fonte: Acervo da Família Gomes

Assim como a personagem Otillie, da obra de Goethe, os dois registram de forma subjetiva aquilo que talvez não possa ser percebido nas linhas da história da educação no Brasil, principalmente no que se refere ao Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932). Nesse sentido, Chartier (1991b) afirma que as cartas, melhor do que qualquer outra expressão, associam o lugar social e a subjetividade. Dessa forma, as cartas de Raul Gomes e Fernando de Azevedo trazem as entrelinhas dessa história, citando feitos, obras e personagens importantes para a constituição de um documento, de uma nova mentalidade – "passei o mes de fevereiro e o de março as voltas com 'MEU GOETE'⁴⁴. E por via de Goete com seus contemporaneos ou predilectos. Convivi, portanto, com Locke, Rousseau, Pestalozzi, João Paulo, Fichte, Schiller, etc." (GOMES, 1932, f. 1) – e de uma educação nova, baseadas nos conceitos (psico)pedagógicos e sociológicos de Dewey, Nartop, Gasset e Durkheim, como é possível ver no seguinte trecho de carta dirigida a Fernando de Azevedo:

Mas, encarando de rosto o problema da educação da sociedade globalmente, V. nao perdem de vista a psicopedagosia. E concedendo ou mantendo autonomia didatica aos mestres, e instituindo a escola normal universitaria, e criando aparelhos originais para constancia no esforço de examinar, debater e elucidar os altissimos problemas programaticos, administrativos, etc lavra o terreno para a proxima e fecunda lavoura cuja safra sera abundante de frutos opimos. V., meu ilustre amigo, é fantastico. E cada vez mais V. mesmo e mais singular na maneira de solucionar ou atacar a gravissima questão educacional. Eu mesmo esperava um regulamento. E V. me sai com um codigo. Todos contavam na certa com uma inovação inspirada em escola ativa. E v. alça voo, realiza prodigiosos remigios. Divisa de cima assunto, atravez sua filosofia pedagogica. E nos dá, por certo não perfeito, mais extraordinario esse codigo. (GOMES, 1933, f. 1).

A relação amistosa entre o paranaense e o paulista, rendeu, além de cartas, trocas de livros e a insistência de pareceres sobre os mesmos. Ao enviar a obra "A educação e seus problemas" (1937), Fernando de Azevedo anexou o seguinte bilhete: "Ao R.G. – trabalhador infatigavel, cuja solidariedade é um conforto e um estimulo nas luctas communs pela educação e pela cultura no Brasil, com a

⁴⁴ Ao citar "Meu Goethe", Gomes refere-se às leituras e série de oito artigos publicados, entre 06 de março e 10 de abril de 1932, no jornal "O Dia" sobre a apropriação e representação que fez da vida das obras do escritor alemão. Cito: Goete, cidadão do futuro; A educação de Goete; Goete na universidade; Leituras e brinquedos de Goete; Goete, homem perfeito; Goete e Fichte; Goete e a mulher; Goete e a educação; e Goete e Rousseau.

affectuosa estima e velha admiração de Fernando de Azevedo." (FERNANDO DE AZEVEDO, 1937, apud O DIA, 1937, p. 2).

Como forma de agradecimento e lisonjeio, Raul publicou no mesmo jornal a resposta ao amigo:

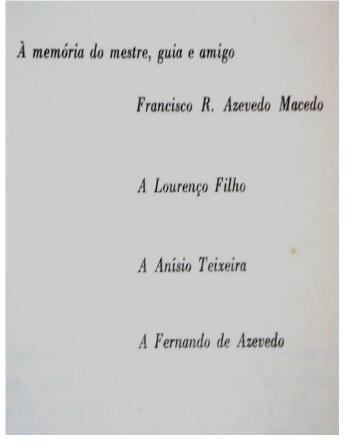
Escrevendo essas linhas, pressentia que, afinal, ellas posteriormente poderiam prejudicar os meus conceitos acerca da obra de Fernando de Azevedo, si ambos necessitassem de qualquer preconício. Ambos dispensam quaisquer elogios. Elle por ser um nome não apenas nacional mas mundial, como autor e realizador de profunda obra educativa em seu Estado e do Rio de Janeiro. Ella pela sua successividade, pela sua unidade e pelo profundo sentido technico cultural. O volume que tenho á vista é formado ele pouco mais de conferências e entrevistas sobre o palpitante assumpto. E em cada um desses trabalhos o autor expõe e defende com lucidez e cultura os mais inteligentes pontos de vistas. Escriptor de raça, com mentalidade e estylo formados á luz de um humanismo ductil e profundo, ha um encanto em cada pagina sua, pois nesta o thema se nos depara liberto de massudez. Cogita-se, portanto de um livro que nenhum educador pode dispensar tão valioso e actual é elle (GOMES, 1937, p.2).

Da mesma forma, meses depois, Fernando de Azevedo retribui o apreço, parabenizando Raul pelo segundo volume da obra *Prática de Redação*, a qual foi publicada em 1939 pela Editora Nacional, dirigida por aquele intelectual:

"Felicitando-o pela excelente série que nos vai dar e que constitue, de fato, a iniciativa mais seria sobre o assunto, em nossa literatura didática, e uma forte contribuição original para renovação e eficiencia maior dos cursos de redação, peço-lhe aceitar os meus agradecimentos pela homenagem que quis prestar a sua generosa amizade incluindo meu nome entre aqueles a quem dedica o seu livro de mestre. Sobre ser uma honra para mim, é um real prazer ter meu nome ligado aos de tão ilustre educadores na pagina que nos reservou o mestre, três vezes consagrado no magisterio, no jornalismo e nas lutas pela educação no Brasil. Um afetuoso abraço de seu sempre Fernando de Azevedo." (FERNANDO DE AZEVEDO, 1939, apud O Dia, 1937, p. 2).

A homenagem a que Fernando de Azevedo se refere trata-se da dedicatória presente no livro "Prática de Redação" (1939), na qual também constam os outros dois nomes que compunham a tríade dos "Cardeais da Escola Nova do Brasil", além do professor paranaense e amigo Francisco R. de Azevedo Macedo.

Figura 8 – Dedicatória de Prática de Redação (1939)



Fonte: GOMES, Raul. Prática de redação. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1939.

Em carta datada de 20 de junho de 1959, Raul Rodrigues Gomes evidencia que de todos os memoráveis educadores da década de 1920, foi com os três últimos que manteve estreita relação sob o ponto de vista pragmático da educação, seguindo os passos de Fernando de Azevedo através de suas realizações, antes e depois do Manifesto dos Pioneiros e mantendo laços de amizade durante 30 anos com Lourenço Filho⁴⁵ e Anísio Teixeira, posicionando-se a favor deste, "com coragem e desassombro", na campanha para destituí-lo do cargo de Secretário da Instrução Pública do Distrito Federal em 1935⁴⁶. Nesse sentido, é possível observar a rede de sociabilidade que permite criar

⁴⁵ Sobre a relação com Lourenço Filho, Raul Gomes publicou um artigo no jornal *Diário do Paraná*, em 17 de setembro de 1970, intitulado "Lourenço Filho – Precursor da Escola Nova".

-

⁴⁶ Anísio Teixeira foi demitido do cargo de Secretário da Instrução Pública do Distrito Federal sob fortes acusações, principalmente dos professores católicos, de ser comunista devido às modificações realizadas no programa de ensino carioca, por defender a laicidade nas escolas e por ser dono de "ideias perigosas", segundo a repressão.

Relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais... a noção de rede remete ao microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo. (SIRINELLI, 2003, p. 38)

Na mesma correspondência, Raul Gomes questiona a Fernando de Azevedo sobre um possível novo Manifesto que deveria receber assinaturas dos educadores, ainda vivos, que figuraram no primeiro, e de novos educadores engajados pelos preceitos da Escola Nova, principalmente no que se referia à laicidade e gratuidade do ensino. Essa notícia foi publicada no jornal Estado de São Paulo, em 20 de junho de 1959, p. 11, como é possível constatar no excerto abaixo:

A oportunidade de lançamento de um novo manifesto de educadores surgiu da necessidade de se configurar com maiores precisão e objetividade a situação atual e os princípios e tendências da educação no Brasil em face dos debates suscitados pela tramitação na Câmara Federal, do projeto de lei que fixa as diretrizes e as bases da educação nacional e pela apresentação de um substantivo a esse documento legal.

Não sendo possível encontrar a resposta enviada por Fernando de Azevedo, mas valendo-se dos vestígios históricos da época, constata-se que o fato realmente ocorreu e, em 01 de julho de 1959, foi publicada a reafirmação do Manifesto com o título *Mais uma vez convocados*, contando com 161 assinaturas de educadores, dentre eles Raul Gomes com a de número 83. Esse documento, novamente redigido por Azevedo, resgatava os ideais liberais do primeiro e reiterava o seu posicionamento contra o discurso da Igreja Católica fazendo uso das palavras do dominicano Père J. Henri Didon ao afirmar que

chegou a hora talvez em que o Catolicismo deve demonstrar por fatos públicos que sua larga ideia de universalidade não é uma palavra vã e que há nele lugar para todas as opiniões políticas desde que elas respeitem a verdade, a justiça e a virtude. (apud MANIFESTO DOS EDUCADORES: MAIS UMA VEZ CONVOCADOS, 1959, p. 80).

Além das inferências aos Manifestos de 1932 e 1959 na maioria das cartas, Raul Gomes descreve ao amigo suas ações na luta contra o analfabetismo, sob o viés da obrigatoriedade escolar, com a criação da Operação Paraná de Liquidação do Analfabetismo (OPALA). Compulsoriamente aposentado, o paranaense passou a

dedicar-se quase que exclusivamente a erradicação desse mal. Por esse motivo, durante as suas missões para percorrer o Estado na luta pela educação, as cartas ficam cada vez mais espaçadas, bem como os artigos destinados aos jornais paranaenses, sendo motivo de desculpas por parte de Gomes: "Sigo sua vida intelectual com muito interesse. E muitas vezes esqueço, digo, muitas vezes ocorreme lhe escrever. Mas minhas complexas preocupações e ocupações me impedem. Pois minha atividade social é grande..." (GOMES, 1963, f. 1).

Algumas cartas trocadas por Raul e Fernando eram enviadas por amigos que transitavam entre as capitais paranaense e paulista, já que por mais de uma vez as correspondências foram extraviadas pelos correios, assim como livros que se presenteavam. Dentre esses amigos estavam o poeta e jornalista Cassiano Ricardo e o educador paranaense e criador do Centro Cultural Euclides da Cunha, Faris Antonio Michaele.

Uma mescla de admiração e devoção é evidente em todos os escritos de Raul Gomes para Fernando de Azevedo, um culto que leva à perplexidade e ao reconhecimento de qualidades que chegam, inclusive, a ser magnificadas, tal como acontecia com Orestes Guimarães. Esta carta, datada de 18 de maio de 1972, traduz o sentimento de Gomes para com o amigo, no qual sempre buscou espelharse pelo caráter, personalidade e forma de encarar os problemas da educação:

Fernando de Azevedo, significa para mim, para todos os professores do Brasil, a maior capacidade produtiva e educador. Assim, fiquei sabendo de sua atividade, como sempre valiosa, senão essencial para a nossa evolução. Eu não me iludo: nem me empreciono com a barulheira em torno de reformas idealizadas, "inventadas", por quem entende tanto de organização fundamental do ensino e da cultura quanto eu de sanscrito. Na minha longa vida de lutador apagado e modesto pela fomação do povo brasileiro, só conheci 3 possantes e eluminadas personalidades com competencia e sabedoria cultural e tecno-logicas, aqui mencionadas, ainda assim na ordem de sua possibilidade em teoria, doutrina, pragmatismo e realização. Primeira: Fernando de Azevedo; segunda: Anizio Teixeira; terceira: Manoel Lourenço Filho. Fora dessa triade só sobre-vive, pelo bem do Brasil a meu caro e brilhante amigo. É de ver, portanto, o jubelo sentido por mim quando leio informação objetiva de sua presença nas trincheiras desenvolvendo suas produtividades insuperaveis pela grandeza de nossa Patria. (GOMES, 1972, f. 1).

Em 1972 e 1973, os dois intelectuais ainda estavam ativos em prol da educação, apesar da idade avançada e dos problemas de visão. "Meu caro amigo, se me entristeceu saber, por sua carta, de uma deficiencia de visão, alegrou-me referir-se você aos seus "sólidos 84 anos". Antes de atingir os meus oitenta, ja se me

vai apagando, e rapidamente, a luz dos olhos." (AZEVEDO, 1973, f. 1). Porém, isso não lhes impediu de escrever as últimas e amistosas cartas. Em tempo, na mesma carta do trecho acima, Fernando de Azevedo também lamenta que Anísio Teixeira e Lourenço Filho já tenham partido e agradece o apoio e a amabilidade de sempre do amigo Raul Gomes:

V. é um dos mais lembrados amigos, - um dos que mais me apoiaram, trazendo-me o conforto da solidariedade e de seus estimulos em minhas lutas. Em meus encontros com amigos e em reuniões nesta sua casa, nunca nos falta sua presença em recordações. Dos três educadores a que V. se refere, e dos quatro que eram frequentemente citados juntos, a saber Anisio Teixeira, Lourenço Filho, e eu proprio, acrescidos mais tarde do nome ilustre de nosso inesquecivel A. F. de Almeida Junior, sou eu , eu, o que deveria durar menos o sobrevivente. È uma tristeza sobreviver a tantos e tão grandes. Sempre que puder, escreva-me, que são para mim, um prazer suas cartas, tão finas, amaveis e cheias de recordações. Dessas lembranças que, na solidão, se tornam mais vivas e não cessam de despertar outras e outras. Se recordar não é viver, como se diz, é certamente reviver, acordar, recordar dias alegres ou tristes, mas intensamente vividos. (AZEVEDO, 1973, f. 1).

Menos de um ano após essa missiva, em 18 de setembro de 1974, morria Fernando de Azevedo e, em 12 de novembro de 1975, Raul Rodrigues Gomes, os quais deixaram essas memórias que mapeiam a identidade pioneira e ideal de vida dos dois intelectuais, bem como, constroem imagens a partir de um discurso calcado em relações de confiança, laços de solidariedade e admiração fraternas, marcadoras de presença e de sonhos, símbolos de uma identidade tecida nas estratégias das lutas cotidianas pelo ensino e pela educação (PIMENTEL, 2003).

2.3 Participação nas três primeiras Conferências Nacionais de Educação organizadas pela Associação Brasileira de Educação

Na década de 1920, como grande parte dos/as educadores/as brasileiros/as, Raul Gomes converteu-se ao Movimento escolanovista. Interessado nesta nova pedagogia, ele participou das famosas conferências de educação, organizadas pela ABE, entre os anos de 1927 e 1929. Assim, faz-se importante contextualizar a criação e sistematização dessa instituição e suas ações, bem como a participação do intelectual paranaense nesses eventos educacionais.

Em 1922, no decorrer das sessões do IV Congresso Brasileiro de Instrução Secundária e Superior, realizado no Rio de Janeiro sob patrocínio do então

Presidente da República, Epitácio Pessoa, foram aventadas ideias consideradas luminosas em relação a organização do corpo docente brasileiro, para o fim de, unidos, cooperarem mais eficazmente na solução dos grandes problemas da educação nacional. De todas elas, porém, a que vigorou surgiu por ocasião de um jantar no Glória Hotel, em que tomaram partes Heitor Lyra da Silva⁴⁷, Everardo Backheuser⁴⁸, Barbosa de Oliveira⁴⁹ e Lysímaco da Costa⁵⁰.

Essa ideia foi a da criação da Associação Brasileira de Educação (ABE) - que consolidou-se em 1924 - uma instituição que, desenvolvendo-se sob os esforços do Sr. Lyra da Silva, sobressaiu-se às considerações dos poderes públicos federais e dos professores e intelectuais do país. Segundo Carvalho (1998), a criação da Associação deu-se através da união de intelectuais que partilhavam de certos princípios em relação aos novos encargos da educação em uma sociedade moderna.

> Originária da insatisfação de profissionais atuantes nos vários serviços de estado, especialmente no campo da saúde e ensino, a Associação Brasileira de Educação pode ser entendida como preenchedora de um espaço alheado pela organização oficial do ensino. Ensino esse, que em pleno século XX, ainda se achava em grande parte emaranhado na tradicional organização jesuítica e, dessa forma, distanciado da realidade político-social da sociedade republicana. (FERREIRA, 1994, p. 1).

Proveniente de uma tentativa fracassada de formação de um partido político⁵¹ e realizando seu programa educacional, a ABE promovia diversas conferências no Rio, principalmente para as associações operárias, incitando-as à instrução geral e profissional, ao culto ao civismo⁵² e ao amor às instituições nacionais. Logo, porém,

⁵¹ CARVALHO, 1998.

⁴⁷Heitor Lyra da Silva (1887-1926), formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, participou ativamente de todos os eventos educacionais de seu tempo, desde as reformas de ensino, edições de normas, discussão de métodos e apoio a iniciativas tais como o Curso Jacobina e a Escola Regional de Meriti, até o planejamento de bibliotecas (Biblioteca de Educação Ativa).

⁴⁸Everardo Backheuser (1879-1951) foi engenheiro, geólogo, geógrafo, escritor, jornalista e pedagogo brasileiro que se destacou pela atuação na reforma realizada na cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁹Carlos Américo Barbosa de Oliveira foi professor catedrático de Hidráulica da Escola Politécnica e diretor da Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau de 1924 a 1931. Ele fazia parte do grupo católico da ABE e em 1931 teria sido convidado pelo Ministro da Educação e Saúde Pública para participar da comissão de elaboração do anteprojeto de reorganização do ensino técnico profissional (CARVALHO, 1998).

⁵⁰Lysímaco Ferreira da Costa (1883-1941), formado em engenharia, foi professor da Universidade do Paraná, fundador da Escola Agronômica do Paraná, Diretor Geral do Ensino, Inspetor Geral da Faculdade de Engenharia, Delegado do Estado do Paraná no Convênio dos Estados Cafeeiros e Secretário da Fazenda, Indústria e Comércio.

⁵² Segundo Carvalho (1998), havia dois civismos baste claros na propaganda da "causa educacional" da ABE: um valorizava a tradição, pregava virtudes e exaltava o papel moralizador da escola; e o

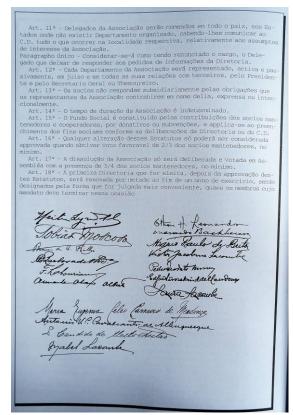
passou também a promover a realização anual de uma conferência com a participação de todas as unidades federativas, visando à unidade nacional e congregação de todos os professores brasileiros em torno dos ideais de civismo e moral. "Os associados da ABE não ignoravam a existência de problemas sociais que se evidenciavam em suas práticas profissionais. Acreditavam que poderiam solucioná-los pela intervenção no processo educativo" (FERREIRA, 1994, p. 2).

Via-se, assim, louvável a iniciativa de combater os redutos estreitos do espírito separatista que por vezes se revelavam em alguns estados, fortificados por um estranho patriotismo vazio e desorganizador, propagado por pessoas de responsabilidade intelectual (CAMARA, 1926). Os idealizadores da ABE viam as CNE's como um raio de esperança para levantar o espírito popular do caos e da desordem causada pela falta de fé no destino do país devido às ações dos homens públicos, e pela ausência de consciência no valor da grande coletividade brasileira para chegar a uma nação civilizada. Para Carvalho (2005),

a Associação Brasileira de Educação (ABE) foi, nos anos 1920 e 1930, a principal instância de organização do chamado movimento de renovação educacional no Brasil, congregando, na década de 1920, numa mesma campanha pela "causa cívico-educacional", grupos de educadores que se antagonizariam mais tarde, após a Revolução de 1930, quando, numa conjuntura de crescimento do aparato estatal e de disputa por hegemonia política, a luta pelo controle do aparelho escolar tornou-se, para os referidos grupos, central.

Figura 9 – Primeiro estatuto da Associação Brasileira de Educação

Art. 1º -A Associación frazilaira de Bácacado tem por fin promover no Brasil a diffusido e a querfelacumente de aducado em coda ca ramos, e coperar en todas as iniciativas que tendas, directa ou infirentemente, a esse objectivo. Art. 2º - A Associação organisa, com séde no Rio de Janeiro, seu primeiro Departamento, o que se referem especialmente estes Batalutos. Be qualquer dos partes de complexes en promociones de parte de parte



O Estado do Paraná e a sua capital foram escolhidos, tal como já foi dito, para sediar a I CNE e, ano após ano, as conferências ocorreram em diferentes estados da federação, sendo a segunda em Belo Horizonte, em 1928, a terceira em São Paulo, em 1929, a quarta no Rio de Janeiro , em 1931, a quinta em Niterói, no ano de 1932, a sexta em Fortaleza, em 1933, chegando até a décima segunda, realizada em Salvador, Bahia, em 1956. Participando ativamente das três primeiras edições das CNE's, Raul Rodrigues Gomes, engajado em prol de uma nova educação, atuou como delegado de seu Estado e propôs teses que refletiam assuntos como a formação dos professores, obrigatoriedade escolar, educação política ou integral e ensino profissional.

Durante sua participação nos citados eventos, Raul, que já possuía uma vasta rede de sociabilidade em seu Estado, tanto com católicos quanto com os chamados *Pioneiros da Escola Nova*, tal como Osvaldo Pilotto, Sebastião Paraná, Antonio Tupy Pinheiro e Francisco de Azevedo Macedo, teve a oportunidade de contatar intelectuais dos demais Estados, principalmente, com os chamados *Cardeais da Escola Nova no Brasil*: Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo.

Figura 10 – Encontro na ABE (entre 1933 e 1935). Esq./dir.: (em pé) Lysímaco da Costa (1°), Anísio Teixeira (2°), Lourenço Filho (7°) e Raul Gomes (8°).



Fonte: Acervo CPDOC/FGV

A I CNE foi realizada na cidade de Curitiba - "sementeira de esperanças", nas palavras de Sebastião Paraná⁵³ - entre os dias 19 e 26 de dezembro de 1927, tendo início na data que marcava o 74º aniversário de emancipação da Província do Paraná - instalada pelo Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos - e, também, a data da criação do Centro de Letras e da Universidade do Paraná, em 1912. De acordo com Ferreira (1994, p. 6), a

intenção dos fundadores da ABE era a de ampliar as discussões das questões educacionais para além do eixo Rio-São Paulo. Para tanto pensou-se que as conferencias deveriam acontecer 'ora norte, ora sul, ora centro', de modo a realizar uma verdadeira transfusão de ideias e sentimentos.

A escolha da capital do Paraná para sediá-la envolveu, segundo Ferreira (1994), algumas especificidades: 1) A estreita amizade do idealizador das Conferências, Fernando Magalhães com o Diretor da Instrução Pública do Paraná, Lysímaco Costa; 2) A constatada impossibilidade da realização do evento no norte do país como inicialmente havia sido planejado; 3) O interesse da ABE na exposição sobre os "Aspectos do Ensino Paranaense" feita por Lysímaco Ferreira da Costa na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em agosto de 1917, na qual, como já sinalizamos, expôs a experiência da aplicação de novos métodos de ensino; 4) A chamada questão do isolamento platino, ou seja, o isolamento político-econômico-cultural do Paraná do eixo Rio-São Paulo devido à exploração comercial da erva mate para Buenos Aires e Montevideo.

Em uma conjuntura bastante propícia aos novos debates, ocorreu a I CNE, que "representou parte do esforço de modernização e de inserção do Estado e, sobretudo, de sua capital no cenário nacional. Sediar a conferência significava estar à frente daquele que era considerado como o principal problema nacional, ou seja: a causa da educação." (VIEIRA, 2001, p. 59). Assim, Curitiba viu-se orgulhosa em sediar a Conferência e em exibir suas instituições de ensino instaladas em excelentes prédios e dotadas de materiais prescritos pela Pedagogia Moderna.

A Conferência, cujas sessões foram realizadas no Theatro Guayra e no Palácio Rio Branco, sede da Assembleia Legislativa Estadual na época, contou com intelectuais vindos de 17 estados brasileiros e com a forte presença e influência do

-

⁵³ Sebastião Paraná de Sá Sottomaior (1864-1938) foi jornalista, advogado, político e professor paranaense engajado nas lutas educacionais do Estado. Exprimiu essas palavras em uma crônica escrita para o jornal *Diário da Tarde*, em 19 de dezembro de 1927.

bloco católico, engajados para discutir o problema da educação brasileira, principalmente no que tangia ao ensino primário, que encontrava-se "menosprezado e relegado a plano inferior nas lucubrações dos pós-homens." (GOMES, 1927a, p. 2).



Figura 11 – Congressistas em frente ao Palácio Rio Branco (Curitiba, 1927)

Fonte: Conferência Nacional de Educação, 1.: 1927: Curitiba, PR.; COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. I Conferência Nacional de Educação. Brasília, DF: INEP, 1997. p. 681

Organizada por Lysimaco Ferreira da Costa, representante do Governo do Estado e Diretor Geral de Ensino do Paraná, a Conferência revelou um contingente de 113 teses que produziam um discurso teórico, constituindo um importante complexo de relações de poder entre instituições, sujeitos e discursos, no que se referia à modernização da educação. Segundo Ferreira (1994), faz-se importante destacar algumas predisposições intelectuais que suscitaram nas teses: o nacionalismo, o liberalismo, o positivismo, a religião e as tendências sociais (afirmação e expansão das camadas médias e influência imigratória).

Figura 12 – Saudação de Lysimaco Ferreira da Costa aos congressistas e à ABE com a presença do Professor Orestes Guimarães (1° congressista sentado à esquerda do orador) na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba, 1927).



Fonte: CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1.: 1927: Curitiba, PR.; COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. I Conferência Nacional de Educação. Brasília, DF: INEP, 1997. p. 683.

As teses foram divididas em quatro sessões temáticas, sendo a primeira *A unidade nacional*: a) pela cultura literária, b) pela cultura cívica, c) pela cultura moral, tendo como relatora a D. Isabel Jacobina Lacombe. A segunda, *Uniformização do ensino primário* e suas ideias capitais, mantida a liberdade de programas; relatora: D. Zelia Braune. A terceira, *Criação das escolas normais superiores em diferentes pontos do país para preparo pedagógico*; relator: Professor Barbosa de Oliveira. E por fim, *Organização de quadros nacionais, corporações de aperfeiçoamento técnico, científico e literário*; relator: Fernando de Magalhães.

É mister citar algumas teses de professores paranaenses no sentido de exemplificar a variedade de temas: Ensino da leitura inicial pelo método de palavras geradoras, de Antonio Tupy Pinheiro; Necessidade da Pedagogia Moderna, de Lindolpho Xavier; A moral na escola primária, de Annete P. Macedo; e Instrução Primária e Profissional, de Sebastião Paraná.

Em 21 de dezembro, durante o evento, foi fundada a Associação Paranaense de Educação (APE), entidade ligada à ABE do Rio, que contava com Sebastião

Paraná no cargo de presidente e Raul Gomes como 1º secretário. Também foram instituídas as comissões para os exames das teses, sendo duas para o Ensino Primário, a primeira presidida pelo professor paulista Deodato Moraes (defensor da pedagogia montessoriana) e a segunda pelo professor Orestes Guimarães (representante de Santa Catarina), sendo Raul Gomes participante deste último grupo; uma para o Ensino Secundário, mediada pelo professor Renato Jardim; uma para o Ensino Profissional e Superior, regulada pelo Dr. Ubaldo Ramalhete Maia; e três para Teses Gerais, comandadas pelos professores Raul Bittencourt, Renato de Alencar, Leoni Raseff, respectivamente. (O DIA, 1927).

Além dos cargos acima citados, o professor Raul Gomes participou da Conferência com a tese de número 49, intitulada *Missões Escolares*, e a de número 95, *A Conscrição Escolar*, que no ano seguinte foram publicadas em folheto juntamente com o anexo *Plano de Desanalfabetização*. Em ambas as teses constata-se que a educação era para ele um problema de extrema relevância e por conta disso ocupava um lugar central na sociedade, haja vista que seria responsável por desenvolver a razão e gerar sujeitos livres e promotores do progresso da humanidade, o que exigia a formação de um novo tipo de professor.

Partilhando da ideia de Zola de que "só o professor laico, instrumento da verdade e da justiça, pode salvar a nação, dar-lhe o seu lugar e a sua acção no mundo"⁵⁴, Gomes, em suas teses, não partilhou qualquer alusão ao discurso religioso, como fizeram alguns educadores, inclusive curitibanos, o que o colocou ao lado dos chamados liberais, que mais tarde iriam opor-se aos católicos no interior da ABE, ocasionando uma cisão dentro da instituição. As lutas de representações⁵⁵ entre os católicos e os liberais fizeram-se presentes durante toda a I CNE e

nesse contexto a igreja católica ocupou espaço significativo, pois gozava de sólidas posições institucionais e tradição de ensino no país, contudo encontrava a resistência crescente de intelectuais laicos que, desde o século XIX, formavam-se na vaga cientificista do positivismo, dos ideais políticos republicanos e que associavam à presença da igreja católica na cultura nacional o atraso, o tradicionalismo, a visão metafísica, etc. (VIEIRA, 2001, p.58).

-

⁵⁴ apud GOMES, 1914, p. 26.

⁵⁵ Conceito utilizado por Roger Chartier (1998) para designar formas de projeção de uma identidade e de uma transmissão a um representante abstrato ou individual da coerência de grupos de um poder ou de uma comunidade.

O espaço demasiado concedido aos católicos, por parte de Lysímaco Costa, rendeu algumas críticas nos jornais curitibanos, como esta sugestiva charge publicada pelo periódico *O Dia* ao término da I CNE:

Felizmente...

O Fumaça: — O Congresso Irracional fechou e o Lysimaco "perdeu a chavel..."

Figura 13 – Charge sobre a I Conferência Nacional de Educação

Fonte: O Dia, 28 dez. 1927, p. 1.

O referido jornal, do qual Raul Gomes era colaborador, sempre dirigiu censuras ao modo como Lysimaco Costa coordenava a Direção Geral de Ensino durante o governo Munhoz da Rocha. Por ocasião da Conferência, o jornal colocava-se terminantemente contra a tese da Sra. Amélia Rezende Martins, intitulada *Uma palavra de atualidade*, na qual a professora defendia que o ensino da moral deveria ter por base a religião. Para o jornal, "tal assunto deveria morrer na sala das comissões, não sendo nunca levado para o recinto do Congresso, uma vez provada a sua inconstitucionalidade." (O DIA, 1927, p. 2). Após muitos debates, o parecer da tese constitui-se da seguinte forma: "Que o ensino da Moral, em todos os Institutos de Educação do Brasil, tenha por base a religião e o respeito às crenças alheias e a solidariedade em todas as obras de progresso nacional." (apud DIÁRIO

DA TARDE, 1927, p. 2). Posto em votação, os intelectuais presentes, em sua maioria católicos, decidiram por aprovar o parecer com 117 votos a favor frente a 86 contra.

Diante dos embates gerados sobre o favorecimento ou não de Lysímaco Costa em torno da tese, foi enviado um ofício para o *Diário da Tarde* esclarecendo o caso e pedindo ampla divulgação para evitar mais transtornos. Dentre muitas explicações, consta que

A votação foi descoberta e nominal. O Sr. Dr. Lysímaco Ferreira da Costa era o primeiro da lista da ponta pelo que, de accordo com a exigência do processo nominal, ipso-facto, tinha de ser o primeiro a declarar o seu voto. Quanto á marcha da votação esta foi, a convite da mesa, fiscalizada pelo Sr. Raul Gomes e Dr. Francisco de Azevedo Macedo, do que representavam a corrente contrária a ideia religiosa nas escolas e o Padre Francisco Torres que representava a corrente favoravel. (DIÁRIO DA TARDE, 1927, p. 2).

Apesar das acusações contra Lysímaco, Raul Gomes, defensor do ensino laico, conferiu ao conterrâneo, na tese *Missões Escolares*, o título de defensor da evolução da escola ativa contra a tradicional, elogiando seu discurso proferido na Escola Normal de Curitiba (1925).

Diante de críticas e elogios, e, segundo Carvalho (1998), caracterizada pelas teses não serem representativas de grupos ou tendências, mas sim a expressão a posição de seus defensores, a I CNE deu-se por encerrada, através do seguinte discurso de Lysímaco Ferreira da Costa, no dia 27 de dezembro de 1927, e sendo estabelecida a próxima Conferência, segundo os anais do evento, para 07 de setembro de 1929 na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

Curitiba, ao receber os delegados dos demais estados da República e contribuindo com a flor do seu professorado para o êxito da I Conferência Nacional de Educação, ganhou honras e privilégio que jamais se extinguirão na história pátria. As resoluções aqui tomadas, que não foram poucas e que tiveram em vista exclusivamente o bem e as tradições do povo brasileiro, serão de futuro lembradas nas demais capitais dos estados, conjuntamente com o nome da formosa capital paranaense. (FERREIRA DA COSTA, 1927, apud OLIVEIRA E SILVA, 2004, p. 685).

A II CNE aconteceu entre os dias 04 e 11 de novembro de 1928 na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Apesar da indicação na Conferência anterior por Natal/RN, defendida pelo Dr. Nestor Lima, o evento deu-se na capital mineira, cujo governo prontamente apoiou a ideia, já que "os trabalhos da reforma do ensino

primário e normal de Minas e a criação da Universidade de Belo Horizonte davam a essa escolha um caráter de oportunidade sem igual." (apud OLIVEIRA E SILVA, 2004, p. 22).

Congregando representantes de todo o Brasil, de norte a sul, essas assembleias, verdadeiras exposições da ordem espiritual, evidenciam as falhas do ensino, as lacunas dos processos educativos, e cada qual concorre, com os elementos de seu saber, para melhorar o que temos. Estimula-se a ação particular e orienta-se a oficial. A Conferência do Paraná, realizada em Dezembro, teve consequências utilíssimas: as conclusões votadas acentuaram pontos pedagógicos fundamentais, traçando rumos que irão definindo cada vez melhor. Este, que se vai reunir agora em Belo Horizonte, continuará a tarefa. (VEIGA MIRANDA, 1928, apud CORREIA, 1928, p. 2).⁵⁶

No Paraná, as discussões sobre as teses que seriam enviadas para a II CNE tiveram início no mês de maio do mesmo ano, sob coordenação da então presidente a Associação Paranaense de Educação (APE), professora Maria da Luz Cordeiro Xavier. No auditório da Escola Normal, os exames das teses aconteceram até o mês de agosto, sendo estudados dois trabalhos por mês em sessões abertas ao público. Raul Gomes, que seria delegado oficial do Estado no evento mineiro substituindo o Dr. Lindolpho Pessoa, propôs a tese intitulada *Educação Política ou Educação Integral* que fora aprovada para a apresentação no evento e tratava da organização do ensino secundário.

A referida tese, apresentada em 07 de novembro de 1928, solicitava mudanças efetivas no sistema educativo brasileiro, propondo planos, sugestões e providências para que o país saísse do anacronismo em que estava imerso. Em seus estudos realizados sobre os problemas do ensino em seus diversos aspectos – primários, secundário, normal, e outros⁵⁸ – Raul Gomes constatava haver um erro ao não se considerarem tais problemas como um todo, que era a educação, cujo o único objetivo deveria ser formar homens conscientes e preparados para o bemestar do país. A tese mereceu o seguinte parecer relatado por Bernardino J. de Souza:

_

⁵⁶ Discurso pronunciado pelo delegado oficial de São Paulo, Sr. Veiga Miranda, na abertura da II CNE.

⁵⁷ Diante da impossibilidade em analisar o texto da tese apresentada por Gomes, visto que esta não encontra-se disponível nos anais da II CNE, as observações aqui realizadas serão norteadas pelo parecer destinado ao trabalho, bem como por artigos publicados no jornal curitibano *O Dia*, que fez a cobertura da Conferência.

⁵⁸ Conferir: Conferência Nacional de Educação. O Jornal, Rio de Janeiro/RJ, 05 out. 1928, p. 3.

O trabalho do professor Raul Gomes, que me foi distribuído para relatar e que se intitula "Educação Política ou Educação Integral", é, em verdade, uma notável, contribuição para a organização científica do sistema educativo integral da nossa Pátria. Vale recordar o clamor que o ilustrado mestre paranaense levanta contra o descalabro dos nossos anacrônicos processos educativos, para cujo paradeiro devem cerrar fileiras todos os responsáveis pelas instituições brasileiras da nacionalidade, terminando pelo requerer a sua transformação radical. Para tanto, propõe planos, lembra sugestões e pede providências. Após uma larga explanação do assunto, na qual revela abundante cultura pedagógica e segura visão da nossa maior necessidade, executando sempre as suas palavras no rijo alicerce de números tirados das estatísticas existentes, termina por uma série de sugestões, umas teóricas, outras práticas, consoante a sua própria classificação. Quanto às primeiras, é ele mesmo que propõe sejam encaminhadas, quando se tratar da organização de um plano nacional de educação. As segundas podem ser aduzidas ao seguinte Voto: "A II Conferência Nacional de Educação solicita à Associação Brasileira de Educação promova os meios mais oportunos para que uma comissão de técnicos especialistas, ouvidas as sugestões de todos os corpos educadores do Brasil, elabore um plano geral de educação nacional, que abranja, desde as escolas infantis, até as universidades e escolas de alta cultura e pesquisas científicas, o qual será apresentado, em seu nome, aos poderes competentes, para que se torne lei. E mais: que seja a presente Memória publicada nos Anais desta Conferência, por ser um sério repositório de informes, lembranças, para todos os que se interessam pelo magno problema da preparação de um Brasil melhor." Belo Horizonte, 7 de novembro de 1928, Nestor Rangel Pestana, Bernardino J. de Souza (relator), Polycarpo de Magalhães Viotti, J. E. da Veiga Miranda, Tobias Moscoso, José Eduardo da Fonseca, Francisco Venâncio Filho, Lucio José dos Santos, Mendes Pimentel. (apud OLIVEIRA E SILVA, 2004, p. 108)

Além da defesa de sua tese, Raul Gomes interviu em diversos momentos do evento com discursos relativos à defesa da inserção das mulheres na ABE, homenageando as professoras Alba Nascimento e Annette Macedo; e à socialização das decisões da ABE com instituições internacionais, como o Bureau Internacional de Educação de Genebra, que tinha Lourenço Filho como representante brasileiro, e a Associação Internacional do Magistério Americano, com sede em Buenos Aires, parecendo compreender, tal como propôs Roger Chartier (2001), que a circulação multiplicada do escrito impresso contribuiria para modificar as formas de sociabilidade, autorizando novos pensamentos e transformando as relações com o poder.

Em se tratando de relações de poder, por suas leituras de mundo e interlocução com nomes nacionais do movimento da Escola Nova, Raul Gomes era sempre bastante respeitado ao exprimir opiniões durante as reuniões. Em discussão sobre o professorado rural, foi constantemente interrompido e questionado pelos professores Renato Jardim e José Mariano, sem deixar, em momento algum, de reafirmar suas ideias. Ao afirmar que a escola rural demandava especial atenção,

Gomes posicionou-se a favor de professores rurais diplomados e bem remunerados, sendo terminantemente contra a contratação de professores leigos, que dizia serem "quase analfabetos":

É preciso nomear o professor leigo, o professor barato, porque não ha dinheiro para pagar o professor diplomado, não há dinheiro para pagar o bom professor, affirmam V. V. Exa.. Não ha dinheiro, digo eu, se quisermos fazer aquilo que meu amigo Orestes Guimarães chama resolver o problema do analphabetismo a toque de caixa e a rufo de tambor mas si formos mais modestos, si quizermos a solução parceladamente, creio o conseguiremos. (GOMES, 1928, *apud* O DIA, 1928a, p. 2).

Raul Gomes exemplificou o êxito que o México estava obtendo com as ditas "missões culturais", ou seja, professores seletos e itinerantes que iam aos centros rurais para ensinar. Mas, com certo pessimismo e certa ironia, alertou que talvez no Brasil esse método não seria válido pelo risco das missões tornarem-se passeatas. De qualquer modo, a solução, segundo ele, era remunerar bem aos professores rurais, dando-lhes, inclusive casa, já que a carreira do magistério deveria ser inaugurada no campo, pois somente assim, o diplomado, o normalista, não se recusaria a ir para o interior (O DIA, 1928a).

Em outra ocasião, Raul Gomes destacou o progresso do ensino do Paraná através de números referentes à organização escolar que se dava da seguinte forma:

Ensino infantil dado em uma escola maternal, varios jardins de infancia dos typos froebeliano e montessoriano; ensino primario curso de 4 anos nas cidades e 3 nas zonas ruraes; ensino complementar nas escolas desse grão espalhadas por todo Estado, com tendencia a multiplicação; ensino normal dado em 3 escolas normaes, devendo ainda este anno, serem começadas as de Jacarezinho e Guarapuava; ensino secundario em 2 gymnasios officiaes e varios particulares; ensino superior, dado em nossa modelar universidade, a unica que desde sua fundação, funciona no mesmo predio, com excellentes laboratorios e museus para os varios cursos. (GOMES, 1929, apud O DIA, 1929, p. 2).

Cabe destacar que durante esta Conferência, Gomes, juntamente com os demais conferencistas, visitou algumas escolas mineiras onde se colocava em prática o Método Decroly, o qual despertava a sua atenção de modo especial: "Pude, pois ficar com uma nitida idéa da maneira por que estão sendo applicadas as innovações do grande educador Belga." (GOMES, 1929d, p. 2). Nesse sentido, é nítida a relação cada vez mais próxima de Raul Gomes com alguns expoentes do

movimento da Escola Nova internacional, sobretudo Ovide Decroly e Maria Montessori.

Figura 14 – Visita ao Grupo Escolar D. Pedro II durante a II Conferência Nacional de Educação (1928)



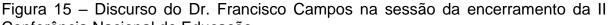
Fonte: Arquivo da Associação Brasileira de Educação - RJ

No encerramento da II Conferência Nacional de Educação, Raul Gomes proferiu, como orgulhoso paranista⁵⁹, um discurso aludindo o trabalho dos conferencistas ao da gralha azul, designando-os semeadores do que é nosso, em um sentimento nacionalista e combativo, no melhor estilo de Orestes Guimarães, a quem tanto afirmava admirar:

Na minha terra, senhores, há um pássaro que Deus para lá mandou em missão divina e providencial — é a gralha azul. Nós destruímos inconscientemente e criminosamente as reservas imensas de pinheiros que recebemos como herança de nossos antepassados. (...) e não há no Paraná um só homem que plante pinheiros. É a gralha azul a sua plantadora; é ela quem, não se explica por que misterioso impulso, pega o pinhão, escondendo-o; depois esquece a fruta que guardou como reserva e um dia o pinheiro surge com todo o vigor, em lances verticais! É a gralha azul que refaz a obra destrutora do homem e de tudo aquilo que ele operou na sua inconsciência. Vós, senhores da ABE, com essas jornadas através do País, realizais o papel da gralha azul, porque ides em cada Estado

⁵⁹ Baseado no nacionalismo brasileiro, o termo advém do Movimento Paranista que surgiu na década de XX como forma de expressar o intelectualismo curitibano e forjar a identidade do Paraná.

semeando o sentimento do Brasil grande, do Brasil do futuro, que só as crianças serão capazes de ver um dia em toda a sua pujança, em toda a sua grandeza e em todo o seu esplendor (GOMES, 1928, apud OLIVEIRA E SILVA, 2004, p. 169-170).





Fonte: Arquivo da Associação Brasileira de Educação - RJ

Porém, nem todos os momentos da Conferência foram considerados "frutíferos". É mister salientar um desentendimento ocorrido entre duas delegações durante o evento e que refletiram na organização da III CNE, causando posterior crise na ABE60. Os delegados de São Paulo, dentre eles os participantes da Sociedade de Educação, Renato Jardim e Lourenço Filho, envolveram-se em uma forte discussão com a seção carioca e com Fernando de Magalhães, já que este saiu em defesa da tese de Barbosa de Oliveira que tratava da unificação do ensino normal⁶¹. Conforme o jornal paulistano Diário da Noite (1929, p. 1)

> um grupo de membros da ABE, chefiado pelo sr. Fernando de Magalhães, manifestou-se repetidas vezes em oposição aos membros da delegação

61 A tese de autoria de Barbosa de Oliveira confiava à União o padrão e o controle da formação de professores em todo o território nacional.

⁶⁰ Sobre os conflitos na organização da III CNE, ver: NERY, 1999.

paulista, o que se deu desde a composição das comissões. O primeiro parecer discutido em plenário, que era de autoria do professor Lourenço Filho, provocou da parte do Sr. Fernando de Magalhães um discurso de ataque, em que se acoimava a delegação de "francamente separatista" e de "fazer obra de dissolução nacional, o que aliás refletia a política do Estado.

O discurso de Fernando de Magalhães desencadeou uma tempestade de protestos, com reprovação imediata de Licínio Cardoso, que presidia a sessão, e de diversos intelectuais das demais delegações, sugerindo, assim, a reprovação da polêmica tese. Tal fato fez com que Fernando de Magalhães se desligasse, temporariamente da ABE, alegando que "haviam faltado á solidariedade para com elle, os desleaes companheiros" (JARDIM, 1929, p. 4).

Finda a II CNE, iniciou-se, meses depois, a organização da seguinte Conferência, que realizar-se-ia entre os dias 6 e 14 de setembro de 1929 na cidade de São Paulo, mas sem a participação de Renato Jardim e dos demais membros da diretoria da Sociedade de Educação, visto que estes renunciaram a seus cargos devido aos reflexos provocados pelo fato ocorrido em Belo Horizonte.

As teses para a III CNE deveriam focar no ensino primário, secundário, profissional e organização universitária⁶², e, através de quatro pequenas crônicas⁶³ publicadas por Raul Gomes no jornal curitibano *O Dia*, os cidadãos paranaenses puderam compreender, laconicamente, os *comptu rendus* do evento, destacando os fatos e trabalhos por ele considerados culminantes. Segundo ele, a conferência de São Paulo não teve o mesmo brilho de suas antecessoras. "Fiquei com a impressão de que a commissão executiva de São Paulo se preoccupou mais com o que tinha de mostrar aos congressistas, do que com a efficiencia dos trabalhos da conferência." (GOMES, 1929a, p. 2).

A Conferência foi disposta em seis sessões ordinárias, o que causou certo desconforto entre os participantes, já que, por falta de tempo, o estudo de algumas teses teve que ser transferido para a IV CNE (Rio de Janeiro, 1931), resultando, segundo Gomes, no mau aproveitamento de um dos temas do programa: o ensino

_

⁶² Dentre as diversas teses apresentadas no evento, destacam-se, a título de exemplificação, as seguintes: Disseminação do Ensino Secundário, do Dr. Barbosa de Oliveira; A iniciativa particular na organização das escolas primarias e profissionais, da professora Armanda Alves Alberto; e Plano de alfabetização do Brasil, do Dr. Mario Pinto Serva. Ver: ANNAES da III Conferência Nacional de Educação, 1930.

⁶³ As crônicas intituladas "O que eu vi em São Paulo" foram publicadas entre os dias 22 e 27 de setembro de 1929 no referido jornal.

secundário. Raul Gomes enviou à III CNE duas teses, além de participar como delegado e representante do Estado do Paraná ao lado do professor Osvaldo Piloto⁶⁴.

Fizemos, eu e o dr. Osvvaldo Pilloto, rapidos discursos justificando emendas. E logramos ve-las approvadas, excepto uma minha, transferida para a 4ª Conferencia Nacional de Educação. Mais de um orador foi, a bem dizer, vaiado. Nós si não tivemos a opportunidade de arrebatar a assembléa com discursos empolgantes, podemos afirmar que, embora muitissimo aparteados, como fui eu, nos ouviram com attenção. (GOMES, 1929a, p. 2)

A tese de Raul Gomes intitulada "O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema" foi aprovada com um parecer bastante elogioso. Já a outra, que deveria ser apresentada no IV CNE, não pode ser localizada, visto que a participação de Gomes nos eventos da ABE findou-se no congresso de São Paulo e nada consta nos anais da III e IV Conferências.

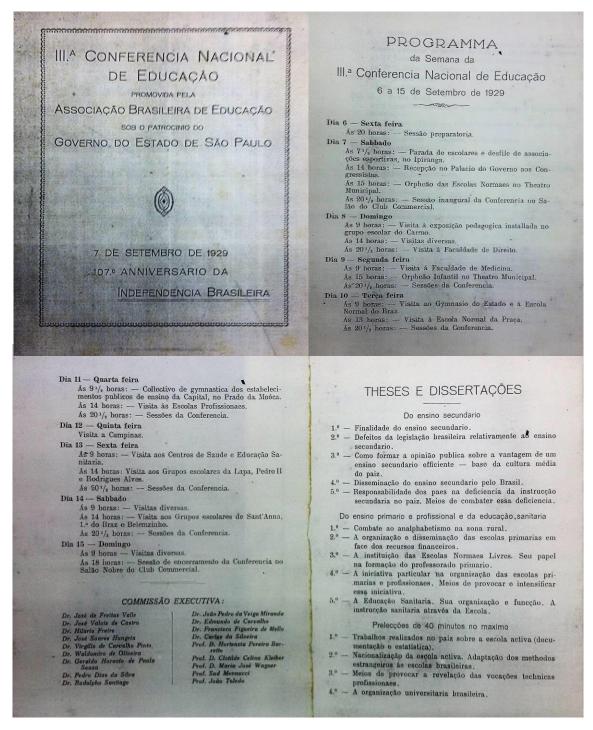
O programa da III CNE contemplava não apenas o estudo das teses, mas também visitas pedagógicas a Grupos Escolares, Escolas Normais e Profissionais, Faculdade de Direito e Medicina, Orfeão infantil, Teatro Municipal, centros de saúde e educação sanitária, e passagem pela cidade de Campinas.

Paraná" (1953) e "Cem anos da imprensa no Paraná" (1976).

-

⁶⁴ Osvaldo Piloto (1901-1993) foi Diretor da Faculdade de Filosofia e de Ciências Econômicas e da Escola de Música e Belas Artes, bem como da Biblioteca Pública do Paraná. Também figurou como presidente do Conselho Regional de Técnicos de Administração, da Academia de Letras, e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Entre suas obras, destacam-se "A criação da Província do

Figura 16 – Programa da III Conferência Nacional de Educação – 6 a 15 de setembro de 1929



Fonte: Arquivo da Associação Brasileira de Educação - RJ

Em visita à Escola Profissional do Brás, Raul Gomes teve uma grata surpresa ao observar que os materiais ali produzidos pelos alunos, como baixelas e mobiliários, já eram disputados por uma freguesia de gosto artístico altamente requintado, reafirmando as palavras dispostas em sua tese, de que São Paulo era

uma eterna escola de brasilidade e sabedoria, já que sabia ensinar com máxima eficiência respeitando os limites de seus alunos (GOMES, 1929b). "Estes não fizeram sua aprendizagem desnorteadamente, mas seguindo um curso racional onde adquiriram conhecimentos scientíficos e práticas necessárias para a produção de obras primas." 65

Em Campinas, Raul Gomes também visitou Escolas Profissionais e Grupos Escolares e, mais uma vez, impressionou-se com tamanhos feitos e ainda mais com as atitudes modernas empregadas pelas professoras ao deixarem que os alunos tivessem autonomia para fazer seus trabalhos, atuando apenas como guias⁶⁶. Na sua opinião, estava aí o espírito da Escola Ativa/Nova. Visitou também a Lourenço Filho na capital, posto que, desde a sua participação na I CNE em Curitiba (1927), este passou a ser considerado por Gomes como uma das figuras mais distintas e brilhantes no certame educacional. Como já é sabido, Lourenço Filho não participou da III CNE, mas acolheu aos congressistas que o foram procurar em seus campos de ação, seja na Escola Normal da Praça da República, no Liceu Rio Branco, ou na Companhia Melhoramentos, onde dirigia a seção editorial.

Atento aos círculos pedagógicos europeus, Lourenço Filho, segundo Raul Gomes, rompeu com a tradição, assim como estava fazendo Lysímaco Costa no Paraná. Auxiliado por Noemy Silveira⁶⁷, o "psicopedagogista" paulista experimentava e fiscalizava vários tipos de testes, dentre eles o de Binet e Simon, "procurando estabelecer as séries das provas pedagogicas da psychologia por meio das quaes se meçam a intelligencia e o saber da criança brasileira." (GOMES, 1929c, p. 2). Nestas visitas acompanhado de Lourenço Filho, chamou-lhe especialmente a atenção um episódio por ele observado em uma turma de 3° ano do Liceu Rio Branco, no qual deparou-se com um menino trepado a uma escada trabalhando em um mapa mural, fruto do trabalho com o método Decroly. Era, segundo ele, a Escola Ativa/Nova adentrando os muros das instituições de ensino sob a visão de um técnico psicologista, buscando basear-se, como metodologia de ensino, nas atividades espontâneas dos educandos, passando estes a serem os aprendem e não os a quem se precisa ensinar algo (CUNHA, 1995).

-

⁶⁵ GOMES, 1929b, p. 2.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Noemy Marques da Silveira (1902-1980) foi professora primária, assistente de Lourenço Filho na área de psicologia e pedagogia na Escola Normal da Praça e coordenadora do Serviço de Psicologia Aplicada.



Figura 17 – Lourenço Filho e Noemy Silveira (19__?)

Fonte: Acervo CPDOC/FGV

Assim como Lourenço Filho, Raul Gomes buscava aproximar-se deste método em suas aulas, bem como nos materiais que produzia para uso nas escolas paranaenses. A obra "Prática de Redação" (1927) direcionava os professores à praticarem as três fases processuais do ensino — observação, expressão e associação — com organização e orientação didática para ensinar a língua pela própria língua, aplicando o preceito pedagógico do aprender, fazendo. A simpatia pelo método e pela pessoa de Decroly pode ser comprovada no excerto escrito por Gomes no ano de falecimento do pedagogista belga:

Decroly experimentou muitissimo. Teimava em não editar uma obra definitiva. Não estava satisfeito ainda com suas criaçõis. (...) Ele encontrou, depois de 25 anos de esforço incessante e desinteressado, a metodologia da intuição pela qual lutaram Comenius, Pestalozzi, Herbart, etc. Ele a achou. Quando nos familiarizávamos com a educação nova, com suas teorias fascinantes, nos interrogamos: Como praticar isto? (...) Decroly

cuidou de sistematizar uma metodologia, respeitando a personalidade do professor. E conseguiu, promanando dahi a irradiação de seu método." (GOMES, 1932a, p. 2).

O encontro com Lourenço Filho, um dos cardeais da Escola Nova, ao lado de Fernando de Azevedo e de Anísio Teixeira⁶⁸, foi certamente um dos pontos altos da III CNE para Raul Gomes. Sinal da amizade que ambos passaram a partilhar a partir de então foi o recebimento no ano seguinte do primeiro exemplar do livro Testes ABC⁶⁹, de Lourenço Filho; sobre o qual Raul confessou ter "contrastado temperamentalmente", fato que nunca os afastou, pelo contrário, os uniu em uma "harmonia dos contrastes tão comum na convivência social e até afetiva" (GOMES, 1970, p. 2). Quanto a aproximação, não resta dúvida, já que nos congressos organizados pela ABE em que ambos participaram por seus Estados, sempre houve cooperação mútua e apoio nas discussões acaloradas em defesa de uma educação nova.

_

⁶⁸ Em dedicatória da 3ª edição do livro "Prática de Redação" (1967, p. 7), o intelectual paranaense refere-se à tríade dos "cardeais da Escola Nova brasileira", juntamente com reformista mineiro Francisco Campos, como "a quadrilogia luminosa de técnicos da educação, a quem, principalmente o Brasil deve inestimável serviço da aplicação e realização sistemática, efetiva e oficial do espirito e diretrizes da escola nova."

⁶⁹ Os "Testes ABC" elaborados pelo educador paulista serviam para um pronto diagnóstico sobre a aprendizagem de leitura e escrita.

3 POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS: REPRESENTAÇÕES DE RAUL RODRIGUES GOMES SOBRE A ESCOLA NOVA

Navegar pelas teses apresentadas por Raul Rodrigues Gomes nas Conferências Nacionais de Educação tratou-se de um percurso delicado pelo fato de nem tudo ser um "mar de rosas". A inexistência dos anais da II CNE (Belo Horizonte, 1928) tornou o percurso turbulento, obrigando a busca da tese do intelectual paranaense por vários itinerários nos mais diversos periódicos nacionais e instituições públicas e privadas. Porém, como já afirmado pelas pesquisadoras Ana Chrystina Venâncio Mignot e Libânia Nacif Xavier na apresentação do livro *Páginas da História* sobre a II CNE existem apenas fragmentos de debates, discursos, palestras e moções, bem como homenagens e notícias sociais sobre o evento⁷⁰. Dessa forma, optou-se por seguir viagem e analisar os preceitos da Escola Nova somente nas teses apresentadas na I e III CNE.

As teses de Raul Gomes, ainda não visitadas em estudos acadêmicos, trazem importantes informações sobre o surgimento de uma mentalidade moderna em solo paranaense, abordando um discurso muito pessoal do intelectual atrelado às práticas que ele tentara viabilizar em seus projetos e ideias de promoção escolar, atendendo à busca por uma nova civilização⁷¹, instruída e alfabetizada sob as prescrições escolanovistas.

Por sua importância e pela influência do autor nos meios editoriais de Curitiba, as duas teses apresentadas na I CNE foram posteriormente publicadas em formato de folheto pela Empreza Graphica Paranaense – Placido e Silva & Cia Ltda⁷² – sob o título de Conscripção Escolar, em 1928. O impresso, com 49 páginas, demarca os interesses não só de Raul Gomes em propagar suas ideias educacionais, mas também o da direção da gráfica em uma estratégia editorial de posicionamento dentro do campo educacional, demarcando o *poder* na conquista do público-alvo (professores) pelas prescrições escolanovistas como dispositivo de constituição de uma nova cultura pedagógica (CARVALHO, 2005). Nesse sentido,

⁷⁰ OLIVEIRA E SILVA, 2004.

⁷¹ CARVALHO, 2004.

⁷² Empresa editorial fundada por Benjamin Lins e De Placido e Silva com o apoio financeiro de comerciantes e cooperação de intelectuais como David Carneiro e Agostinho Leão Junior. É considerada a primeira sociedade por cotas de responsabilidade limitada do país e conhecida nacionalmente como o jornal Gazeta do Povo. Para saber mais sobre o assunto, ver: SANCHEZ, 2009.

Chartier (1990, p. 127) aponta que "não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega o seu leitor", ou seja, os impressos são representações concretas de seus autores e editores sobre um determinado assunto, com o objetivo de ser decodificado por seus leitores.

Já a tese intitulada *O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema*, tratou por figurar, juntamente com outras sobre o Ensino Secundário, como o 21° trabalho nos anais da III CNE publicados pelo Departamento de Publicidade da Diretoria Geral da Instrução Pública em 1930 sob direção de Lourenço Filho. Esse documento pode ser considerado também como uma estratégia editorial por parte da ABE e do governo do Estado de São Paulo ao propagar ideias modernas e pioneiras de educação.

Segundo Bertoletti (2006), o movimento modernizador da cultura e da educação, instaurado e divulgado pelos intelectuais da época, tornou-se mais forte, especialmente a partir de 1920, apoiado pela expansão qualitativa e quantitativa do mercado editorial de livros educacionais, pelas diferentes reformas de ensino, pela profissionalização dos educadores, e pelas Conferências Nacionais de Educação como uma representação dos ideais reformistas.

Assim, as teses publicadas por Raul Gomes nas Conferências Nacionais de Educação, e que aqui serão analisadas, são consideradas portadoras de representações da Escola Nova por propagarem as formalidades das práticas⁷³ a serem executadas por todo professorado nacional para a resolução dos problemas que assolavam o país, como o analfabetismo e a ausência de formação profissional.

_

⁷³ CARVALHO; HANSEN, 1996.

3.1 As teses apresentadas na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba, 1927)

Como já abordado no subitem 2.3 desta dissertação, a I CNE contou com a participação efetiva de Raul Rodrigues Gomes e com a exposição de duas teses intituladas *Conscripção Escolar* e *Missões Escolares*, ambas providas de uma extensa e profunda ação sistemática em prol da grande causa nacional da época: a desanalfabetização. Aprovadas com louvor pela Assembleia do evento, os trabalhos coroaram o árduo labor ao qual se dedicava o paranaense, que passou a ocupar o cargo de secretário com a criação da APE em 1927.

Demonstrando estatísticas sobre os exorbitantes coeficientes de analfabetos no país, Gomes, assim como muitos intelectuais da época, tinha real preocupação com a incapacidade da população no exercício de seus direitos, principalmente no que tange ao voto, já que o povo, por falta de escolaridade, não possuía uma opinião pública sólida, o que desencadeava a impossibilidade da criação de novos partidos nacionais e a ausência de consciência na escolha e posterior cobrança das promessas realizadas pelos detentores do poder público. Dessa forma, Gomes (1928) acreditava que a eficiência do voto provinha do valor e da idoneidade do votante que, no Brasil, era semianalfabeto e, portanto, sem consciência e sem independência. Tudo estava por fazer, e alfabetizar o povo era primordial.

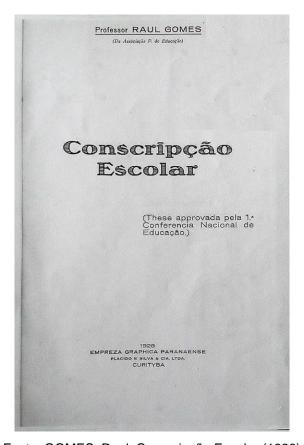
Assim, as teses apresentadas por Raul Gomes na I CNE traziam o "remédio" para a cura desse grande mal nacional: a educação obrigatória e a preparação do professorado em missões escolares. Através de estudo minucioso dos dados educacionais brasileiros e de propostas de soluções possíveis, o intelectual trouxe à tona a necessidade imediata de instruir o povo pensando em um futuro próspero, moderno e com bases na nova escola, esta ainda pouco conhecida e discutida nas instituições escolares do país.

3.1.1 Conscripção Escolar

O termo *Conscrição* advém do dever dos cidadãos em cumprir os compromissos estabelecidos em lei no que se refere ao serviço militar obrigatório e fora utilizado por Raul Gomes a fim de propagar a busca pela conscrição na educação, ou seja, pelas matrículas obrigatórias, num intuito de implantar a modernização escolar e como oportunidade de progresso social, já que para ele, apesar de complexo e depender de muitos fatores, a expansão da escolarização derivava da obrigatoriedade escolar. (GOES, 2015).

a tese sob título "Conscrição Escolar", foi documentada a fim de disseminar o ensino primário pela obrigatoriedade do ensino às classes de idade escolar convocadas, desejando que essa conscrição fosse um ponto de chegada, já que restringia sua adoção após o Estado ter estabelecido medidas necessárias, fundando escolas que atendessem, no interior, a aplicação do ensino às classes conscritas, caso em que era dever do Estado exigir a matrícula e frequências obrigatórias. (GOES, 2015, p. 10)

Figura 18 – Capa do folheto que compila as teses de Raul Gomes na I Conferência Nacional de Educação (1928)



Fonte: GOMES, Raul. Conscripção Escolar (1928)

Conscripção Escolar é considerada a principal tese apresentada por Raul Gomes na I Conferência Nacional de Educação. Trata-se de uma publicação estatística comparada que leva em consideração as ações dos poderes públicos estaduais e municipais sobre as porcentagens de matrículas *versus* a população em idade escolar de 1872 a 1926. A obrigatoriedade de frequência figura como a primeira crítica de Raul Gomes ao modelo escolar vigente à época, considerada por ele como um simples adorno da legislação brasileira, uma "letra morta"⁷⁴.

Crê-se que para a elaboração deste trabalho, o educador paranaense baseou-se nas discussões e teses apresentadas na I Conferência Interestadual do Ensino Primário, muito especialmente nas exposições do professor Orestes Guimarães que fez parte da comissão preparatória como representante da União. Realizada entre os dias 12 de outubro e 16 de novembro de 1921, no Rio de Janeiro, esta conferência foi especialmente convocada pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores com o intuito de buscar soluções para a difusão e nacionalização do ensino primário no Brasil. Na ocasião, as teses de Orestes Guimarães sobre a nacionalização do ensino primário foram aprovadas "sob aplausos e de pé, por mestres de direito, secretários de Estado, senadores e deputado federais" ganhando repercussão nacional.

Apesar de não estar presente no evento, Raul Gomes, que na época residia em Joinville, obteve informações com o professor Orestes Guimarães, representante do Estado de Santa Catarina, e, posteriormente, com a publicação dos anais da conferência. O fato é que o teor de muitas das teses apresentadas no evento⁷⁶ foram também consideradas por Gomes em *Conscripção Escolar*, principalmente no

⁷⁴ Expressão utilizada por Raul Gomes em "Uma letra morta de nossa legislação escolar", excerto que compõe a tese Concripção Escolar (1928).

⁷⁵ GUIMARÃES, 1929, p. 2.

⁷⁶ A Conferência Interestadual de Ensino Primário que teve como objetivo estudar a difusão e a nacionalização do ensino primário no Brasil sob presidência do professor Epitácio Pessoa, contou com a discussão das seguintes teses: 1- Difusão do ensino primário; fórmula para a União auxiliar a difusão desse ensino; e obrigatoriedade relativa do ensino primário e suas condições. 2- Escolas rurais e urbanas; estágio nas escolas rurais e urbanas; e simplificação dos respectivos programas. 3- Organização e uniformização do ensino normal no país; e formação deveres e garantias de um professorado primário nacional. 4- Criação do "Patrimônio do Ensino Primário Nacional", sob ação comum entre os municípios, estados e a União; fontes de recursos financeiros. 5- Nacionalização do ensino primário; escolas primárias nos municípios de origem estrangeira; escolas estrangeiras e sua fiscalização. 6- Criação de um "Conselho de Educação Nacional", sua organização e fins. Ver: Conferência Interestadual do Ensino Primário. Correio da Manhã, 11 out. 1921, p. 4.

que tange à obrigatoriedade do ensino primário; escolas rurais; formação, deveres e garantias do professorado; e fonte de recursos financeiros⁷⁷.

Este trabalho não é o começo mas a prosecução de duas campanhas que tem absorvido a melhor e a maior parte de minha actividade de modesto publicista e humilde professor. Com a aceitação da these "Conscripção Escolar" coroa-se, pelo triunpho concreto, a propaganda de uma ideia, lançada em 1922 pelas columnas do Jornal de Joinville, Santa Catarina; submettida ao julgamento da Academia Brasileira de Letras e pregada pelas columnas do periodismo paranaense (GOMES, 1928, p. 6).

Raul Gomes acreditava que era preciso rever e modernizar o formato escolar e, portanto, a campanha pela matrícula obrigatória era vista como a principal solução para os problemas educacionais brasileiros. Essa campanha perdurou como ideal de vida para o intelectual que, mais tarde, transformou-a em OPALA, isto é, órgão paranaense que visava a propaganda, divulgação e aceitação da Conscrição Escolar como caminho para a liquidação do analfabetismo.

Nagle (2009) aponta que os intelectuais da década de 1920 levantaram veemente a bandeira da luta contra o analfabetismo e da disseminação da instrução primária entre a grande massa da população, pois os dados levantados durante os primeiros anos apontavam uma enorme gama de analfabetos, pesando sobre a nação uma cota de 80% de pessoas não escolarizadas, o que transformava esse mal "na grande vergonha do século, no máximo ultraje de um povo que vive a querer ingressar na rota da moderna civilização" (NAGLE, 2009, p, 128).

Já experiente em levantamento de dados, visto que em 1916 realizara, sozinho e ainda muito jovem, um recenseamento escolar a pedido do Governo do Estado do Paraná, o "soldado paranaense da educação" deu-se ao trabalho de organizar dados oficiais dos Estados brasileiros a fim de mostrar a realidade escolar do país, além de elaborar diversas tabelas comparativas com o intuito de dar mais credibilidade a seus escritos. Vejamos um exemplo:

⁷⁸ Nas cartas trocadas com Fernando de Azevedo, datadas de 1932 e 1933, Raul Gomes se intitula como um soldado da causa educacional.

_

⁷⁷ Conferir: Annaes da Conferência Interestadual de Ensino Primário. Rio de Janeiro: EMP Industrial Editora "O Norte", 1922.

Quadro 1: Percentual de matrícula sobre a produção escolar (1872 – 1926)

	População Escolar		Matrícula Escolar		% da matrícula sobre a população escolar	
Estados	1872	1926	1872	1926	1872	1926
Alagoas	69.601	223.409	5.096	31.446	7	14
Amazonas	11.522	81.939	1.217	11.083	10	13
Bahia	275.923	771.848	15.540	75.202	5	9
Ceará	144.333	304.067	10.390	43.994	7	14
D. Federal	54.994	272.117	8.433	68.883	15	25
E. Santo	16.427	117.590	1.695	28.060	10	23
Goyás	32.079	128.098	2.143	11.000	6	8
Maranhão	73.128	209.841	5.576	8.613	7	4
M. Grosso	12.083	62.532	1.236	8.157	10	13
M. Geraes	420.537	1.380.502	17.905	318.947	4	23
Pará	55.047	253.848	5.586	37.113	10	14
Parahyba	75.244	238.652	3.648	18.864	4	7
Paraná	25.344	174.051	2.250	59.997	8	34
Pernambuco	168.307	523.462	10.334	53.428	6	10
Piauhy	42.364	147.748	1.634	5.288	3	3
Rio de Janeiro	163.920	368.860	13.776	70.173	8	19
Rio Grande do N.	46.795	133.380	2.928	21.780	6	16
Rio Grande do Sul	89.392	536.736	9.982	197.424	11	36
Sta. Catharina	31.960	169.531	3.373	52.643	10	31
São Paulo	167.470	1.150.364	11.520	349.770	6	30
Sergipe	46.928	104.819	5.059	11.455	10	10

Fonte: GOMES, 1928, p. 12.

Nesse caso, é possível observar que no período de pouco mais de 50 anos apenas alguns estados alcançaram ou ultrapassaram o coeficiente de 20% de matrículas sobre a população escolar, sendo Rio Grande do Sul com 36%, em primeiro lugar; Paraná com 34%; Santa Catarina com 31%; São Paulo com 30%; Distrito Federal com 25%; e Espírito Santo e Minas Gerais com 23%.

A sua preocupação com o combate ao analfabetismo o levou a fazer um levantamento não somente dos dados educacionais brasileiros, mas também de países vizinhos, como a Argentina. Segundo informações coletadas junto a Diretoria Geral de Estatística e ao Conselho Nacional de Educação da Argentina e divulgadas por Gomes (1927), o país havia conseguido elevar suas matrículas de 23,22%, em

1879, para 61,15%, em 1919; enquanto o Brasil, entre 1872 e 1926, ascendeu de 6% a 20%, apenas. Ou seja, em nossa terra havia um ideal inatingido ou, talvez, a escola brasileira não possuísse tal ideal, como argumentou Raul Gomes em discussão durante a I CNE:

ha ideal na escola argentina, que procura formar individuos conscientes do valor militar de sua grande patria; ha ideal na escola alemã, que procura democratizar a nação; ha ideal na escola uruguaya, inspirada numa filosofia humanista; ha ideal na escola russa de Nadesha Krapouskaya, visando destruir a burguezia para consolidar o communismo... Só a escola brasileira segue sem finalidade, ao sabor de reformas e mais reformas. (GOMES, 1927, apud DIÁRIO NACIONAL, 1927, p.3)

Essas reflexões levam a crer que reformas impostas até então não perduraram, não se popularizaram, embora parecessem úteis, soaram como ditatoriais e incompreensíveis, vestindo-se da combatida e arcaica educação sem finalidade. Desse modo, os números apresentados em *Conscripção Escolar*, tidos como "venenos violentíssimos", confirmavam o tamanho do problema do ensino no Brasil:

População em idade escolar	. 7.394.194
Alumnos matriculados	. 1.482.765
Porcentagem da matrícula sobre a população escola	ır 20%
População escolar sem escolas	. 5.911.429
Kilometros quadrados por escola	269
Crianças em idade escolar correspondentes a cada	escola. 234
(GOMES, 1928, p. 17).	

Em 1926, somavam-se 5.911.429 crianças sem escolas e as soluções apontadas pelos governantes eram sempre a obrigatoriedade imposta às crianças de 7 a 14 anos e a difusão progressiva de boas escolas como fator de transformação da educação infantil. E dessa (in)eficiência há provas no fato de em mais de 50 anos a elevação das matrículas deu-se em apenas 14%, ou seja, para Gomes (1928), diante desses dados, a obrigatoriedade escolar em massa era inexequível, sendo a conscrição a solução e o método mais eficiente, já que esta organização escolar, aos moldes militares, já estava repercutindo resultados práticos em vários países.

A própria Argentina, cujo desvelo pelo ensino data de Sarmiento, portanto ha mais de 50 annos, ainda não conseguiu o ingresso de toda sua população infantil apta nas escolas! Lá como aqui, existe a obrigatoriedade escolar. E não surtiu effeito. Por que? Por ser inexequível a obrigatoriedade

sobre toda a população escolar de qualquer nação, principalmente como o Brasil, onde correm tropeços de varias ordens. (GOMES, 1928, p. 18)

Assim, da mesma forma que a conscrição militar havia criado a consciência do dever oficial a cumprir em idade certa, a conscrição escolar, isto é, a matrícula em idade determinada, deveria ser um dever certo, uma condição de cumprimento, coisa que, à época, segundo ele, não ocorria, pois a lei abrangia fiscalização na matrícula dos 7 aos 14 anos e não estabelecia período algum de matrícula. O resultado disso, na sua opinião, é que ninguém cumpria o preceito.

Segundo Raul Gomes (1928), o mecanismo da conscrição escolar era muito simples. Seria necessário fixar a idade das crianças e jovens destinada à incorporação escolar, onde, é lógico, houvesse escolas. Pelos registros civil e paroquial organizar-se-iam listas das crianças nascidas 8 anos antes, das quais os mortos deveriam ser excluídos. Alegações dos pais como prova de que seus filhos eram física e/ou intelectualmente incapazes ou se já haviam recebido instrução escolar particular seriam aceitas, e o restante passaria a ser matriculado compulsoriamente. Inspetores de quarteirão e autoridades policiais assumiriam a responsabilidade de intimar aos pais e patrões para mandarem, efetivamente, os filhos à escola. "Multas pesadas e effectivas incidiriam sobre os pais, fazendeiros ou tutores que não houvesse cumprido as exigências da lei." (GOMES, 1928, p. 19).

Quanto a permanência na escola, o estágio escolar, seria uma questão dependente dos recursos de cada Estado. No Brasil, já havia o estágio urbano e estágio rural. Para aquele o período era de 4 anos, e para este de 3, com exceção de São Paulo, em que o período era reduzido para 2 anos. Nesse sentido, Gomes (1928) afirmava que os países anglo-saxônicos distinguiam a idade de entrada na escola, que era fixa e imperativa, do estágio que variava de 8 a 12 anos, e, consequentemente, o coeficiente de analfabetos nesses países já havia caído a menos de 1%. Portanto, seguindo essa lógica, quanto maior a permanência na escola, mais culto e inteligente seria o povo.

Para Gomes (1928, p. 20), a Conscrição Escolar ofereceria as seguintes vantagens:

¹ª – Delimita a massa dos sujeitos á matrícula e frequencia.

²ª – Torna possível systematizar a ação desanalphabetizadora.

³ª – Admitte o trabalho progressivo de incorporação effectiva á escola.

4^a – Cria no povo a consciencia de um dever inilludivel a cumprir em idade determinada da criança.

5ª – Foi o único processo que tornou possível em todo o mundo civilizado o serviço militar obrigatório e o unico meio que ladeou ou removeu as invenciveis difficuldades da obrigatoriedade escolar generalizada e em massa.

Contudo, como todas as iniciativas para melhoria e modernização do aparato escolar, a Conscrição Escolar também seria passível de enfrentar alguns percalços de ordem técnica e econômica, confessou Gomes (1928). A primeira dizia respeito a exiguidade de professores e a precariedade de sua formação nas escolas rurais; e a segunda, o número insuficiente de escolas no campo, sendo que ele considerava que as existentes eram inócuas, não exercendo o mínimo influxo educativo sobre os alunos:

Para assegurar a execução do meu plano, isto é da conscripção, os Governos começariam sua acção pelas zonas urbanas, depois pelas suburbanas e por fim pelas ruraes, á proporção e medida dos recursos dos poderes públicos empenhados nessa campanha desanalphabetizadora. (GOMES, 1928, p. 20).

Assim, para atender à conscrição, ou para atender os imperativos inadiáveis da desanalfabetização nacional, o Brasil deveria espalhar não só muitas, mas boas escolas por todo seu território. Para Raul Gomes (1928) era preciso respeitar o conceito de Miguel Couto que admitia ser a educação o único problema do Brasil⁷⁹ e, sobretudo, empregar novos métodos de ensino, livrar-se do ensino como adorno, baseado na decoreba e alicerçado apenas na memória, como já defendia Lourenço Filho em folheto publicado em junho de 1927 acerca do ensino em São Paulo:

A escola tradicional não serve ao povo não o serve, porque está montada para uma concepção social já vencida, e senão morta de todo, por toda parte estrebuchante — o burguesismo. A cultura verbalista, bem ou mal, vinha servindo aos indivíduos que se destinavam às carreiras liberais, mas nunca às profissões normais de produção econômica. Estendida a todas as classes populares, ela provou bem cedo que não só falhava à finalidade social de adaptação econômica, mas à própria finalidade mais ampla e profunda da elevação moral do homem. A Europa acordou um dia, depois da grande guerra, surpreendida por esta verdade cruciante: - Os milhões que havia gastado, em prol da educação popular, estiveram, sempre,

-

⁷⁹ Miguel de Oliveira Couto (1864-1934) foi um médico carioca e ocupante da cadeira de número 40 da Academia Brasileira de Letras. Considerado um dos maiores conhecedores da Língua Portuguesa no Brasil, o intelectual proferiu em reunião realizada na Associação Brasileira de Educação, em 02 de julho de 1927, um expressivo discurso sobre o ensino e a instrução escolar sob o título "No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo", cujo objetivo era apontar que a falta de instrução e, consequentemente, o analfabetismo, deveria ser considerado o "primeiro problema nacional".

paradoxalmente, ao serviço da insegurança e da corrupção social. (LOURENÇO FILHO, 1927, p. 4)

Diante disso, o conferencista paranaense elaborou um decálogo que sintetiza a sua proposta, o qual poderia ser ampliado ou restringido conforme a necessidade, como base aos governantes federal e estaduais.

- Art. 1º Para o combate systematico ao analphabetismo, será instituída a conscrição escolar obrigatória das crianças de 8 annos que deverão permanecer na escola durante tres anos no minimo até receberem a caderneta de desanalphabetização.
- Art. 2º Para execução da conscripção escolar obrigatoria da classe dos oito annos feitos, será levantada em cada districto dos Estados a relação completa das crianças nascidas oito annos antes.
- Art. 3º As crianças que completaram o estagio escolar, receberão uma caderneta de desanalphabetização, que lhes assegura as vantagens especificadas no art. 9º.
- Art. 4º Dentro de 5 annos, contados da data desta lei nenhum chefe de familia poderá ter em seu poder filho ou aggregado analphabeto ou sem escolas da idade de 8 a 12 annos sob pena de multa e até prisão no caso de não matricular em escola ou provar que dá instrucção aos mesmos.
- Art. 5º Todos os fazendeiros ou negociantes ou industriaes que tiverem em trabalho nos seus estabelecimentos mais de 20 familias deverão manter escola para os filhos de seus empregados, pelo que gozarão de um abatimento de 10% dos impostos a que estiverem sujeitos.
- Art. 6º Para nenhum cargo publico federal, estadual ou municipal poderá ser nomeado individuo analphabeto.
- Art. 7º E´ prohibido aos negociantes, industriaes, fazendeiros terem em suas propriedades operários analphabetos depois de 10 annos contados desta lei.
- Art. $8^{\rm o}$ Os analphabetos serão obrigados ao dobro do serviço militar a que estiverem sujeitos os conscriptos do exercito.
- Art. 9º Os jovens portadores de cadernetas de desanalphabetização, concedidas na forma do art. 3º, ficarão dispensados de concursos para os cargos onde apenas se exigem as primeiras letras; e terão preferencia em igualdade de condições em serviços a que concorrerem para a União, Estado ou Município.
- Art. 10º Para a execução deste plano é indispensável a acção harmonica e conjuncta dos governos da União, Estados e Municípios. (GOMES, 1928, p. 26-27).

Para Goes (2015), esse decálogo mostra claramente o reconhecimento do direito à educação, um primeiro ato para lograr a coesão social mediante a integração dos coletivos, o que contribuiu de certa forma, para que na consciência comum, e de forma paralela, houvesse um relacionamento mais estreito ao nível de educação-formação dos indivíduos com suas expectativas profissionais e sociais.

Como complementação de sua exposição, Raul Gomes produziu um anexo com as condições de seu "Plano de Desanalfabetização", buscando solução técnica para os problemas de ensino e propondo a geração de estratégias de trabalho ao

nível nacional, bem como a promoção de medidas regulamentares necessárias que permitissem facilitar um ciclo da aprendizagem da leitura e da escritura (GOES, 2015). No documento anexado a esta tese, intitulado Plano de Desanalfabetização, há interessantes pistas acerca de como Raul foi aderindo as ideias da Escola Nova, e abandonando as da Pedagogia Moderna, das quais era, até então, ferrenho defensor.

Figura 19 – Sessão com o *Plano de Desanalphabetização* (anexo de *Conscripção Escolar*)



Fonte: GOMES, Raul. Conscripção Escolar (1928) p. 29

É importante destacar que antes de apresentar tal anexo de *Conscripção Escolar* na I CNE, Raul Gomes já havia submetido o texto, em 1923, à apreciação dos imortais da Academia Brasileira de Letras para concorrer ao Prêmio Francisco Alves⁸⁰, um concurso que valorizava obras que tinham por finalidade a divulgação do ensino primário como manifestação do entusiasmo educacional e do otimismo

⁸⁰ Sobre o esse prêmio, ver: MONARCHA, Carlos. Convocando os hermeneutas da república iletrada: o Prêmio Francisco Alves. História da Educação, São Paulo, v. 18, n. 44, p. 149-164, set./dez. 2014.

_

pedagógico (NAGLE, 2009). Porém, segundo Gomes (1928, p. 29), sua sugestão em tal evento "não mereceu a preferencia dos snrs. academicos, aliás totalmente leigos em assumptos de ensino primario" e foi finalmente aprovada quatro anos mais tarde na I CNE. Sobre esse "reaproveitamento" do texto como parte da tese *Conscripção Escolar*, o autor afirma que "si fosse escrever hoje taes conclusões, as traçaria dentro da victoriosa corrente das ideas da verdadeira escola nova".

Para Raul Gomes, o sucesso da obrigatoriedade escolar juntamente com o plano de desanalfabetização aconteceria se houvesse uma atuação sistemática metodológica eficiente por parte do poder público juntamente com o corpo de professores das instituições escolares. Assim, como um *plus* para as ideias descritas em *Conscripção Escolar, que* "completam e ampliam as discussões do decalogo desta these"81, o anexo inicia sugerindo a criação de um Conselho Nacional de Educação, composto por 20 membros voluntários, incumbido de dirigir e organizar, tecnicamente, todo o ensino federal primário, secundário e superior; além da implementação de um Fundo Escolar, cujos rendimentos seriam destinados à construção de novas escolas, ao provimento de mobiliário, livros e outros materiais, e ao fornecimento de roupas e merenda aos alunos. A quantia destinada a esse Fundo, que deveria ser depositada no Banco do Brasil, conforme o Artigo 11, seria advinda:

- 1°) De uma taxa adicional de 30% sobre os tributos que recaírem sobre bebidas alcoolicas de qualquer teor, cartas de jogos, joias, sedas, fumo em bruto ou beneficiado, diversões, etc.
- 2°) Das sobras orçamentárias, das consignações e subconsignações destinadas ao ensino em qualquer de seus graus cujos saldos serão revigorados e attribuidos ao Fundo Escolar.
- 3°) Das multas applicadas aos transgressores desta lei.
- 4°) De todo e qualquer desconto por licença, falta, abandono de emprego, etc., que soffrerem os professores federaes, inspectores, etc.
- 5°) Do imposto ou quota que, de accordo com o art. 7° recair sobre os pais de escolares insubmissos.
- 6°) Da dotação annual que o congresso federal, estadual, ou as camaras municipaes entenderem de lhe reservar, nos orçamentos.
- 7°) Dos donativos de particulares, governos estaduaes e municipaes.
- 8°) Da importancia de toda a multa ou responsabilidade imposta por qualquer autoridade, a qual não tenha já um fim previsto em lei.
- 9°) Dos bens nos casos de jacencia de herança que pertençam á Nação, e dos atributos ao Estado, modificada, opportunamente, a legislação vigente.
- 10°) De 1% de toda herança entre parentes.
- 11°) De 3% de toda herança entre estranhos.

-

⁸¹ GOMES, 1928, p. 29.

- 12°) Do imposto adicional de \$200 sobre cada bilhete de loteria ou tombola autorizada pelo Governo Federal.
- 13°) De 50% dos juros de depósitos judiciarios na Capital da Republica.
- $14^{\circ})$ De 2% sobre todo o valor em ouro ou moeda corrente enviado por particulares para o estrangeiro.

(GOMES, 1928, p. 33)

Importante e imprescindível verificar que a sugestão de criar um Conselho Nacional de Educação vai diretamente ao encontro dos estudos previamente realizados e publicados pelo professor Orestes Guimarães na obra *Suggestões sobre a educação popular no Brasil* (1924), que contemplava as atribuições do Conselho Nacional de Educação ao de dirigir e fiscalizar todo o mecanismo da educação popular no Brasil, a começar pelas escolas rurais. Tais atribuições seriam:

a elaboração de currículos para as escolas mantidas pela União bem como para os estados que o solicitassem; o exame de obras relativas à propagação de novos métodos de ensino; a elaboração e publicação anual de estatísticas do ensino primário no País, acompanhando-as de relatórios que esclarecessem o seu andamento, as suas necessidades e medidas a tomar; a proposição ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores de nomeação e demissão dos inspetores federais de ensino; a expedição de instruções para os exames dos candidatos a professores das escolas subvencionadas, quando não fossem diplomados; a fiscalização e regularização, por meio de seus inspetores, da nacionalização do ensino primário no País; o estímulo, por meio de prêmios, à publicação de obras didáticas para o ensino primário, sobretudo as que se referissem à formação do caráter, aos sentimentos pátrios, à vida rural e à higiene em geral, dentre outras atribuições. (TEIVE, 2010, p. 236)

Portanto, observa-se que, talvez por sua admiração ao professor Orestes Guimarães, Raul Gomes tenha se baseado nas ideias do bandeirante paulista para a elaboração do anexo de *Conscripção Escolar*, não somente no quesito acima abordado, mas também em outros aspectos que serão apresentados ao longo desta análise, como, por exemplo, a criação de bibliotecas técnicas, tanto para escolas urbanas quanto, primordialmente, para escolas regionais rurais, sendo esta uma preocupação constante de ambos os intelectuais.

No que dizia respeito a formação dos professores nas Escolas Normais Regionais, de sua implementação e aprimoramento, é possível verificar um dado bastante importante no que se refere às bases da Escola Nova: a inclusão do estudo da pedologia e pedotécnica na grade curricular, ciências cuja inclusão no currículo das escolas normais também eram defendidas por Lourenço Filho.

Art. 16.) – Fica o Governo Federal autorizado a criar escolas normaes regionaes com um curso geral e outro especial; far-se-á naquele revisão do estudo do idioma nacional, arithmetica pratica, geografia, historia do Brasil, noções de sciencias physicas e naturaes; e mais um programma de pedologia e pedotechnia. (GOMES, 1928, p. 34)

O interesse pelo conhecimento da criança e pelo desenvolvimento infantil por parte dos estudiosos defensores da educação moderna fez surgir a pedologia, na qual destacaram-se o psicólogo e educador norte-americano Stanley Hall (1844-1924) e seu discípulo, Oscar Chrisman (1855-1929). Assim, era chegada a hora de fomentar a educação moderna usando por completo o sistema de tudo observar, tudo ver e analisar. Era preciso olhar para a criança, entendê-la.

A pedologia é a ciência da criança, e tem por fim reunir tudo quanto de relacione com a natureza e o desenvolvimento infantil – onde quer esse matéria se encontre – e organizá-lo num todo sistemático. Seu único propósito é o estudo da criança, por todos os aspectos. As crianças devem ser estudadas no laboratório, no lar, nas ruas, em seus jogos, fantasias e lutas; devem ser conhecidas nos povos civilizados e entre os selvagens; em suas expressões normais e anormais, no período pré-natal e nas fases sucessivas de desenvolvimento, registrando-se todas as circunstâncias psicológicas, fisiológicas e morais." (SCHUYTEN, 1911, apud LOURENÇO FILHO, 1967, p. 38-39).

Já a Pedotécnica, termo criado por Decroly, também abordada no artigo 16 do anexo da tese de Gomes, refere-se às aplicações, ou seja, as práticas da Pedologia. Nesse sentido, a intenção de Raul Gomes ao propor tal ação era que os professores viessem a conhecer melhor seus alunos para que o ensino-aprendizagem se tornasse mais prazeroso e de acordo com a maturação e interesse da criança, conforme defendiam os escolanovistas. No Paraná, em meados de 1924, já existiam as chamadas Escolas de Aplicação, associadas ao Curso Especial destinado a formar profissionalmente os futuros professores. Essas escolas serviam como uma espécie de laboratório profissional aos normalistas e contavam com estudo da psicologia, metodologia de todas as disciplinas escolares, pedologia, anormalidade infantil e organização escolar, realizando pesquisas teóricas e práticas dentro do ambiente infantil.⁸²

Ainda sobre as Escolas Normais Regionais, merecem destaque, no anexo apresentado por Raul, as ideias relacionadas à Escola Ativa ou Escola do

⁸² Conferir: Mensagem Presidencial dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado, ao installar-se a 2ª sessão da 18ª Legislatura. O Dia, 17 fev. 1927. p. 2.

Trabalho⁸³. Tal como defendia Kerscheinstainer, Gomes acreditava que o curso normal regional deveria enlaçar

tanto quanto possível sua atividade educadora com as disposições individuais de seus alunos, e multiplica e desenvolve em tôdas as direções possíveis suas inclinações e interesses, mediante uma atividade constante nos respectivos campos de trabalho. (KERSCHEINSTAINER, 1928, *apud* LOURENÇO FILHO, 1967, p. 153)

Nessa mesma perspectiva, o professor Deodato Moraes, representante do Rio de Janeiro, apresentou na mesma Conferência, a tese *A Escola Nova*, na qual defendia que a Escola do Trabalho era a nova escola conveniente e necessária para a época, sendo ela um aparato de "iniciativa e virilidade moral", uma vez que

seus novos métodos e processos de atividades produtivas, ao mesmo tempo que se adaptam melhor às tendências espontâneas da criança, contribuem para democratizar a educação pública e, ainda mais, para aumentar seu valor como preparação às atividades industriais e agrícolas. O trabalho na Escola Nova constitui um verdadeiro sistema pedagógico, de cultura geral e integral, exercitando a atenção, a percepção, o raciocínio, o juízo, provocando o desenvolvimento harmônico de todas as faculdades. (MORAES, 1927, apud COSTA et al., 1997, p. 617).

A preocupação com a formação dos professores e com a sua adequação aos ditames da Escola Nova é bastante forte nos escritos de Raul Gomes, como veremos também nas demais teses aqui estudadas, principalmente no que se refere à remuneração dos educadores rurais, assunto que também era preocupação de Orestes Guimarães (1924). Para o professor paranaense, a remuneração da classe deveria ser boa e justa, além de seguir os moldes do Artigo 18:

Até 5 annos 3.000\$000 por ano; de 5 a 10 annos, 3.6000\$000; de 10 a 15, 4.200\$; de 15 a 20, 4.800\$; de 20 a 25, 5.400\$; de 25 a 30, 6.000\$; de 30 a 35, 7.200\$000.

§ 1° - Cada professor receberá trimestralmente, uma quantia equivalente a 10% de seus vencimentos destinados á aquisição de livros.

Essa quantia só será paga á vista de comprobantes da devida applicação da recebida anteriormente.

§ 2° - Onde funccionarem varios professores serão organizadas bibliothecas technicas. (GOMES, 1928, p. 35).

-

⁸³ A denominação *Escola Ativa*, tida como sistema integrante da Escola Nova, foi lançada, em 1917, pelo educador suíço Pierre Bovet (1878-1965), como tradução do termo alemão "Arbeitsschule", literalmente *Escola do Trabalho*, criado, em 1911, pelo pedagogista alemão Georg Kerschensteiner (1854-1932).

Da mesma forma, Orestes Guimarães defendia que os salários dos professores deveriam ser elevados à medida que as escolas fossem afastadas das sedes dos municípios, estimulando-os a lecionar nas zonas rurais, o que era raro na época, além de fomentar a criação de novas instituições nas regiões mais afastadas. "Mais bem remunerados, os professores primários teriam a desejada estabilidade e poderiam se dedicar com mais afinco ao magistério, gabaritando-se, assim, para a hercúlea tarefa de 'obreiros da grande cruzada, soldados da estupenda batalha a travar-se'." (TEIVE, 2010, p. 237). Além da remuneração do professores, o parágrafo 1° do artigo 18 da referida proposta de lei, demonstra a grande preocupação de Raul com a educação continuada dos professores e com o seu aperfeiçoamento no que se refere aos insights da Escola Nova.

Ainda no que diz respeito à formação dos professores para as zonas rurais, Gomes propunha a instalação de um museu e uma biblioteca pedagógica em cada Escola Normal Regional, sendo que aquele deveria propor seções retrospectivas, documentando, no espaço e no tempo, a evolução da arte de ensinar fazendo uso de material contemporâneo, o mesmo empregado em países cuja educação já era considerada moderna. Na sua opinião, o Conselho Nacional de Educação deveria fomentar a criação de bibliotecas populares em todos os municípios do país, as quais deveriam ser dotadas de obras clássicas da literatura brasileira, além de uma biblioteca infantil em cada escola rural (GOMES, 1928).

A ideia de criar bibliotecas técnicas para os professores não era uma novidade nos anos 1920, pois já se fazia presente na década de 1910 com o modelo escolar paulista, sedimentado nos postulados da Pedagogia Moderna, com o qual Raul Gomes teve contato através de sua experiência no Grupo Escolar Conselheiro Mafra, em Joinville. Segundo Teive (2006), Orestes Guimarães, no cargo de Inspetor Geral do Ensino de Santa Catarina, implementou uma biblioteca, em 1911, anexa à Diretoria da Instrução Pública de Santa Catarina, com o intuito de familiarizar os diretores e professores dos grupos escolares com os pressupostos da Pedagogia Moderna.

Outra ideia de base escolanovista presente no *Plano de Desanalphabetização* dizia respeito à Escola Aberta: as *Sociedades Cooperadoras do Ensino*. Raul propunha a organização e instalação de um grupo que angariasse e fornecesse recursos para o Fundo Escolar, que criasse orfeões e que

desenvolvesse a cultura física, através de ginástica e jogos coletivos. Faz-se importante destacar que para a Escola Nova, o canto, através da criação de corais, era visto como um elemento educativo, como uma das fórmulas para o êxito dos processos pedagógicos, talvez pelo fato de a sonoridade musical é capaz de mexer com o estado psíquico, "acalmando" a alma e oferecendo um "influxo profundo e purificador entre os educandos"⁸⁴.

Por fim, juntamente com a comunidade, a escola deveria promover comemorações e festas para os principais feriados, como 7 de setembro e 15 de novembro, por exemplo, com a animação do orfeão e da equipe de ginástica. Alicerçado na Psicologia, Raul entendia que o processo de aprendizagem era passível de sofrer a influência do meio social de origem do aluno, devendo o professor investigar esse meio, para melhor desenvolver o seu trabalho.

Diante do exposto e com o objetivo de evidenciar as representações de Raul Rodrigues Gomes sobre os preceitos da Escola Nova em *Conscripção Escolar* e em *Plano de Desanalphabetização*, em consonância com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – documento/monumento publicado em 1932 e considerado um marco inaugural do escolanovismo no Brasil – elaborou-se o seguinte quadro:

Quadro 2: Representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova em Conscripção Escolar e Plano de Desanalphabetização

Preceitos	Representações de Raul	Manifesto dos Pioneiros da
Escolanovistas	Rodrigues Gomes sobre a	Educação Nova (1932)
	Escola Nova em <i>Conscripção</i>	
	Escolar e Plano de	
	Desanalphabetização	
		A obrigatoriedade () é mais
	"Defendo, pois, a Conscripção	necessária ainda "na sociedade
	Escolar, isto é, a mesma	moderna em que o industrialismo e
	obrigatoriedade, restricta a uma	o desejo de exploração humana
Obrigatoriedade	classe, para garantia da	sacrificam e violentam a criança e
Escolar	systematização e efficiencia da	o jovem", cuja educação é
	acção." (GOMES, 1928, p. 18)	frequentemente impedida ou
		mutilada pela ignorância dos pais

⁸⁴ Conferir em: Características gerais das escolas novas delimitadas no Congresso de Calais (1919). In: Lourenço Filho, 1967, p. 164.

-

		ou responsáveis e pelas contingências econômicas. (MANIFESTO, 2010, p. 45)
Educação pública e gratuita	"Para assegurar a execução do meu plano, isto é da conscripção, os Governos começariam sua acção pelas zonas urbanas, depois pelas suburbanas e por fim pelas ruraes, á proporção e medida dos recursos dos poderes públicos empenhados nessa campanha desanalphabetizadora." (GOMES, 1928, p. 20, grifo meu). "O Brasil emprehenderá o esforço pela conscripção da classe de seis annos, gastando 2.536:000\$000 e consumará os seus objectivos, segundo o meu plano, em 1934, empregando 138.908:760\$000." (GOMES, 1928, p. 23) "Concluido o alistamento, acceitas ou impugnadas as allegações dos interessados, deverá ser iniciada a divulgação de editaes, intimando os pais das crianças arroladas a matricular-se em escolas publicas ou promover-lhes a desanalphabetização." (GOMES, 1928, p., grifo meu).	"A gratuidade extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio igualitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria, por um privilégio econômico, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebêla. Aliás o Estado não pode tornar o ensino obrigatório, sem torná-lo gratuito." (MANIFESTO, 2010, p. 45, grifo meu).
Valorização e formação de professores	"Cada professor receberá trimestralmente, uma quantia equivalente a 10% de seus vencimentos destinados á aquisição de livros." (GOMES, 1928, p. 36)	"Todos os professores, de todos os graus, cuja preparação geral se adquirirá nos estabelecimentos de ensino secundário, devem, no entanto, formar o seu espírito pedagógico, conjuntamente, nos

cidadão "Ao que provar que desanalphabetizou 100 individuos annos para cima, a Republica conferirá diplomas para o exercicio de funções publicas; annotação assentamentos em quando se tratar de funccionarios publicos constituindo isso merecimento absoluto para promoções." (GOMES, 1928, p. 36)

"Em cada Estado haverá annualmente conferencias de ensino a que deverão comparecer um professor delegado de cada município. [...] Os trabalhos das conferencias além de estampado no Diario Official, serão publicados annaes conferencias das realizadas no Rio e distribuídos por professorado todo federal." (GOMES, 1928, p. 39-40)

"Fica instituido no Brasil o dia do professor, que será commemorado a 5 de Outubro." (GOMES, 1928, p. 41)

universitários, cursos em faculdades ou escolas normais, elevadas ao nível superior e incorporadas às universidades. A tradição das hierarquias docentes, baseadas na diferenciação dos graus de ensino. е que linguagem fixou em denominações diferentes (mestre, professor e catedrático). inteiramente contrária ao princípio da unidade função educacional, que, da aplicado, às funções docentes, importa incorporação na dos estudos do magistério às universidades, e, portanto, na libertação espiritual e econômica do professor, mediante uma formação remuneração е equivalentes que lhe permitam eficiência manter, com а trabalho, a dignidade e o prestígio indispensáveis aos educadores." (MANIFESTO, 2010, p. 59)

Escola Aberta

"Junto a cada escola o professor respectivo á obrigado a promover a installação de uma sociedade cooperadora de ensino." (GOMES, 1928, p. 38).

"[...] o Estado, longe de prescindir da família, deve assentar o trabalho da educação no apoio que ela dá à escola e na colaboração efetiva entre pais e professores, entre os quais, nessa obra profundamente social, tem o dever de restabelecer a confiança e estreitar as relações, associando e

	pondo a serviço da obra comum
	essas duas forças sociais - a
	família e a escola, que operavam
	de todo indiferentes, senão em
	direções diversas e ás vezes
	opostas." (MANIFESTO, 2010, p.
	43)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos documentos *Conscripção Escolar* e *Plano de Desanalphabetização (1928), e no* Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932).

Em sintonia com as principais bandeiras do movimento escolanovista brasileiro, Conscripção Escolar e Plano de Desanalphabetização mereceram os mais elogiosos pareceres dos técnicos⁸⁵ reunidos na I CNE. A comissão das teses gerais expendeu sobre a mesma um parecer honroso e depois de louvar-lhe os méritos, pediu sua aprovação em plenário. O jornal paulista Diário Nacional publicou em 28 de dezembro de 1927, p. 3, o seguinte comentário: "Sua tese foi aprovada sob grandes manifestações de entusiasmo, tendo sido passado um telegrama ao sr. Ministro da Justiça no sentido de serem aproveitadas as ideias daquele ilustre professor na reforma do ensino".

3.1.2 Missões Escolares

A segunda tese apresentada na I CNE, intitulada *Missões Escolares*, consiste em uma espécie de ode aos pedagogistas escolanovistas estrangeiros. Afirmandose conhecedor das metodologias educacional mundiais e entusiasta dos novos métodos de ensino-aprendizagem, Raul Gomes alega nessa tese que nenhum dos grandes pedagogos da humanidade, tal como Aristoteles, Comenius, Pestalozzi e Hebart haviam logrado o êxito de Kerschensteiner, Dewey, Decroly e Montessori, com a nova pedagogia. Cita também os trabalhos da russa Nadesha Krouspskaia, "uma organizadora possante e feliz" pouco conhecida e difundida no Brasil, a qual, na sua opinião, havia renovado o ensino russo, aos moldes da Escola Nova.

-

⁸⁵ O termo "técnicos", segundo Nagle (2009), surgiu, coincidentemente, com a criação da ABE e, por meio dela, receberam vigoroso estímulo por serem intelectuais que tratavam, quase com exclusividade, dos assuntos educacionais.

⁸⁶ GOMES, 1928, p.45.

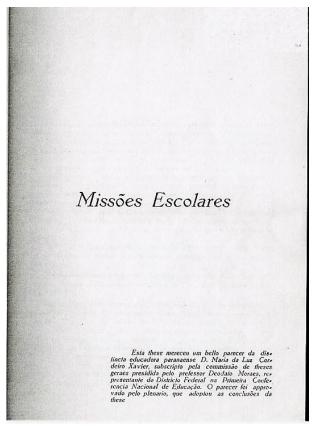


Figura 20: Capa da tese Missões Escolares (1928)

Fonte: GOMES, Raul. Conscripção Escolar. 1928, p. 43.

O Japão, segundo a análise do intelectual paranaense, buscava superar o atraso no que dizia respeito às metodologias de ensino, através de missões escolares aos países mais avançados. A Espanha, passara a utilizar as obras de Decroly como base de sua reforma metodológica. Na Bélgica e na Alemanha, as ideias de Kerchensteiner dominavam; na Itália, Montessori recebera a consagração oficial. Na Suissa, Ferriére seguia a pegadas de Decroly, e, nos Estados Unidos, John Dewey inovava as correntes pedagógicas (GOMES, 1928). Dessa forma, era certo que o século da criança havia soado, como anunciara o idealista Anatole France⁸⁷ na obra *A Vida em Flor* (1922), e, portanto, o Brasil precisava, em sintonia com as novas pedagogias mundiais, evoluir e equiparar-se às grandes nações.

_

⁸⁷ Anatole France (1844-1924) foi um poeta, escritor e jornalista francês bastante conhecido por suas ideias inovadoras e estilo irônico. Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (1921), France fez breve passagem pelo Brasil em 1909, onde foi acolhido por Ruy Barbosa na Academia Brasileira de Letras. A partir desse momento, as obras de Anatole passaram a ser mais difundidas e lidas por intelectuais brasileiros, ganhando importantes admiradores, como a escritora, professora e jornalista Cecília

Para Gomes (1928, p. 45), não existia na história da civilização remodelação semelhante à da nova era educacional, "pela sua profundeza, pelo seu alcance e pela sua subversão completa da methodologia em vigor, pela rapidez de sua diffusão e pela semultaneidade de seu surto no espaço.". Na sua opinião, no Brasil o interesse pela evolução em marcha no universo das novas doutrinas havia surgido a partir das reformas de Francisco Campos e de Fernando de Azevedo, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, respectivamente, e em Curitiba, a partir dos trabalhos de Lysimaco Costa como inspetor da Instrução Pública em meados de 1925. Mas ainda era preciso avançar:

É preciso mais. É preciso que, no movimento empolgante que vai pela terra, o Brasil não seja o eterno retardatário, o velho granadeiro de Offenbach, a adoptar organizações abandonadas como anachronicas e gastas por povos sempre em dia nas conquistas pedagogicas. (GOMES, 1928, p. 45)

Urgia, portanto, que o Brasil se equiparasse às demais nações que já desenvolviam uma nova didática para uma nova escola, ou ainda, uma nova pedagogia que, através de experimentos, ressaltavam ótimas condições para o funcionamento do moderno modelo que se apresentava frente ao ensino-aprendizagem, destacando-se por sua dimensão metodológica voltada para a criança (Nagle, 2009).

O êxito educacional do Japão mereceu especial destaque na tese de Gomes. Segundo ele, o país oriental, vendo-se atrasado no que dizia respeito às metodologias de ensino, buscou, através de missões escolares alcançar as nações mais adiantadas do mundo, onde perseverava a *intelligentsia* e, consequentemente, as melhores escolas, universidades e academias. Na Espanha ele destacou a utilização das obras de Decroly como base da reforma metodológica, "subvertendo velhas e sólidas doutrinas e práticas escolares" (GOMES, 1928, p.46). Segundo suas próprias palavras:

Meireles. Sobre a obra Pierre Nozière (1918), Cecília publicou um artigo no jornal carioca Diário de Notícias em 1930, afirmando que Anatole, com uma bela psicologia, soube trazer à superfície o mundo infantil, "soube sentir a vida das crianças, como a tomou nas suas mãos inteligentes sem a oprimir, sem a deformar, com esse tato de quem toma todo o perfume de uma flor sem lhe mudar a cor de uma pétala com a sua violência, sem alterar uma curva do seu contorno com a sua precipitação. Como soube fazer na sua memória um asilo claro e puro para o passado sem fim...". (MEIRELES, 1930, p. 7).

Não só na Bélgica, mas na Alemanha, onde Kerchensteiner dominou a nação; na Itália, onde Montessori recebeu já a consagração official; na Suissa onde Ferriére segue a pegadas de Decroly; Nos Estados Unidos onde John Dewey innova as correntes pedagogicas. Mesmo perto de nós, há que apprender, si não em modernidades pedagogicas, pelo menos no que está feito no Uruguay e na Argentina. (GOMES, 1928, p. 46)

Mas, para Raul Gomes, não só com as nações longínquas o Brasil precisava aprender as modernidades pedagógicas, mas também com os países vizinhos, como o Uruguai e a Argentina, principalmente com o primeiro, que vivia uma verdadeira revolução metodológica enviando até mesmo professores à Bélgica num empreendimento e esforço de adaptação de teorias e práticas já triunfantes na Europa. Nesse sentido, Gomes (1928) afirmava que o Brasil também deveria investir na formação de nossos educadores e prover a ida de professores primários e secundários aos centros onde a cultura pedagógica encontrava-se em real progresso, buscando o saber e/ou a técnica "onde quer que elles se achem no mundo inteiro". Era preciso, portanto, a prática do ensino para que este "possa ser, enfim, praticado como essa arte tão bela e tão nobre, que se há de aprender, e apreender, pelo exercício e no exercício dela mesma. "Educar-se, para educar"." (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 56).

À guisa de conclusão, Raul Gomes justificou e resumiu suas ideias através de um plano que, segundo ele, deveria ser submetido ao apreço do Congresso Nacional. Tal projeto, contendo 17 artigos, visava, assim como sugere o título da tese, o envio de professores em missões escolares a fim de aprenderem técnicas modernas de ensino nos âmbitos onde a Escola Nova reinava como absoluta e salvadora das sociedades através da educação:

Art. I° - O Governo da Republica fica autorisado a custear, durante um anno, a permanencia no estrangeiro de 105 professores ou professoras primarios normalistas, indicados pelos governos estaduaes dentre os membros do magisterio com curso normal feito distinctamente e com pelo menos dois annos de exercicio em escola ou grupo escolar, para o estudo da organização do ensino, da technica e da pratica pedagogica, nos mais aperfeiçoados estabelecimentos de instrucção preliminar e profissional. Art. 2° - Os 105 professores constituirão 5 missões de 21 membros cada uma que farão estagio nos seguintes paizes da Europa, America do Norte e America do Sul: a primeira na Alemanha; a segunda na Suissa; a terceira na Belgica; a quarta nos Estados Unidos e a quinta na Argentina e no Uruguay. Art. 3° - Cada missão terá um chefe e um secretario, escolhidos pelo departamento Nacional de Ensino dentre os componentes de cada uma dellas.

- Art. 4° Nos objectivos estipulados no artigo 1°, deve-se incluir a obrigação de os professores fazerem pratica escolar nos paizes, onde permanecerem, nos melhores e mais modernos institutos de ensino primário e profissional.
- § Unico Na Alemanha, o estagio será nas escolas regidas pelos programas do dr. Jorge Kerschensteiner, si possivel na própria Munich; na Belgica nas varias escolas de Bruxellas, etc. que funccionam sob a inspiração das doutrinas do dr. Decroly; na Suissa, nos collegios orientados pelas idéas de Ferriére, etc.
- Art. 5° As embaixadas brasileiras darão os indispensaveis passos para que os trabalhos das missões sejam facilitados.
- Art. 6° De quatro em quatro mêses, cada membro da missão apresentará ao respectivo chefe um relatorio minucioso, e de que constarão observações.
- 1° Sobre a organização legal ou particular da escola;
- 2° Seu programma;
- 3° A processuação ou methodologia de cada materia do programma;
- 4° Critica dessa methodologia;
- 5° As aulas ministradas;
- 6° As observações que fez, etc.
- 7° Bibliographia, etc.
- § Unico. Tudo o que se relacionar com a organização escolar será objecto de estudos, com didactica, os museus, etc.
- Art. 7° Os chefes de cada missão resenharão os relatorios parciaes, dando uma critica sobre as observações realizadas e procedendo a um inquérito sobre os fructos colhidos da aplicação da nova pedagogia.
- Art. 8° Os relatorios serão acompanhados de attestados de frequencia ás aulas com a menção do numero destas ministrado.
- Art. 9° Findo o estagio, que durará um anno e de regresso ao Brasil, a Missão apresentará ao Departamento Nacional de Ensino um relatório geral, registrando os resultados colhidos. Esse relatorio deverá ser amplamente divulgado pelo paiz.
- Art. 10° Cada membro de missão terá uma pensão mensal de 200\$000, ouro, passagem de ida e volta, uma ajuda de custo de 100\$000 á ida e outra do mesmo valor ao regresso, em ouro.
- Art. 11° O pagamento das pensões será feito nos consulados, mediante folhas organizadas pelo Chefe de cada Missão.
- Art. 12° Cada Chefe de Missão disporá de uma verba trimestral de 100\$000 para expediente.
- Art. 13° O Governo da Republica fica autorizado a custear annualmente a permanecia de professores das escolas normaes na França e na Alemanha, durante dois annos, sendo um anno em cada uma dellas, sob a condição de fazerem cursos nas escolas normaes superiores dessas nações.
- Art. 14° Cada professor de escola normal designado para permanecer em estudos no estrangeiro terá direito a uma pensão mensal de 300\$000 ouro além de passagens de ida e volta e duas ajudas de custo de 600\$000 cada uma no inicio da viagem e no regresso.
- § Unico. O professor que regressar antes de fazer os cursos referidos no art. Anterior, perderá direito á ajuda de custo da volta, só recebendo passagem.
- Art. 15° Os professores de Escolas Normaes serão indicados pelos Estados, na razão de um por anno, escolhidos entre os que tiverem mais de 10 e menos de 20 annos de serviços e mais vocação e competencia, houverem revelado no exercicio do seu magisterio.
- Art. 16° Fica o Governo autorizado a incluir annualmente no orçamento do Ministerio do interior o credito de 500:000\$000 contos, ouro, para atender ás despesas decorrentes da execução desta lei.
- Art. 17° Revogam-se as disposições em contrario. (GOMES, 1928, p. 47, 48 e 49).

Portanto, assim como se deram as missões de bandeirantes paulistas para reorganizar o ensino no Brasil durante o início do século XX, como no caso do professor Orestes Guimarães em Santa Catarina, Gomes pretendia, através de sua súmula de ideias, que os educadores de escolas públicas seguissem para países educacionalmente desenvolvidos com o objetivo de prepará-los e aperfeiçoá-los, do ponto de vista técnico e científico, aos métodos modernos de ensino.

Missões Escolares também mereceu um elogioso parecer da educadora paranaense Maria da Luz Cordeiro Xavier, o que certamente deveu-se ao seu alinhamento com as questões caras ao Movimento da Escola Nova brasileiro. Nessa tese, porém, Raul preocupou-se em trazer as ideias dos escolanovistas estrangeiros e as experiências desenvolvidas em diferentes países, relacionadas a formação de professores e ao paidocentrismo. Suas representações acerca delas podem ser assim resumidas:

Quadro 3: Representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova em Missões Escolares

Preceitos	Representações de Raul	Manifesto dos Pioneiros da	
Escolanovistas	Rodrigues Gomes sobre a Escola	Educação Nova (1932)	
	Nova em <i>Missões Escolare</i> s		
	"Com forto razão dava estinandiar	Se o estado cultural dos adultos é que dá as diretrizes à formação da mocidade, não se poderá estabelecer uma função e	
Formação de professores	"Com forte razão deve estipendiar também, permanencias demoradas de professores primários e secundarios nos centros, onde a cultura pedagogica se encontre realmente em progresso!" (GOMES, 1928, p. 46)	educação unitária da mocidade, sem que haja unidade cultural naqueles que estão incumbidos de transmití-la. []Os professores de ensino primário e secundário, assim formados, em escolas ou cursos universitários, sobre a base de uma educação geral comum, dada em estabelecimentos de educação secundária, não fariam senão um só corpo com os do ensino	

superior, preparando a fusão sincera e cordial de todas as forças vivas do magistério. Entre os diversos graus do ensino, que guardariam а sua função específica, estabeleceriam se contatos estreitos que permitiriam as passagens de um ao outro nos momentos precisos, descobrindo as superioridade em gérmen, pondo-as em destaque assegurando, de um ponto a outro dos estudos, a unidade do espírito sobre a base da unidade de professores.". formação dos (MANIFESTO, 2010, p. 60)

Paidocentrismo

"Os estudiosos dos problemas educativos sabem que está se processando no mundo uma das mais notáveis revoluções pedagógicas. Pela sua profundeza, pelo seu alcance e pela subversão completa da methodologia em vigor, pela rapidez de sua diffusão e pela semultaneidade de seu surto no espaço, essa renovação, ou transformação, ou remodelação não tem símile na historia da civilização. [...] Certo já echoou até nós a trepidação dynamizante dessa febre reconstructiva, lemma bemdito de que o seculo XX será o seculo da criança." (GOMES, 1928, p. 45, grifo meu)

"A nova doutrina, que considera a função educacional como uma função de superposição ou de acréscimo, segundo a qual o educando é "modelado exteriormente" (escola tradicional), mas uma função complexa de ações e reações em que o espírito cresce de "dentro para fora", substitui o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema educação.". (MANIFESTO, 2010, p. 49, grifo meu)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos documentos *Missões Escolares (1928) e Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932).

3.2 Tese apresentada na III Conferência Nacional de Educação (São Paulo – 1929): O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema

A tese apresentada por Raul Gomes na III CNE pregou a promoção do progresso geral da coletividade e social das comunidades através da educação frente à modernização do comércio e da indústria tão crescente durante as primeiras décadas do século XX. O movimento intelectual no país via a necessidade de fazer brotar novas iniciativas e experiências, era preciso buscar o progresso vertiginoso através do aproveitamento das mais diversas formas de atividade humana, fazendo brotar instrução e trabalho, por isso a discussão sobre o ensino profissional fazia-se imprescindível.

A industrialização na década de 1920, segundo Nagle (2009), foi um componente influenciador nos quadros da sociedade brasileira, pois o país que era considerado fundamentalmente agrícola, passou a orientar-se pela denominação de semi-industrial. Em contrapartida a essa ascensão da indústria, o movimento denominado *ruralismo* defendia que a felicidade do homem estava no âmbito rural e que as atividades agrícolas é que eram a fonte geradora da riqueza do país. Tal discussão não demorou a chegar ao campo educacional, já que para trabalhar nas indústrias, era necessário um ensino técnico profissionalizante, o que passou a gerar uma espécie de êxodo rural em busca de qualificação e melhores condições de vida nos centros urbanos mais desenvolvidos. Para evitar o abandono da zona agrária, começou-se a pensar na ruralização do ensino e na promoção de condições igualitárias de qualificação para as sociedades marginais. Nesse sentido, Raul Gomes acreditava ser

Indispensável verificarmos se o ensino profissional como o encaram satisfaz ás necessidades nacionaes, se corresponde á realidade da nossa organização social e se a sua implantação generalizada no paiz não vem accelerar o processo de nossa transformação de povo agricultor em povo francamente industrial. (GOMES, 1930, p. 549)

Para isso, os levantamentos censitários, como os realizados por Raul Gomes, foram oportunos para a complementação e comprovação das ideias expostas nesta tese sobre as necessidades brasileiras no que se refere ao ensino profissional. Os

dados levantados pela Diretoria Geral de Estatística, órgão, à época, sob comando do Dr. Bulhões Carvalho, forneceram à tese valiosos subsídios numéricos para a explanação e esclarecimento sobre o ensino profissional no Brasil. Gomes começa apresentando dados acerca do recenseamento realizado em 1920, quando havia no país 9.607.612 indivíduos que trabalhavam assim distribuídos:

Produção	
Administração Pública	97.712
Administração Particular	40.167
Força Publica	80.363
Commercio	497.548
Transportes	253.587
Profissões liberaes	167.111
Capitalistas	40.790
Serviços domésticos	363.879
Mal definidas	416.568
(GOMES, 1930, p. 541)	

O restante da população, somados num montante de 21.027.993 pessoas, dispunha-se em 11.619.914 crianças de 0 a 12 anos, 2.848.035 menores de 13 a 18 anos, e 6.560.018 maiores de 19 anos, ou seja, a soma total desses indivíduos era a população sem profissão (GOMES, 1930).

Considerando-se tais informações, ele advertia que sintetizada a totalidade da população dividida em três grupos, teria-se 24,96% ocupando profissões produtivas (que plantavam ou transformavam matéria-prima), 6,41% em profissões consideradas improdutivas (administração, força pública, comércio, transportes, profissões liberais, capitalistas, serviços domésticos e ocupações mal definidas), e 68,63% sem profissão. Analisando as profissões produtivas, julgava possível afirmar que as agrícolas representavam 20,81% da população geral e a das indústrias manufatureiras ou extrativistas apenas 4,1%. Ou seja, o Brasil era, de fato, um país essencialmente agrícola (GOMES, 1930).

Quadro 4: Distribuição da população segundo as profissões

ESTADOS	PORCENTAGEM			
	Agricultores	Industriaes	Improductivos	Sem profissão
Alagoas	22%	3%	2%	71%
Amazonas	28%	3%	6%	63%
Bahia	24%	4%	5%	67%

Ceará	23%	3%	4%	70%
Dist. Federal	3%	13%	29%	55%
Esp. Santo	30%	1%	4%	65%
Goyaz	23%	4%	4%	69%
Maranhão	23%	4%	4%	69%
Matto Grosso	22%	4%	8%	66%
Minas Geraes	21%	3%	4%	72%
Pará	24%	4%	6%	66%
Parahyba	24%	1%	3%	72%
Paraná	23%	3%	6%	68%
Pernambuco	23%	3%	5%	69%
Piauhy	20%	5%	4%	71%
Rio de Janeiro	22%	4%	8%	66%
Rio G. do Norte	20%	2%	4%	74%
Rio G. do Sul	19%	4%	7%	70%
S. Catharina	25%	3%	5%	67%
São Paulo	19%	5%	8%	68%
Sergipe	22%	5%	4%	69%
Acre	34%	2%	8%	56%
BRASIL	24,81%	4,10%	61,41%	68,63%

Fonte: GOMES, 1930, p. 543.

Como se pode observar, a profissão de agricultor era a que apresentava maior índice em todo o país, com destaque aos Estados do Acre (34%), Espírito Santo (30%), Amazonas e Santa Catarina, ambos com 25%. De modo que, parecialhe claro que a classe que deveria ser mais amparada, aquela que merecia maior atenção e preparação técnica era a agricultura. Porquanto, era necessário, na sua opinião, modernizar o sistema educativo para atender àqueles que criavam, em maior número, a riqueza nacional – vestindo e alimentando a população -, moldando a instrução para adequar-se àquela realidade, submetendo-lhes ao da ensino profissional com uma feição agrícola. Esse tipo de visão como a de Gomes, para Nagle (2009) ajudava a reforçar o preconceito de que o Brasil era um país essencialmente agrícola e destinado a especializar-se somente na produção no campo.

Assim, defensor de uma pedagogia ruralista, o intelectual paranaense acreditava ser necessário a criação de um currículo escolar voltado a dar respostas às carências do homem do campo, buscando atendê-lo naquilo que compunha sua

rotina. Como afirma Bezerra Neto (2003, p. 15), "o currículo escolar deveria estar voltado para o fornecimento de conhecimentos que pudessem ser utilizados na agricultura, na pecuária e em outras possíveis necessidades de seu cotidiano".

Gomes (1930) alertava, também, que os números da tabela indicavam que a disparidade da porcentagem de quem trabalhava e dos ociosos era imensa, chegando a uma proporção de 1 por 4. Era, portanto, necessário considerar a faixa etária dos 13 aos 18 anos e dos maiores de 19, cuja população necessitava, urgentemente, de oportunidade para orientação profissional e assistência do Estado. "Orientemos a educação da criança pelo amor e o trato da terra fecunda e generosa. Encaminhemos a nossa juventude para a escolas agrícolas, depois de definida a sua preferencia ou aptidão profissional." (GOMES, 1930, p. 550). Desse modo, Raul Gomes via na agricultura, com todas as suas atividades variadas e complexas, um campo que oferecia às crianças e jovens o domínio do meio ambiente com explorações práticas, assegurando o direito à liberdade sugerido pela laboriosidade.

Nesse viés, o Bureau International des Écoles Nouvelles, idealizado por Ferrière em 1899, realizou uma reunião em Calais (1919) para se assentarem as características gerais das "escolas novas no campo". Quanto à organização dessas instituições, apurou-se que elas deveriam situar-se no campo por ser o meio natural da criança devido às possibilidades que oferecia para ações ordinárias, já que, além de permitir a realização de trabalhos rurais, representariam melhor auxílio à cultura física e moral. Ademais, as crianças teriam tempo para trabalhos livres para desenvolver seus gostos e despertar o espírito inventivo (apud LOURENÇO FILHO, 1967).

Em sintonia com o descrito acima, a tese de Raul Gomes inclui um breve relato das experiências realizadas por ele no Paraná no início da década de 1920, período em que afirmou que pouco sabia do movimento renovador da Escola Nova praticada e experimentada por expoentes como Dewey, Decroly e Ferrière. Segundo ele, em uma viagem à cidade de Castro, no Paraná, para uma inspeção escolar, visitou uma instituição distante do centro, adentrada à mata. Educado e formado em uma escola tradicionalmente livresca, cujos trabalhos ocorriam em ambientes fechados, ele confessa ter ficado surpreso e maravilhado ao deparar-se com uma instrução livre, onde as crianças aprendiam "não arcadas sobre os livros, mas agindo, movendo-se, VIVENDO, enfim, na plenitude de sua deliciosa liberdade e sua

atividade exuberante!"88. Tudo ali fora feito com o auxílio dos alunos, desde a construção da casa, dos móveis, dos estábulos, das mangueiras, até ao trato dos campos, das práticas zootécnicas, do transporte da produção, bem como da venda dos mesmos.

Retrospectivando as peripecias dessa visita, uma das que todo o período de minha inspecção escolar, mais emoção me causou, pensei se essa escolagranja, cujo exito foi fulminante e ainda lá prospera e plena de riquíssimos resultados educativos, não representaria o padrão da que devera pollular por todo o Brasil, a influir decisivamente para o augmento da efficiencia do menino e do jovem dos campos, os homens brasileiros de amanhã? (GOMES, 1930, p. 552).

Contudo, a escola em questão, segundo o seu relato, mantinha apenas alunos do sexo masculino, o que destoava, no seu entendimento, de um dos princípios da Escola Nova: a coeducação. Na sua opinião, esta associava "no aprendizado intelligente da vida, pela própria vida, vivida intensamente, o menino e a menina, os comparsas porvindoiros da existencia domestica" (GOMES, 1930, p. 552-553).

A coeducação, originária dos Estados Unidos, foi um dos assuntos de maior importância e debate entre os intelectuais católicos e pioneiros do Brasil no início do século XX, gerando ainda mais desconforto com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932). Para os católicos, o tema tratava-se de um pedantismo pedagógico por parte dos pioneiros e viam a coeducação como uma promiscuidade que deveria ser incontestavelmente combatida. Já os pioneiros, consideravam-na uma necessidade educativa imprescindível, porque necessária, natural e social, e afirmavam que a coeducação, ou educação integral, procurava orientar o(a) educando(a) da melhor forma possível dentro do ponto de vista físico, intelectual e moral em um convívio heterogêneo, desde a infância até a vida adulta.

Cury (1978, p. 155), salienta em seus estudos a conduta do grupo católico frente à coeducação:

Os católicos são também contrários a coeducação, especialmente quando alunas e alunos são obrigados a conviver dias inteiros e até coabitando no mesmo prédio. Tais propostas levam a promiscuidade e imoralidade pela

_

⁸⁸ GOMES, 1930, p. 552.

excitação das paixões. O que se pode tolerar é a coeducação, onde em classes separadas e por períodos, rapazes e moças se encontrem nos intervalos.

Assim como o posicionamento dos pioneiros:

Por isso o princípio da coeducação acentua que ambos estão em pé de igualdade entre si e frente às oportunidades sociais. Estes princípios são condições essenciais à organização de qualquer regime escolar em harmonia com os direitos do indivíduo. A laicidade, a gratuidade, a obrigatoriedade e a coeducação são princípios também da escola unificada e decorrem de sua subordinação à finalidade biológica da educação, como do direito biológico que cada ser humano tem à educação.(CURY, 1978, p.95)

Em defesa da convivência escolar entre sexos opostos, principalmente no que se refere às atuações na zona rural, Raul Gomes citou em sua tese, como exemplo de êxito, a Universidade do Trabalho no Rio Grande do Sul que já vinha aceitando e habilitando mulheres para os múltiplos aspectos dos trabalhos rurais, e salientou que dentre os indivíduos que não trabalhavam em todo o país, com idade entre 13 e 18 anos, 90% eram mulheres. Ou seja, havia necessidade de ensinar as jovens a trabalhar, de emanciparem-se da tutela masculina e, principalmente, de gerar mais mão-de-obra no campo e nos centros urbanos para o crescimento e modernização do país.

Destarte, em face do exposto, Raul Gomes concluiu a sua tese com a apresentação de 20 sugestões/recomendações a serem aprovadas pela comissão avaliativa da III CNE:

- 1^a O ensino profissional deve ter cunho accentuadamente agrícola no Brasil, sendo, nas zonas ruraes, ministrado em escolas-granja.
- 2^a O ensino profissional deve ser exclusivamente industrial em centros onde não seja possível o exercício da actividade agrícola.
- 3ª A educação agrícola deve constituir objecto de cuidados especiaes no lar, na escola, na sociedade, pelo desenvolvimento de uma campanha permanente em favor della.
- 4ª Deverão ser criadas nas zonas ruraes escolas-granja, onde se ensinem praticamente todas as actividades adequadas á vida agricola em todas as suas modalidades.
- 5^a A base de todo ensino nessas escolas-granja será a da liberdade e da actividade dos jovens, para o que taes institutos disporão sempre de extensas áreas de terras, onde os alunnos possam francamente praticar todas ou quasi todas as experiencias da vida agricola e rural.
- 6^a A solidariedade mais estreita e profunda deve presidir ás relações do mundo juvenil dessas escolas, de sorte que se desperte nelle a consciencia da utilidade daquelle grande e imortal principio de humanitarismo.

- 7ª O professorado para as escolas granja será recrutado em escolas normaes profissionaes agricolas que o governo federal criará em cada Estado.
- 8^a O ensino nas escolas-granja será absolutamente pratico e feito em contacto permanente com a vida real.
- 9ª Deverão ser adoptadas medidas energicas para a execução rigorosa da prohibição da vagabundagem, sendo encaminhados para patronatos agricolas os individuos que perpetrarem essa contravenção, depois de se verificar que são normaes e sadios.
- 10^a Os anormaes serão recolhidos em asylos e hospitaes para o tratamento devido.
- 11ª Deverá ser estudado convenientemente o meio de se fazer com que os sorteados para o serviço do exercito originarios das zonas ruraes não percam o contacto com a atividade agricola, para o que se conciliará o adextramento militar com praticas agrarias em granjas modelo, que podem ser installados em cada região ou guarnição; e onde os trabalhos sejam feitos de accordo com os melhores e mais efficazes preceitos agronomicos.
- 12ª O cinema, o radio, as bibliotecas, os laboratorios e gabinetes deverão ser largamente utilizados nas escolas-granja.
- 13ª Quando numa zona existirem num raio de 10 kilometros varias escolas ruraes procurar-se-á reuni-las sob a denominação de escolas reunidas ou consolidadas, devendo ser introduzida ahi a actividade agricola por um ensino pratico, feito por professores especializados.
- 14^a As escolas-granja serão frequentadas por meninos de 13 a 18 annos, sujeitos obrigatoriamente ao ensino profissional agricola.
- 15^a As escolas ruraes deverão ter annexos campos de agricultagem e quando se constituirem em escolas reunidas taes campos deverão ser de tal extensão que favoreçam o exercicio de toda a actividade agricola.
- 16ª As escolas normaes ruraes do paiz deverão orientar a preparação do magisterio no sentido de o especializar na educação agricola das crianças, não fazendo dellas agricultores mas levando-as a familiarizar-se com essa actividade, ama-la, compreender-lhe a excepcional importancia e a terem desenvolvida qualquer tendencia para ella.
- 17ª As escolas ruraes e as escolas-granja por meio de associações de paes e amigos da escola, pela utilização do cinema e do radio deverão ligar o lar a ellas no esforço pela diffusão da educação agricola e interesse pelo ensino profissional agricola.
- 18ª As escolas-granja deverão desempenhar papel decisivo no ponto de vista da orientação profissional de seus alumnos, de sorte que os encaminhe para a agricultura e lhe ministre os conhecimentos essenciaes para serem bons e esclarecidos lavradores.
- 19^a Sempre que for possivel, as escolas-granja terão junto dellas casas ruraes modelo, onde vivam aggregados desses estabelecimentos de ensino aos quais se assegure uma vida relativamente confortavel.
- 20ª As escolas-granja dedicarão profunda atenção; enormes cuidados á questão da educação physica, no sentido da saude e do aperfeiçoamento e fortalecimento corporal dos alumnos. (GOMES, 1930, p. 553-556)

Na opinião de Raul Gomes, a apresentação de sua a tese, se não arrebatou a assembleia através de seu discurso empolgante, pelo menos teve a atenção desejada, principalmente por conta das discussões geradas a partir dela. Com bases modernas e aliadas às referências escolanovistas já presentes no Brasil, Gomes salientou a necessidade de estímulo intelectual para fazer com que o trabalhador agrícola e seus descendentes amassem o campo, conservando-o através de

técnicas que, bem aplicadas, resultariam no bem-estar próprio e de toda a nação ao unirem forças econômicas com os centros urbanos em prol do desenvolvimento do país. Nesse sentido, vejamos as representações feitas por Raul Gomes sobre os preceitos da Escola Nova na tese apresentada na III CNE em sintonia ao documento/monumento que marcou a tendência renovadora da educação no Brasil:

Quadro 5: Representações de Raul Rodrigues Gomes sobre a Escola Nova em *O* ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema

	Representações de Raul	
	Rodrigues Gomes sobre a	
Preceitos	Escola Nova em <i>O ensino</i>	Manifesto dos Pioneiros da
Escolanovistas	profissional, as necessidades	Escola Nova (1932)
	brasileiras e a solução do	
	problema	
		"Mas, para que a escola possa
		fornecer aos "impulsos interiores a
		ocasião e o meio de realizar-se", e
		abrir ao educando à sua energia
		de observar, experimentar e criar
		todas as atividades capazes de
		satisfazê-la, é preciso que ela seja
	"De mim não tenho duvida em	reorganizada como um "mundo
	affirmar que todos os nossos	natural e social embrionário", um
Despertar de	esforços mister convergirem para	ambiente dinâmico em íntima
vocações –	os tornar agricultores, para os	conexão com a região e a
orientação	attrahir aos campos, para lhes	comunidade. [] se a escola deve
profissional	despertar o encanto e a seducção	ser uma comunidade em miniatura,
	do solo, para os fixar emfim á terra	e se em toda a comunidade as
	ubere e sempre boa." (GOMES,	atividades manuais, motoras ou
	1930, p. 548)	construtoras "constituem as
		funções predominantes da vida", é
		natural que ela inicie os alunos
		nessas atividades, pondo-os em
		contato com o ambiente e com a
		vida ativa que os rodeia, para que
		eles possam, desta forma, possuí-

		la, apreciá-la e senti-la de acordo com as aptidões e possibilidades.". (MANIFESTO, 2010, p. 50)
Intercâmbio de reações e experiências	"Os pioneiros da educação nova são unanimes em afirmar que o campo é o local ideal para a experiencias e praticas das suas doutrinas. A compreensão dos objectivos e dos meios da escola nova corrobora aquella opinião. A criança deve dispor de amplo espaço para o exercicio de sua actividade, para a prosecução de sua experiencias, para a realização de suas descobertas." (GOMES, 1930, p. 551).	A escola, vista desse ângulo novo que nos dá o conceito funcional da educação, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, "favorável ao intercâmbio de reações e experiências", em que ela, vivendo a sua vida própria, generosa e bela de criança, seja levada "ao trabalho e à ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a ação convêm aos seus interesses e às suas necessidades.". (MANIFESTO, 2010, p. 49)
Coeducação	"E se essa escola não devera ser coeducativa, isto é, associando no aprendizado intelligente da vida, pela propria vida, vivida intensamente, o menino e a menina, os comparsas porvindoiros da existencia domestica?" (GOMES, 1930, p. 552-553).	A escola unificada não permite ainda, entre alunos de um e outro sexo outras separações que não sejam as que aconselham as suas aptidões psicológicas e profissionais, estabelecendo em todas as instituições "a educação em comum" ou coeducação, que, pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil a sua graduação. (MANIFESTO, 2010, p. 45).
Trabalho como elemento formador	"Se o que fizemos é pouco, o que precisamos fazer em favor do ensino profissional agricola é quasi tudo! Temos de voltar para este	A escola nova, que tem de obedecer a esta lei, deve ser reorganizada de maneira que o trabalho seja seu elemento

assumpto as vistas de nossas competencias, pois, a elle está umbellicada facilidade da existencia de nosso povo, а tranquilidade social de nossa patria, a prevenção contra as perspectivas sombrias que a fome depara ás sociedades onde a vida diffícil е carissima. [...] Reeduquemos a todos os cidadãos inscriptos em nossas estatisticas sob a triste desoladora rubrica de profissão sem UMBELLICADA, familiarizando-os labores da lavoura." (GOMES, 1930, p. 550).

formador, favorecendo a expansão das energias criadoras do educando, procurando estimularlhe o próprio esforço como o elemento mais eficiente em sua educação e preparando-o, com o trabalho em grupos e todas as atividades pedagógicas e sociais, para fazê-lo penetrar na corrente do progresso material e espiritual da sociedade de que proveio e em lutar.". aue vai viver (MANIFESTO, 2010, p. 50-51).

Fonte: Elaborado pela autora com base nos documentos *O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema (1930) e* Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932).

A título de contextualização e em consonância com as sugestões expostas acima, sabe-se que o Paraná começou a despertar para os estudos dos problemas agrícolas durante a gestão do governador Affonso Camargo (1928-1930) ao iniciar campanhas, como a Campanha do Trigo, para o conhecimento e experimentação agrícola nos campos e granjas do Estado, intensificando a cultura e o plantio das sementes. Anos mais tarde, a partir de 1932, o Sr. Manuel Ribas, ao assumir como interventor do Paraná, passou a estimular com mais afinco a produção agrícola estadual, interferindo, diretamente, nas políticas educacionais ao instalar as Escolas de Trabalhadores Rurais⁸⁹ para o desenvolvimento de técnicas profissionais, assim como era defendido no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e, consequentemente, por Raul Gomes.

In: O Dia. 07/08/1935. p. 3

_

⁸⁹ A primeira Escola de Trabalhadores Rurais, denominada Dr. Carlos Cavalcanti, foi criada em 1935 e possuía estrutura de internato, contendo dormitórios, enfermaria, salas de aula, serviços de higiene, cozinha e refeitório. Ver: MERELIM, Pedro. Escolas de Trabalhadores Ruraes - Dr. Carlos Cavalcanti.

4 ANCORAGEM

Embora sabendo que navegar é preciso, uma embarcação não pode permanecer todo o tempo flutuando se as águas são infindáveis e profundas. É preciso, vez ou outra, parar e prover a ancoragem em porto seguro, garantindo a segurança das operações de desembarque, apesar do sentimento de ainda não ter dominado o mar. Esta nau, chamada dissertação, navegou por livros, fotos, teses e documentos a fim de descobrir palavras nunca antes tocadas e olhares ainda não observados, e brincar com eles numa espécie de viagem/dança (in)terminável. Contra os ventos em proa e apesar das tormentas enfrentadas pela inexistência de algumas fontes, o destino permaneceu sempre o mesmo: o desvelamento histórico das representações acerca da Escola Nova nas teses do professor Raul Rodrigues Gomes, mesmo que para chegar até aqui, tenha sido necessário abandonar algumas certezas, perder-se em alguns documentos e retomar itinerários interrompidos.

Com a ajuda do conceito de representação do historiador francês Roger Chartier, pretendeu-se compreender como Raul Gomes compreendeu alguns princípios escolanovistas nas teses por ele apresentadas nas três primeiras CNE's promovidas pela ABE, não sem antes analisar como se deu o seu contato com o movimento escolanovista brasileiro no início do século XX. Assim, capítulo no introdutório buscou-se apresentar os objetivos da investigação, a justificativa, o problema de pesquisa, os escritos publicados relacionados à atuação de Raul Gomes nos campos em que circulou, e a sustentação teórica-metodológica para o desenvolvimento do trabalho. É possível observar que o conceito teórico de representação apresentado nesta primeira parte foi sendo moldado até a chegada do terceiro capítulo, em uma travessia delicada para que se pudesse utilizá-lo de forma efetiva conforme a proposta desta dissertação. Além disso, a apresentação da pessoa de Raul Gomes fez-se necessária a fim de situá-lo no tempo e no espaço, sobretudo mostrando sua influência intelectual e a importância de seus feitos no âmbito paranaense.

O segundo capítulo visou, inicialmente, situar o Estado do Paraná dentro da onda modernista que avançava sobre o país no início do século XX, em especial a partir de 1920, época marcada por mudanças econômicas, sociais, culturais e

educacionais. Em consonância com o movimento nacional em prol de uma escola "risonha e franca", alguns intelectuais paranaenses adentraram no projeto de modernização e passaram a inteirar-se dos estudos escolanovistas propagados na Europa, América do Norte e alguns países da América do Sul. Raul Gomes, que até então era defensor da Pedagogia Moderna e apreciador confesso do professor paulista Orestes Guimarães, mentor da reforma da instrução pública catarinense nos anos 1910, foi um dos intelectuais paranaenses que, em meados dos anos 1920, passou a adotar o ideário da Escola Nova e, consequentemente, a conviver com grandes personalidades como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Essas relações amistosas contempladas nesse capítulo demonstraram-se fundamentais para a compreensão das representações de Raul Gomes e do seu engajamento frente às lutas educacionais do período.

É mister destacar que as cartas trocadas por Raul Gomes e Fernando de Azevedo expostas no item 2.2, apesar de não enquadrarem-se no período estabelecido nesta dissertação (décadas de 1920 e 1930), foram de extrema importância para o conhecimento da relação de amizade entre ambos os intelectuais e, acima de tudo, pela afinidade que mantinham quanto aos ideias escolanovistas desde a I CNE, em 1927.

Julgou-se, da mesma forma, primordial acrescentar ainda a participação de Raul Gomes nas três primeiras CNE's com o intuito de contextualizar a apresentação das teses posteriormente trabalhadas no terceiro capítulo. Como reconhecido jornalista, o professor paranaense teve sua atuação coberta de perto pela imprensa paranaense, principalmente pelos jornais em que trabalhava, durante toda a I CNE, o que facilitou o garimpo das fontes nos periódicos locais da época. O mesmo não ocorreu com as conferências seguintes, realizadas em Belo Horizonte e São Paulo, respectivamente, que demandaram real esforço na busca por indícios de sua participação nesses eventos.

Por fim, o terceiro capítulo abordou as representações do professor Raul Rodrigues Gomes sobre postulados da Escola Nova (valorização do aluno como agente no processo educativo, laicidade e obrigatoriedade escolar) analisando como fonte e documento-monumento as teses apresentadas por ele na I e III CNE. Constatou-se que o primeiro trabalho, intitulado *Conscripção Escolar*, continha muitas características da Pedagogia Moderna com algumas poucas pinceladas escolanovistas, o que nos leva a crer que nesta fase, Raul Gomes encontrava-se no

período de transição de um movimento para o outro, já que no mesmo evento apresentou *Missões Escolares*, que ao contrário da tese anterior, fazia menção aos estudiosos estrangeiros da Escola Nova expondo e exaltando as iniciativas deles no que se referia à modernização do ensino e a necessidade de voltar o olhar para a criança.

A segunda tese, *Educação Política ou Educação Integral*, apresentada em Belo Horizonte (1928), por não ter sido encontrada, causou um pequeno redemoinho nesse mar turbulento da Escola Nova. Contudo, como redemoinhos não têm força suficiente para ocasionar um naufrágio, perdeu-se alguns tripulantes mas seguiu-se viagem rumo à terceira CNE, onde *O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema* estava à espera, tese essa que refletiu o amadurecimento de Raul Gomes frente às ideias escolanovistas e muito especialmente o seu interesse pela bandeira da qualificação profissional no campo.

Realizadas as análises sobre as representações de Raul nas três teses, elaborou-se quadros explicativos sobre cada uma delas, utilizando-se, para isso, o documento-monumento que demarcou a chegada da revolução educacional no Brasil: o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Levando em consideração o alerta de Lourenço Filho (1967) sobre a existência de "escolas novas", ou seja, mais de uma concepção referindo-se ao mesmo termo, optou-se por equiparar as representações das teses sob a ótica do texto redigido por um dos maiores educadores do país no século XX, Fernando de Azevedo, o qual teve Raul Gomes como o único signatário do Estado do Paraná. Tal documento contém em suas entrelinhas visões educacionais de expoentes tal como Jean Jacques Rousseau, Heinrich Pestalozzi, Friedrich Froebel e John Dewey, os quais, em grande medida, embasaram os aos estudos de Raul Rodrigues Gomes não somente no período aqui abordado, mas durante toda a sua trajetória como professor e jornalista engajado em prol da educação.

A categoria de representação do sociólogo francês Roger Chartier possibilitou observar que as teses de Raul Gomes, tidas aqui como fontes, refletiram novos pensamentos e conceitos organizados dentro das complexas relações no campo educacional brasileiro. Através de linguagem e entendimento bastante próprios, como ele mesmo destacava, o intelectual paranaense compartilhou em seus escritos a interpretação que obtivera dos diversos estudos que permeavam a cena pedagógica da época, abordando conceitos-chaves escolanovistas como a

valorização do aluno no ensino-aprendizagem, a gratuidade e obrigatoriedade escolar, a valorização e formação de professores, a escola aberta, o paidocentrismo, a orientação profissional, o intercâmbio de experiências, a coeducação, e o trabalho como elemento formador.

Esses preceitos, que foram intensamente estudados, experimentados e propagados por educadores de grandeza comprovada como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, serviram como força motriz para que Gomes pudesse diagnosticar, nas teses aqui abordadas, a situação anacrônica vivida pelo país e apontar diretrizes para tornar o ensino brasileiro moderno, sobretudo no que diz respeito ao analfabetismo, mal endêmico sobre o qual Raul Gomes debruçou-se e travou verdadeira batalha durante toda a sua vida, defendendo que sem a conscrição escolar nação alguma se desanalfabetizaria. Frente a essa preocupação, os ditames da Escola Nova encaixavam-se no modelo escolar ideal que ele almejara, ocasionando, assim, a representação dos conceitos através de seus trabalhos para referenciar a renovação pedagógica.

Além dos preceitos já citados, é necessário destacar ainda um ponto bastante importante no que se refere ao escolanovismo: a laicidade. É possível perceber que em nenhuma das teses apresentadas por Raul Gomes durante as três CNE's em questão há menções sobre o ensino religioso. Apesar do intelectual não posicionarse explicitamente contra esta questão em seus trabalhos, sabe-se que, nesta época, ele defendia a escola laica, assim como os pioneiros da educação, pois era simpatizante de um certo niilismo, considerando-se deísta. Somente mais tarde, assumiu-se cristão e espírita, mas em nenhum de seus escritos posteriores é possível localizar alguma concepção diferente em relação ao âmbito escolar.

Frente ao exposto, a travessia pelas teses de Raul Gomes apresentadas nas três primeiras CNE's proporcionou compreender o entendimento do intelectual sobre os postulados da Escola Nova e de que forma eles foram representados em consonância com os estudos dos demais educadores considerados expoentes do escolanovismo no Brasil, como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho.

Assim, acredita-se que o trabalho aqui apresentado tenha alcançado seus objetivos e, juntamente com os apêndices e anexos, possibilite caminhos diversos para tantas outras viagens que vão além desta embarcação, como por exemplo, a análise dos manuais de ensino de Língua Portuguesa elaboradas por Raul Gomes, a sua prática docente no âmbito da escola primária e da universidade a partir de

relatos de ex-alunos, sua predileção pelos estudos e técnicas do pedagogista alemão Kerschensteiner, e, por que não, da praticidade de suas sugestões para maior e melhor publicação de obras literárias no Paraná.



REFERÊNCIAS

A ACÇÃO do Prof. Raul Gomes no C.N.E. em Bellorizonte. **O Dia**, Curitiba, 21 dez. 1928a. p. 2.

A ACTUAÇÃO do Prof. Raul Gomes no C.N.E. em Bellorizonte. **O Dia**, Curitiba, 03 jan. 1929, p. 2.

A CAMINHO da Escola Renovada. O Dia, Curitiba, 2 ago. 1929, p. 4.

ANNAES da III Conferência Nacional de Educação. São Paulo, 6 a 14 de setembro de 1929. Associação Brasileira de Educação. São Paulo, Directoria Geral Instrucção Publica: 1930.

ANNAES da Conferência Interestadual de Ensino Primário. Rio de Janeiro: EMP Industrial Editora "O Norte", 1922.

ARAUJO, Cristina. A Reforma Antonio Carneiro Leão no final dos anos de 1920. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 19, p. 119-136, jan./abr. 2009.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Educação – Programa da Terceira Conferência Nacional de Educação em São Paulo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 03 set. 1929b, p. 3.

AZEVEDO, Fernando. [Carta]. In: O Dia, Curitiba, 19 de ago 1937.

_____. [Carta] 25 mai. 1973, Curitiba [para] AZEVEDO, Fernando, São Paulo. 1f. **Acervo Fernando de Azevedo** – IEB/USP: FA-CA-Cx7,41.

BENCOSTTA, Marcos. L. A. **Arquitetura e Espaço Escolar**: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 103-141. 2001. Editora da UFPR.

BERTOLETTI, E. N. M.. Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha, Upa, Cavalinho. São Paulo: UNESP, 2006.

BEZERRA NETO, Luiz. **Avanços e retrocessos na educação rural no Brasil**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

BOURDIEU, P. Questões de Sociologia . Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.	
Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.	
Capital cultural, escuela y espacio social. México: Siglo Veinteuno, 1997.	
Os usos sociais da ciência : por uma sociologia clínica do campo científic São Paulo: Unesp, 2003.	ю

A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Zouk, 2007, 556 p.
BRANDALISE, Anna C Raul Gomes (1889-1975), autor e editor: publicações em prol da educação e da cultura no Paraná (1914 ? 1967). In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015, Maringá, PR. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015.
O Intelectual Raul Gomes e Suas Práticas Discursivas na Imprensa: Narrativas sobre Educação, Arte e Cultura no Paraná (1907-1950). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45930/R%20-%20D%20-%20ANNA%20CAROLINA%20BRANDALISE.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 02/07/2017.
CAMARA, A. A Escola Nova. O Estado do Paraná. Curitiba, 08 jul. 1927.
CARVALHO, Marta Maria C.; HANSEN, João Adolfo. Modelos culturais e representação : uma leitura de Roger Chartier. Revista Varia História, Belo Horizonte, nº 16, set/1996.
CARVALHO, Marta Maria. C Molde Nacional e Fôrma Cívica . São Paulo: Universidade São Francisco, 1998.
A Escola Nova no Brasil : uma perspectiva de estudo. Revista Educação em Questão, Natal, v. 21, n. 7, p. 90-97, set./dez. 2004.
Pedagogia da escola nova e usos do impresso : itinerário de uma investigação. Educação (UFSM), Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 87-105, 2005.
Pedagogia moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO Joaquim (orgs.). Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais . São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011, p. 185-212.
CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990. 244p (Memória e sociedade).
O mundo como representação. In: Estudos Avançados. Campinas: Unicamp, 11(5), 1991a. p.173-191
La Correspondance . Les usages de la lettre au XIX siècle. Paris: Fayard, 1991b.
A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.
Cultura Escrita, Literatura e História. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

____. À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: 2002. Ed. da UFRGS 277.

_____. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

COMO se explica a renúncia do Sr. Renato Jardim. **Diário da Noite**, São Paulo, 2 mar. 1929, p.1

CONFERÊNCIA Interestadual do Ensino Primário. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 out. 1921, p. 4.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1.: 1927: Curitiba, PR.; COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Dora,. I Conferência Nacional de Educação. Brasília, DF: INEP, 1997. 694 p.

CONFERÊNCIA Nacional de Ensino. O Dia, Curitiba, 2 dez. 1927, p. 2

CONFERÊNCIA Nacional de Educação. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 out. 1928, p. 3.

COUTO, Miguel. **No Brasil só há um problema nacional**: a educação do povo. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1927.

CONGRESSO Legislativo do Estado – 19ª sessão ordinária de 28 de fevereiro de 1914. **A Republica**, 24 ago. 1914, p. 3-4.

CORREIA, Leoncio. Segunda Conferência Nacional de Educação. **O Dia**, Curitiba, 16 nov. 1928, p. 2.

CUNHA, Marcus Vinicius. A educação dos educadores: da Escola Nova à escola de hoje. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

CURSO Prático de Guarda Livros. **Diário da Tarde**, Curitiba, 23 nov. 1921, p. 4.

CURY, Carlos Roberto J.. **Ideologia e Educação Brasileira**. São Paulo, Cortez, 1978.

DALLABRIDA, N. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

ESCOLA Nocturna de Joinville. **República**, Joinville, 18 abr. 1920, p. 2.

ESCOLA Pratica Joinvillense. **Jornal de Joinville**, Joinville, 08 jan. de 1921. Anno 3. n. 2.

ESCRIPTURAÇÃO mercantil ao alcance de todos. Diário da Tarde, Curitiba, 28 jan. 1922, p. 4.

ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURIPIDES. Prometeu acorrentado; Édipo rei; Medéia. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 224 p.

FALAM os factos. O Dia, Curitiba, 24 mar. 1925, p. 6.

FELIZMENTE. [charge]. In: O Dia, Curitiba, 28 dez 1927, p. 1.

FERREIRA, Susana da Costa. A I Conferência Nacional de Educação: Contribuição para o estudo das origens da Escola Nova no Brasil. Brasília. INEP. Série Documental Eventos, n. 2, abril, 1994.

FRAIZ, Ipojucan C.. Nilo Cairo, a medicina e a Universidade do Paraná. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/pgsocio/files/2014/05/ipojucan 14 08.pdf. Acesso em: 28/06/2017.

FREIRE FILHO, Ernesto S., A trajetória da Associação Brasileira de Educação -1924-2001. Rio de Janeiro: Editora do Educador, 2002.

GOES, Vanessa. Da Conscrição à Missões Escolares: Reflexões de Raul Rodrigues Gomes para o ensino obrigatório de qualidade (1927). 2015. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Organização Escolar e Trabalho Pedagógico). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GOES DA SILVA, Vanessa.; SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. O projeto educacional de Raul Rodrigues Gomes (1889-1975): Proposições de um intelectual paranaense na I Conferência Nacional de Educação (1927). Revista Quaestio (UNISO), 2017, p. 87-109.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. As afinidades eletivas. São Paulo: Nova

Alexandria, 2008. 232 p.
GOMES, Raul. Assumptos Pedagógicos. Diário da Tarde , Curitiba, 11 dez. 1908, p. 1.
Instrucção pública do Paraná. Coritiba, PR: [s.n.], 1914.
A História da Reforma: o que era o ensino na monarquia. Diário da Tarde , Curitiba, 29 nov. 1921, p. 2.
Um século de ensino primário. O Dia , 19 mai. 1927a, p. 2.
Prática de redação . Curitiba: Typ. Max Roesner, 1927b.
Missão, e não profissão . Curitiba/PR: Graphica Paranaense, 1928.
Conscripção escolar. Curitiba: Empreza Graphica Paranaense, 1928a.

Plano de desanalphabetização. In.: Conscripção escolar . Curitiba/PR: Empreza Graphica Paranaense, 1928b, p. 29-41.
Missões Escolares. In.: Conscripção escolar . Curitiba/PR: Empreza Graphica Paranaense, 1928c, p 43-49.
O que eu vi em São Paulo II. O Dia , Curitiba, 22 set. 1929a, p. 2
O que eu vi em São Paulo II. O Dia, Curitiba, 24 set. 1929b, p. 2
O que eu vi em São Paulo II. O Dia , Curitiba, 26 set. 1929c, p. 2
O Paraná na 2ª Conferencia Nacional de Educação. A República , Curitiba, PR, 03 jan. 1929, p. 2.
O ensino profissional, as necessidades brasileiras e a solução do problema. In: Annaes da III Conferência Nacional de Educação . São Paulo, 6 a 14 de setembro de 1929. Associação Brasileira de Educação. São Paulo, Directoria Geral Instrucção Publica: 1930, p. 539-558.
Um líder da educação nova no Paraná. O Dia , Curitiba, 4 mai. 1932, p. 2.
Goete cidadão do futuro. O Dia , Curitiba, 06 mar. 1932, p. 2.
A educação de Goete. O Dia , Curitiba, 09 mar. 1932, p. 2.
Goete na Universidade. O Dia , Curitiba, 13 mar. 1932, p. 2.
Leituras e brinquedos de Goete. O Dia , Curitiba, 16 mar. 1932, p. 2.
Goete, homem perfeito. O Dia , Curitiba, 17 mar. 1932, p. 2.
Goete e Ficht. O Dia , Curitiba, 22 mar. 1932, p. 2.
Goete e a mulher. O Dia , Curitiba, 23 mar. 1932, p. 2.
Goete e educação. O Dia , Curitiba, 03 abr. 1932, p. 2.
Goete e Rousseau. O Dia , Curitiba, 10 abr. 1932, p. 2
1932 e a educação. O Dia , Curitiba, 30 dez. 1932a, p. 2.
Pobre Orestes, Colossal Orestes. O Dia , Curitiba, 06 jan. 1932b, p. 8.
[Carta] 03 abr. 1932c, Curitiba [para] AZEVEDO, Fernando, São Paulo. 2f. Acervo Fernando de Azevedo – IEB/USP : FA-CP-Cx13,62.

[Carta] 08 mai. 1933, Curitiba [para] AZEVEDO, Fernando, São Paulo. 2f. Acervo Fernando de Azevedo – IEB/USP: FA-CP-Cx13,66.
Ecce Homo!. In: O Dia , Curitiba, 01 jan. 1933, p. 2.
Uma administração feliz. O Dia , Curitiba, 27 abr. 1934, p. 4
Allan Kardec : seu tempo e seu apostolado. Curitiba: Artes Graphicas, 1936.
O Rotary em ação. O Estado , Curitiba, 13 fev. 1937, p. 2.
Seara Alheia. In: O Dia , Curitiba, 25 de maio de 1937, p. 2.
Prática de redação . São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1939.
A economia mundial e o desenvolvimento do caminho marítimo da Índias. Tese de concurso. Curitiba: [s.n.], [1946]. 34 p.
Caminhos da paz: maior produção e melhor distribuição. [S.l.: s.n.], 1948.
[Carta] 20 jun. 1959, Curitiba [para] AZEVEDO, Fernando, São Paulo. 2f. Acervo Fernando de Azevedo – IEB/USP : FA-CP-Cx13,69.
[Carta] 21 fev. 1963, Curitiba [para] AZEVEDO, Fernando, São Paulo. 2f. Acervo Fernando de Azevedo – IEB/USP : FA-CP-Cx13,71.
Redacao sem mestre. Curitiba, PR: Gerpa, 1967.
Lourenço Filho: Precursor da Escola Nova. Diário do Paraná , Curitiba, 17 set. 1970, p. 2.
[Carta] 18 mai. 1972, Curitiba [para] AZEVEDO, Fernando, São Paulo. 2f. Acervo Fernando de Azevedo – IEB/USP : FA-CP-Cx13,75.
Lourenço Filho: Precursor da Escola Nova. Diário do Paraná , Curitiba/PR, 17 set. 1970, p. 2.
GUIMARÃES, Orestes. Nacionalização do Ensino Primário: Um parecer do professor Orestes Guimarães, Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas pela União, no Estado de Santa Catarina. Blumenau: Tiypographia Carl Wahle, 1929. p.2.
IMPRENSA de Luto: Morre Raul Gomes. Gazeta do Povo, Curitiba/PR, 14 nov.

1975, p. 2.

IORIO, Regina Elena S.. A Novella Paranaense. O mais 'arrojado' empreendimento literário do Paraná nos anos 20. **Cadernos da Escola de Comunicação** (Unibrasil), v. 1, p. 36-55, 2003.

_____. Intrigas & novelas - literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

JARDIM, Renato. A 3ª Conferência Nacional de Educação – A minha renúncia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 14 mar. 1929, p. 4.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1990. p. 535-549.

LEAL, Maria Cristina. **Retratos da educação brasileira**: contraste entre a educação republicana imaginada e realizada. In: Leal, Maria Cristina; Pimentel, Maria Araújo Lima (Org.). História e Memória da Escola Nova. São Paulo: Loyola, 2003.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. A Escola Nova: resposta ao inquérito acerca do ensino paulista, promovido pelo O Estado de S. Paulo. São Paulo: s.e., 1927.

_____. Introdução ao estudo da escola nova. São Paulo, SP: Melhoramentos, 1967.

_____. A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação. Ruy Lourenço Filho (Org.). – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001, 125 p.

LUPPI, Aline Ellen R. **As propostas educacionais de Raul Gomes no início do século XX**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) — Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

MANIFESTO dos educadores em princípios de julho. In: **O Estado de São Paulo**, São Paulo/SP, 20 jun 1959, p. 11.

MANIFESTO dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores mais uma vez convocados (1959). Fernando de Azevedo [et al.]. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. – (Coleção Educadores).

MEIRELES, Cecilia. Uma bela pagina de psychologia infantil. Página de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 15 jul. 1930, p. 7

MEMÓRIA – Paraná (XXVIII). **Indústria e Comércio**, Curitiba, PR, 22 a 24 abr. 1989, p. 2-3

MENSAGEM Presidencial dirigida ao Congresso Legislativo pelo Dr. Caetano Munhoz da Rocha - 2ª sessão da 18ª Legislatura. **O Dia**, 17 fev. 1927. p. 2.

MIGUEL, Maria E. B.; VIEIRA, Alboni M. D. P. **A Escola Nova no Paraná**: avanços e contradições. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, PR, v. 5, n.1, p. 93-100, 2005.

MIGUEL. Maria Elizabeth B.. O significado do trabalho de Erasmo Pilotto no cenário educacional paranaense. Curitiba, **Educar em Revista**, n. 10, p. 81-90. 1994.

______. A Pedagogia da Escola Nova na formação do professor primário paranaense: Início, Consolidação e Expansão do Movimento. Boletim da Associação dos Amigos do Arquivo Público do Paraná. CURITIBA, v. III, n.UNICO, p. 19-22, 1994.

_____. A Pedagogia da Escola Nova e a Organização Social do Trabalho. Publicatio UEPG (Ponta Grossa), PONTA GROSSA, v. 1, n.UNICO, p. 63-70, 1995.

____. A formação do professor e a organização social do trabalho. Curitiba: Ed. UFPR,1997

____. A Escola Nova e o Intelectual Educador. Araucárias (Palmas), PALMAS-PARANÁ, v. 1, p. 7-19, 2002.

___. A reforma da Escola Nova no Paraná: as atuações de Lysímaco Ferreira da Costa e Erasmo Pilotto. In: Maria Elisabeth Blanck Miguel; Diana Gonçalves Vidal; José Carlos Souza Araujo. (Org.). Reformas Educacionais. As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946). 1ed.Campinas - São Paulo: Editora Autores Associados, 2011, v. , p. 121-137.

MONARCHA, Carlos. **Convocando os hermeneutas da república iletrada**: o Prêmio Francisco Alves. História da Educação, São Paulo, v. 18, n. 44, p. 149-164, set./dez. 2014.

MORAES, Deodato. A Escola Nova. In.: CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1.: 1927: Curitiba, PR.; COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Dora,. I Conferência Nacional de Educação. Brasília, DF: INEP, 1997, p. 611-621.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia paranaense**. Curitiba: Impressora Gráfica Paranaense, 1926-1950.

NERY, Ana Clara B. **A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)**. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – USP, São Paulo, 1999.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria C.. Historiografia da Educação e Fontes. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62

O CONGRESSO de educação é o sr. Lysimaco Costa. In: **O Dia**, Curitba/PR, 24 dez. 1927a, p. 1.

O PRIMEIRO Congresso Nacional de Educação: seu encerramento, hontem, em Curityba. **Diário Nacional**, São Paulo/SP, 28 dez. 1927, p. 3.

O PROBLEMA da educação nacional: Elle exige um plano. **O Dia**, Curitiba/ PR, 09 dez. 1928b, p. 2.

OBRA de Gomes orienta professores. Diário do Paraná, Curitiba, 20 abr. 1972, p. 2.

OLIVEIRA E SILVA, Arlette Pinto (org). **Páginas da História**: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4-11 de novembro de 1928. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004. Homenagem aos 80 anos da Associação Brasileira de Educação (ABE) 15 de outubro de 1924 – 15 de outubro de 2004.

OLIVEIRA, Luiz C. S.. **Joaquim contra o paranismo.** 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

OSINSKI, Dulce R. B.; BRANDALISE, Anna. C.. *Malhadas e remalhadas*: Raul Gomes e o uso da imprensa em prol da educação e da cultura (1920-1970). In: **VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2013, Cuiabá. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013. v. 1. p. 1-13.

OSINSKI, Dulce R. B.; BRANDALISE, Anna. C.. Imprensa Periódica: *Malhadas e Remalhadas* de Raul Gomes em favor da Educação e da Cultura (1910-1970). In: Carlos Eduardo Vieira; Bernadete de Lourdes Streisky Strang, Dulce Regina Baggio Osinski. (Org.). **História Intelectual e Educação Trajetórias, Impressos e Eventos**. 1ed.Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015, v. 1, p. 187-212.

OSINSKI, Dulce Regina B.. Um projeto moderno para a educação e a cultura: a atuação de Raul Gomes. In: **VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 2010, São Luís. Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2010.

	. Entr	e o	sacerdo	ócio e	0	ofício:	Raul	Gomes	е о	papel	do	professor	(1914-
1928).	In: N	évio	de Car	mpos.	(O	rg.). E	ducaç	ção no ∣	Bras	sil e na	Ar	gentina: (escritos
de his	tória ir	ntele	ctual, 1	ed.Po	nta	Gross	a: Edi	tora UEI	PG.	2013. v	_′ . 1.	p. 06-30.	

_____. Raul Gomes e o Dia do Professor: ações na imprensa em favor da valorização da profissão docente (1914-1970). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.). Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980. 01ed.Curitiba: Editora da UFPR, 2015, v. 01, p. 13-40.

PARANÁ, Conselho Estadual de Educação. Institui o Prêmio Educação do Paraná, dentro do programa de comemorações do Cinquentenário do Conselho Estadual de Educação do Paraná. Processo nº: 1094/14. Deliberação nº 01/14. Aprovada em 19 set. 2014. Disponível em: http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2014/Del 01 14.pdf. Acesso em: 04/07/2017.

PARANÁ. **Mensagem Presidencial Estado do Paraná**. Curitiba, 01 de fevereiro de 1921.

PARANA, Sebastião. Chronica. **Diário da Tarde**, Curitiba, 19 dez. 1927, p 2.

PENNA, Maria Luiza. **Fernando de Azevedo.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 162 p.: il. – (Coleção Educadores).

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Organização de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

PILOTTO, Erasmo. **Autobiografia**. (org.) Denise Grein Santos. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

PIMENTEL, Marilia A. L.. Memória e Interpretação de relatos. In.: **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Edições Loyola, 2003, v., p. 27-53.

PRIMEIRO Congresso Brasileiro de Educação. In: **Diário da Tarde**, Curitiba/PR, 24 dez 1927, p. 2.

PROFESSOR Raul Gomes. Jornal de Joinville, Joinville, 08 out. 1921.

RAUL Rodrigues Gomes, 1889-1975 [pasta]. **Biblioteca Pública do Paraná** – Divisão de Documentação Paranaense. Curitiba.

RENK, Valquíria E.. Anos 20 – Identidades e nacionalidade em discussão no Paraná. In: **Revista HISTEDBR** On-line, v.

REVISTA Rumo Paranaense. Curitiba, ano II, nº 24.

ROSA, Maristela da. **Escolanovismo católico Backheusiano**: apropriações e representações da escola nova tecidas em manuais pedagógicos (1930-1940). 255 p. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação. Florianópolis, 2017

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2010.

SANCHEZ, Mariana. Uma história em páginas tipografadas. In: **Gazeta do Povo** (online), 02/02/2009. Endereço eletrônico: http://www.gazetadopovo.com.br/especiais/90-anos/independencia/uma-historia-empaginas-tipografadas-beaefc2diq53h5as1a6xpld8u. Acesso em 01/04/2017.

SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. História dos Cursos Normais Públicos de Formação de Professores Primários no Estado do Paraná. **Educere et Educare** (versão eletrônica), v. 10, p. 231-242, 2015.

SILVA, Maria C.. Imprensa, intelectuais e os discursos acerca da educação no jornal Diário da Tarde (Paraná, década de 1920). 2008. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). **Por uma nova história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

2016.

SOUZA, Eliezer F.; CAMPOS, Névio.. Imprensa no Paraná e o combate ao analfabetismo: trajetória e pensamento de Raul Gomes (1889-1975). **Revista HISTEDBR** On-line, v. 14, p. 133-152, 2013.

SOUZA, Eliezer F.. Trajetória e discursos educativos do jornalista e professor Raul Rodrigues Gomes na imprensa paranaense (1907-1975). In: **9ª ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul. A Pós-Graduação e suas interlocuções com a Educação Basica, 2012. p. 1-15.

STENTZLER, Marcia M.; Werle, V. S. Reforma da Educação no Paraná: ideias educacionais de Cezar Prieto Martinez para a Instrução Pública expressos nos relatórios de 1920 a 1922. In: **JORNADA DO HISTEDBR**, 2010, Belém. Jornada HISTEDBR, 2010.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A Escola da República**: os grupos escolares e a modernização da ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2011

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni.. Professor Orestes Guimarães: Um paulista em Santa Catarina semenado o "novo" (1911-1935). In: Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE). UFU, 2006, Uberlândia. 2006. Disponível http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/339GlaydsAuras.pdf. Acesso em: 03/07/2017. _. Uma vez normalista, sempre normalista: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008. 216 p. ___. Sugestões sobre a Educação Popular no Brasil: proposta do professor Orestes Guimarães. Currículo Sem Fronteiras. V.10, n.2. pp.228-243. Jul/dez, 2010. . (Org.) **Professor Areão:** experiências de um bandeirante paulista do ensino em Santa Catarina (1912-1950). Florianópolis: Insular, 2014. _. Grupos Escolares: entre a Pedagogia Moderna e a Escola Nova (1946-1971). Relatório final de pesquisa. Universidade do Estado de Santa Catarina. Faculdade de Educação. 2015. _. Recepción y apropriación de la escuela nueva en manuales escolares brasileiros e españoles - una investigación historico-comparactiva (1930 – 1960). Projeto de pesquisa. Universidade do Estado de Santa Catarina. Faculdade de Educação. 2015 Professor Orestes Guimarães; biografia de um educador. Projeto de

pesquisa. Universidade do Estado de Santa Catarina. Faculdade de Educação.

UM Plano Nacional de Educação. Diário da Tarde, Curitiba/PR, 29 mar. 1932, p. 8.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Escola Nova e Processo Educativo**. In: 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 53-74, jul/dez, 2001.

VIEIRA, Carlos Eduardo.; MARACH, Caroline. B. . A trajetória de Erasmo Pilotto no âmbito do Movimento pela Escola Nova: levantamento, catalogação e análise de fontes históricas. In: **Anais da 26 Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR**, 2002, Curitiba. 2002. v. 1. p. 115-115.

VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná (1910-1980).** Curitiba: Editora UFPR, 2015. 205 p.

WEIGERT, Daniele.. Cam em Curitiba: a cidade moderna nascente no conto e na novela de Raul Gomes. In: **3º Seminário Nacional de História da Historiografia**: aprender com a história?, 2009, Mariana. Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?. Ouro Preto: Edufop, 2009.

APÊNDICES: UM AVISO AOS NAVEGANTES

APÊNDICE A – Ano da 1ª edição dos livros e folhetos publicados por Raul Rodrigues Gomes

Ano de publicação da 1ª edição	914	915	918	924	1925	926	927	928	936	938	1939	946	1948	949	950	959	1967
Livros e Folhetos	1	7	7	7	-	-	7	1	7	-	7	-	7	7	7	1	7
A economia mundial e o desenvolvimento do caminho marítimo da Índias	-	1	1	-	-	-	•	•	-	-	-	Х	-	-	-	-	-
A escripta mercantil das associações beneficentes	-	-	-	-	-	-	Х	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A Questão Ortographica	-	-	ı	Х	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A trigocultura no Paraná	-	1	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Acção e Civismo	-	-	Χ	-	-	-	•	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Allan Kardec, seu tempo e seu apostolado	-	1	ı	-	-	-	J	-	Х	-	-	-	-	-	-	-	-
Caminhos da Paz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Χ	-	-	-	-
Conscripção Escolar	-	1	-	-	-	-		Χ	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Emiliano Pernetta	•	ı	ı	•	•	1	ı	ı	•	1	•	1	•	•	•	Х	-
Histórias Rudes	-	Χ	•	-	-	-	•	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Instrucção Pública do Paraná	Х	ı	ı	ı	ı	ı	ı	ı	-	ı	ı	ı	-	-	-	-	-
Missão, e não profissão	-	-	-	-	-	-	•	Χ	-	-	-	-	-	-	-	-	-
O Desespero de Cham	-	-	-	-	-	Χ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
O milho do Paraná	-	-	Χ	-	-	-	•	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Prática de Redação	-	-	-	-	-	-	Χ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Prática de Redação – Curso Elementar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Х	-	-	-	-	-	-	-
Prática de Redação – Curso Ginasial e Escola Normal	-	ı	ı	ı	1	ı	ı	1	1	ı	X	ı	-	-	-	-	ı
Redação sem mestre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Χ
Sugestões para uma história da literatura do Paraná	-	-	•	-	-	-	•	-	Х	-	-	-	-	-	-	-	-
Um mestre do jornalismo	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	Х	-	-	-
Versa Tribunicia	-	-	-	-	Χ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vida Universitária: trabalhos intra e extraescolares na cátedra de Economia Política	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	х	-	-
A obra "A população do F	Paran	á" nã	A obra "A população do Paraná" não dispõe de data de publicação, por isso não consta no quadro acima.														

APÊNDICE B – Ano de publicação por quantidade de artigos publicados por Raul Rodrigues Gomes encontrados nos jornais de Curitiba/PR $(1907 \text{ a } 1975)^{90}$

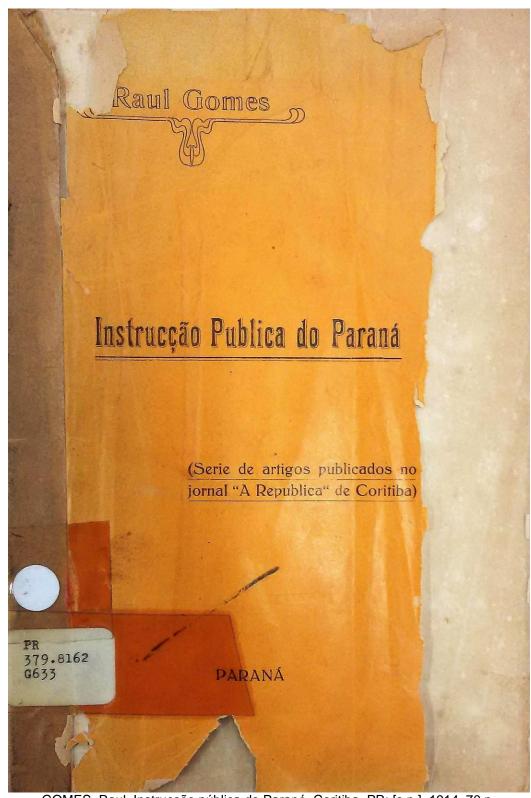
Jornal	A escola	A Notícia	A República	Correio do Paraná	Commercio do Paraná	Diário da Manhã	Diário da Tarde	Diário do Paraná	Diário Popular	llustração Paranaense	Jornal de Curitiba	O Dia	O Paraná	O Estado	O Estado do Paraná	Palladium
Ano de publicação	sə Y	N A	A Rep	Correio c	Commercic	Diário d	Diário c	Diário d	Diário I	Ilustração I	Jornal de	0	² 4 O	3 O E	O Estado	Palla
1907	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1908	-	1	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1909	1	-	-	-	-	-	11	-	-	-	-	-	-	-	-	2
1910	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1911	-	-	-	-	-	-	16	-	-	-	-	-	1	-	-	-
1912	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1913	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1914	1	-	17	-	-	-	-	-	-	-	ı	-	17	-	-	-
1915	1	-	5	-	-	-	27	-	-	-	•	-	3	-	-	-
1916	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	•	-	-	-	-	-
1918	1	-	1	-	-	-	20	-	-	-	ı	-	-	-	-	-
1920	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	•	-	-	-	-	-
1921	1	-	-	-	-	-	96	-	-	-	•	-	-	-	-	-
1922	-	-	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1923	-	-	-	-	-	-	51	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1924	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1925	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	7	-	-	18	-
1926	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	13	-
1927	-	-	-	-	-	-	20	-	-	1	-	2	-	-	-	-
1928	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	-	-	-	-
1929	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-
1930	-	-	3	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-
1931	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	28	-	-	-	-
1932	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	211	-	-	-	-
1933	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	-	-	-	-
1935	-	-	-	-	-	49	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

 $^{^{\}rm 90}$ Os artigos encontrados foram assinados como Raul Rodrigues Gomes, Raul Gomes, Raul Gomez e/ou com as iniciais R.G.

1936	_	_	_	_	Ι -	_	_	_	l -	_	_	1	_	6	_	_
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Į.	-		-	-
1937	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	-	-
1938	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
1943	-		-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-
1944	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-
1945	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
1946	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	166	-	-	-	-
1947	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	198	-	-	-	-
1954	-	-	-	-	-	-	34	-	-	-	-	77	-	-	-	-
1955	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	269	-	-	-	-
1956	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	142	-	-	-	-
1957	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	199	-	-	-	-
1958	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	121	-	-	-	-
1959	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-
1960	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1964	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1965	-	-	-	12	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-
1966	-	1	-	-	-	-	2	-	28	-	-	-	-	-	-	-
1967	-	-	-	-	-	-	74	16	10	-	2	-	-	-	-	-
1968	-	-	-	-	-	-	16	19	-	-	2	-	-	-	-	-
1969	-	-	-	-	-	-	8	69	-	-	2	-	-	-	-	-
1970	-	ı	-	-	-	-	-	79	-	1	-	-	-	-	-	-
1971	-	ı	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-
1972	-	ı	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-
1973	-	ı	-	-	-	-	-	9	-	1	-	-	-	-	-	-
1974	-	1	-	-	-	-	3	1	1	-	-	-	-	-	-	-
1975	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

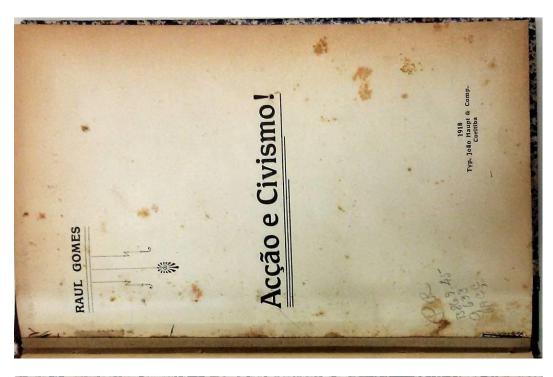
ANEXOS: CAPAS DE MAREAR

ANEXO A – Capa de Instrucção Publica do Paraná (1914)



GOMES, Raul. Instrucção pública do Paraná. Coritiba, PR: [s.n.], 1914. 70 p.

ANEXO B – Lombada, capa e contracapa de *Acção e Civismo* (1918)

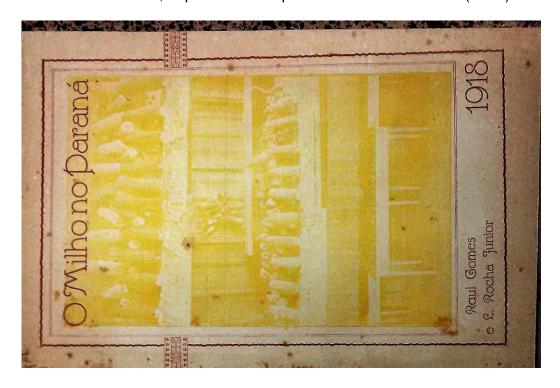


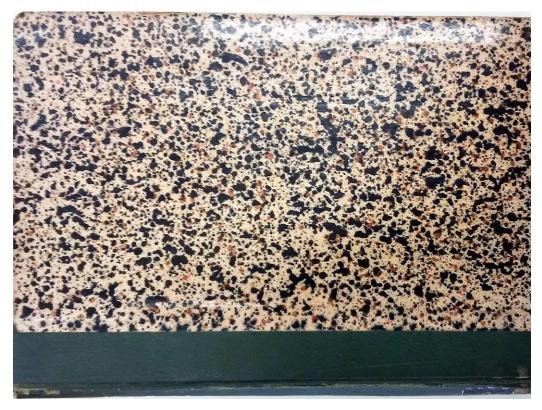




GOMES, Raul. Acção e civismo!. Curitiba: João Haupt & Cia, 1918.

ANEXO C – Lombada, capa e contracapa de O milho do Paraná (1918)

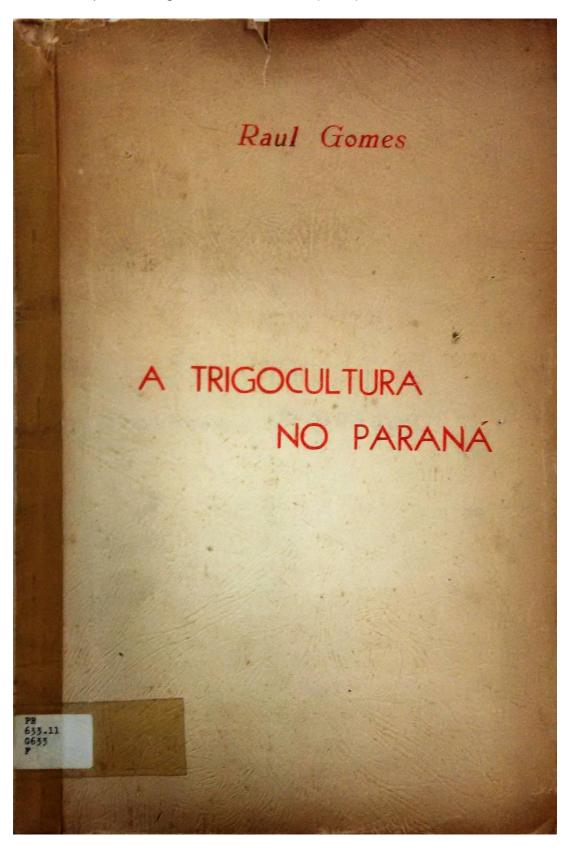






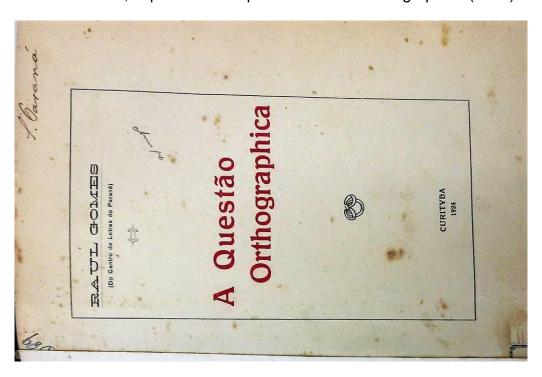
GOMES, Raul. O milho no Paraná. [S.l.]: Globo, 1918.

ANEXO D – Capa de A trigocultura no Paraná (1918)



GOMES, Raul. A trigocultura no Parana. Curitiba, PR: Sem editora, 1918.

ANEXO E – Lombada, capa e contracapa de A Questão Ortographica (1924)

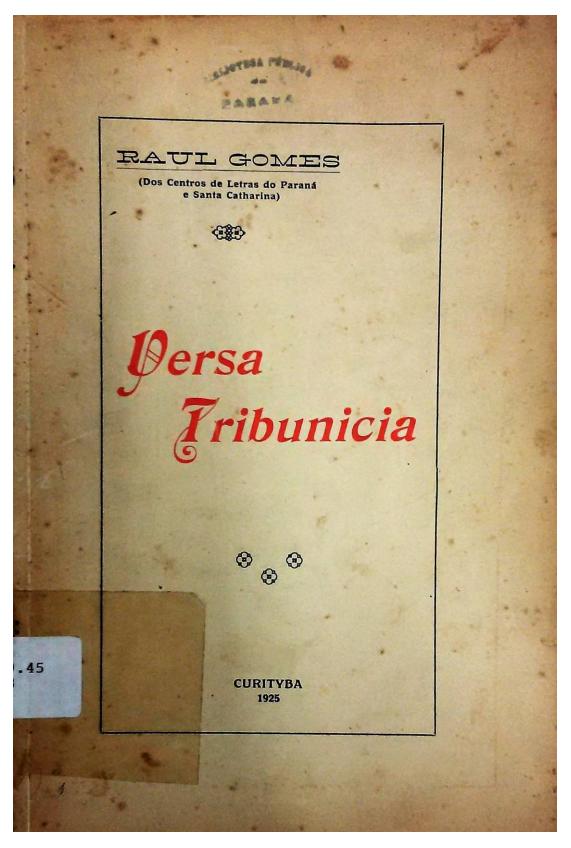






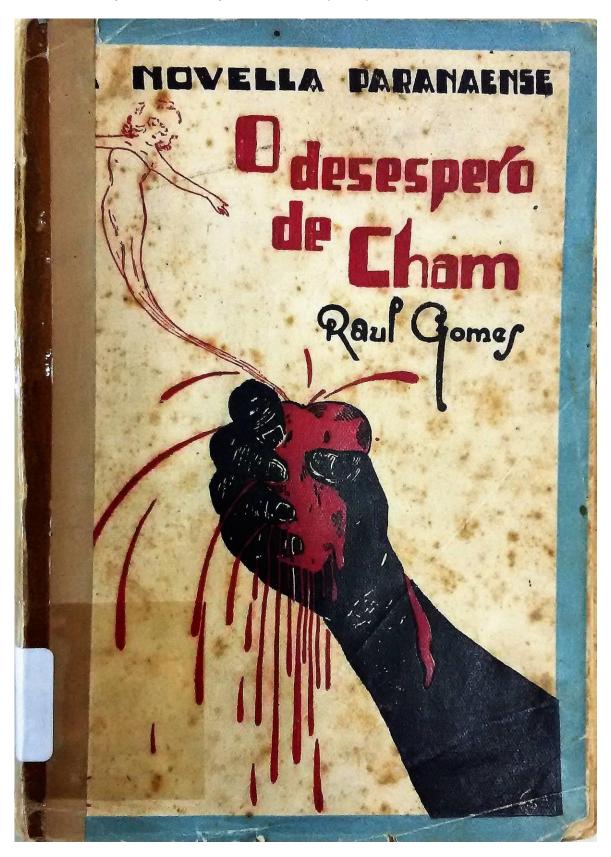
GOMES, Raul. A questão orthographica. Curitiba, PR: João Haupt & Cia, 1924.

ANEXO F – Capa de Versa Tribunicia (1925)



GOMES, Raul. Versa tribunicia. Curitiba: João Haupt & Cia, 1925.

ANEXO G – Capa de O desespero de Cham (1926)



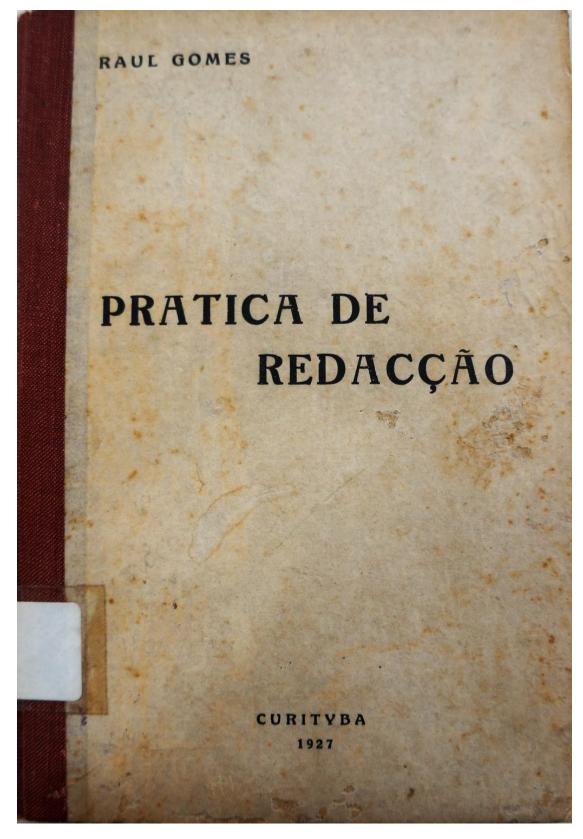
GOMES, Raul. O desespero de Cham. [S.l.: s.n.], 1926.

ANEXO H – Capa de A escripta mercantil (1927)



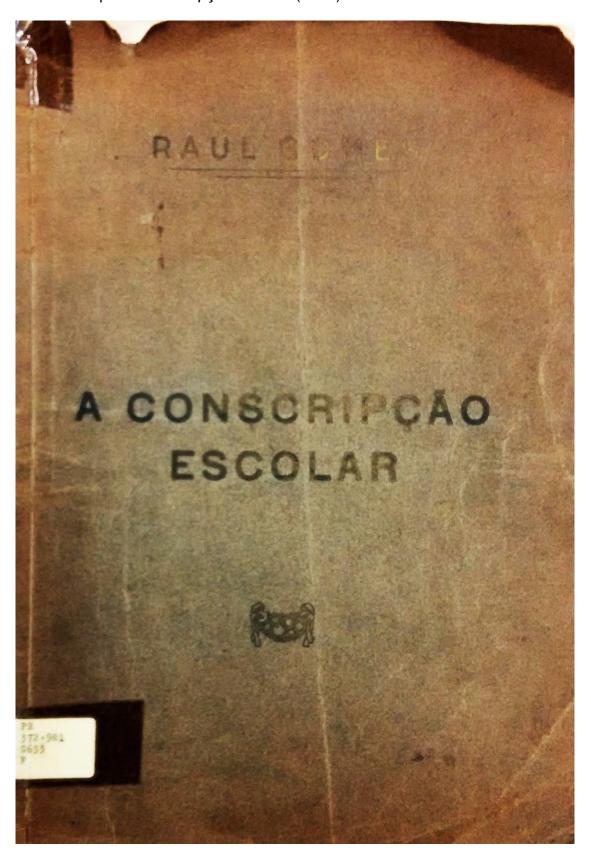
GOMES, Raul. A escripta mercantil das associações beneficientes. Curitiba: Typ. Gonçalves, 1927.

ANEXO I – Capa de Pratica de Redação (1927)



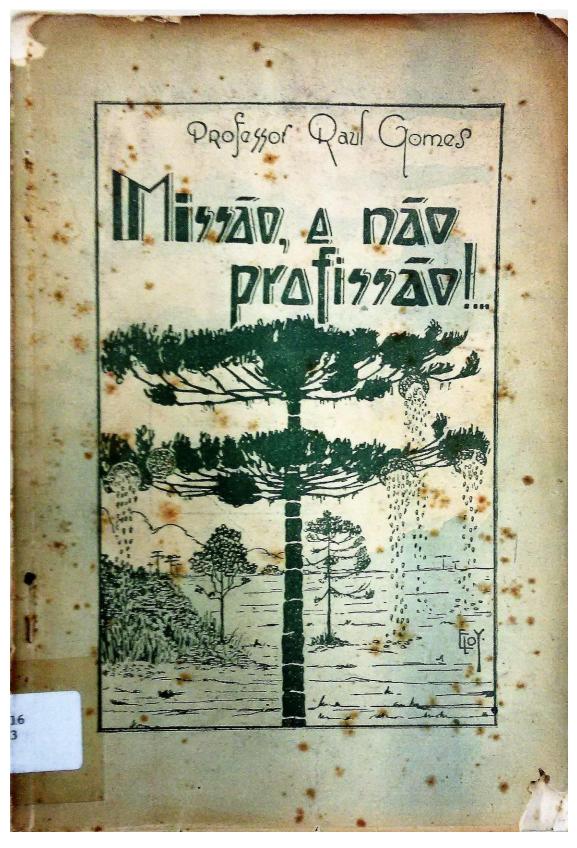
GOMES, Raul. Prática de redação. Curitiba, PR: Typ. Max Roesner, 1927.

ANEXO J – Capa de Conscripção Escolar (1928)



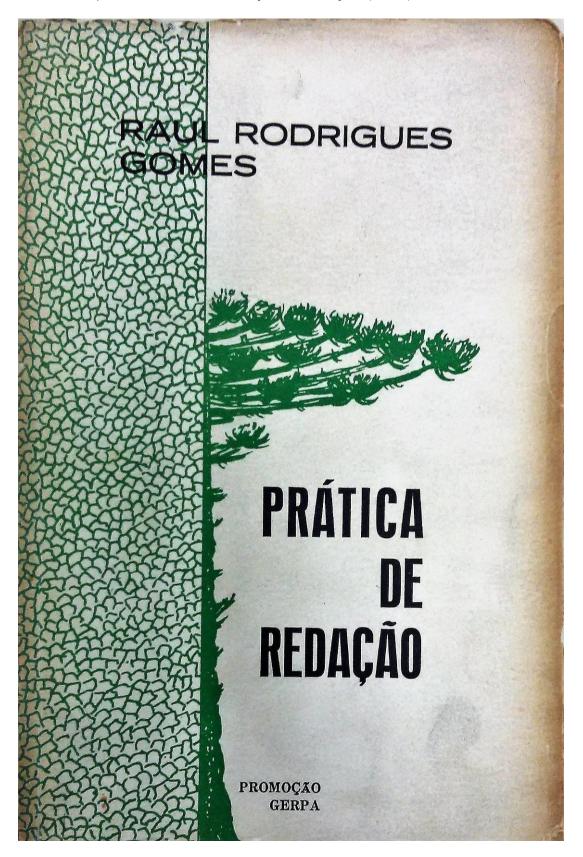
GOMES, Raul. A conscripção escolar. [S.l.: s.n.], [s.d.]. 11 p.

ANEXO K – Capa de Missão, e não profissão (1928)



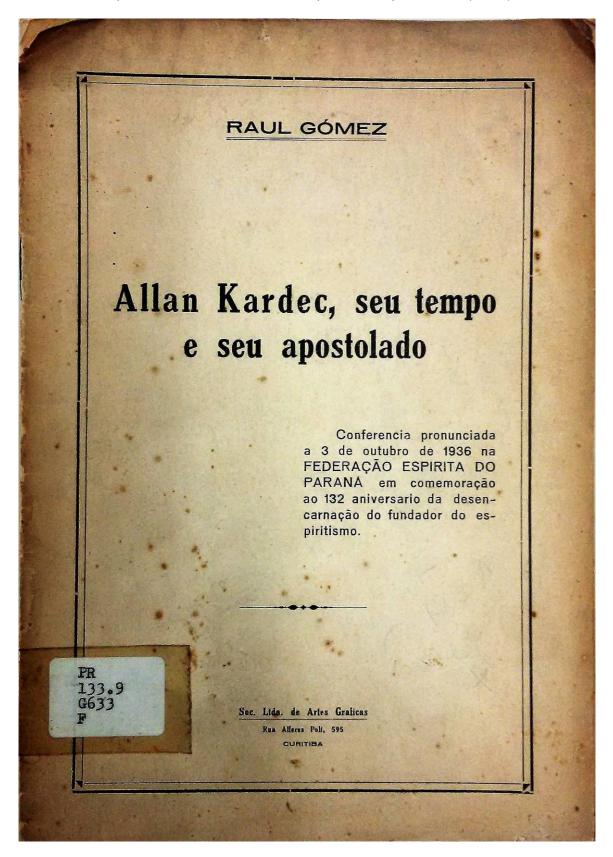
GOMES, Raul. Missão, e não profissão. Curitiba, PR: Graphica Paranaense, 1928.

ANEXO L – Capa de Prática de Redação - 2ª edição (1931)



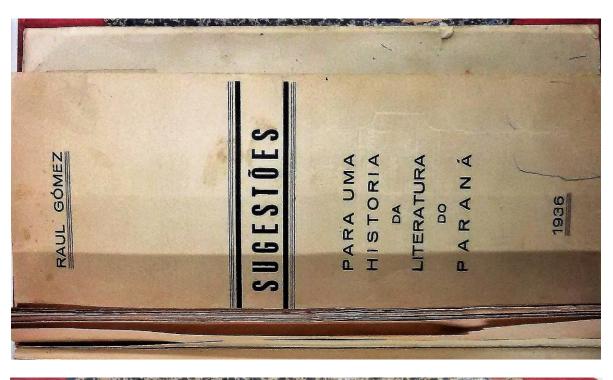
GOMES, Raul. Prática de redação. Curitiba, PR: Empreza Graphica Paranaense, 1931.

ANEXO M – Capa de Allan Kardec, seu tempo e seu apostolado (1936)



GOMES, Raul. Allan Kardec: seu tempo e seu apostolado. Curitiba, PR: Artes Graphicas, 1936.

ANEXO N – Lombada, capa e contracapa de Sugestões para uma história da literatura do Paraná (1936)

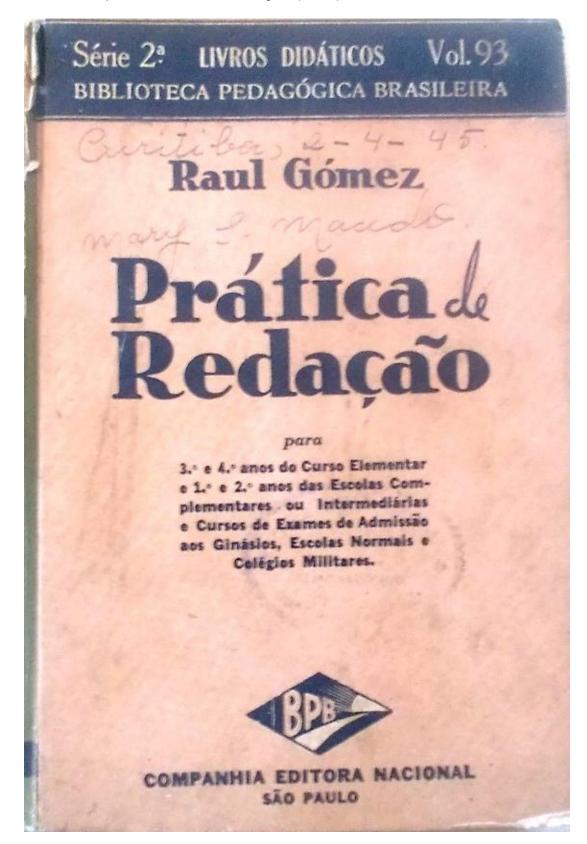






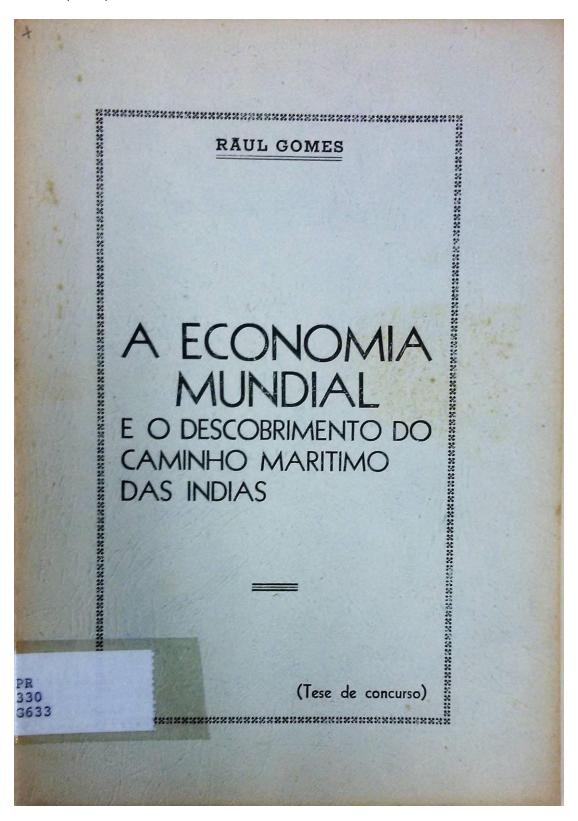
GOMES, Raul. Sugestoes para uma historia da literatura do Parana. Curitiba: [s.n.], 1936.

ANEXO O – Capa de Prática de Redação (1939)



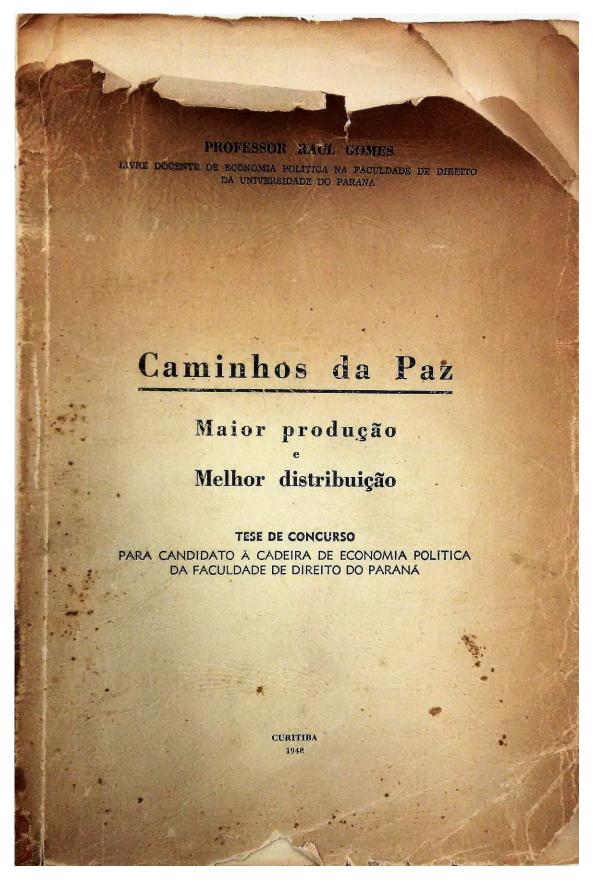
GOMES, Raul. Prática de redação. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1939.

ANEXO P – Capa de A economia mundial e o desenvolvimento do caminho marítimo das Índias (1946)



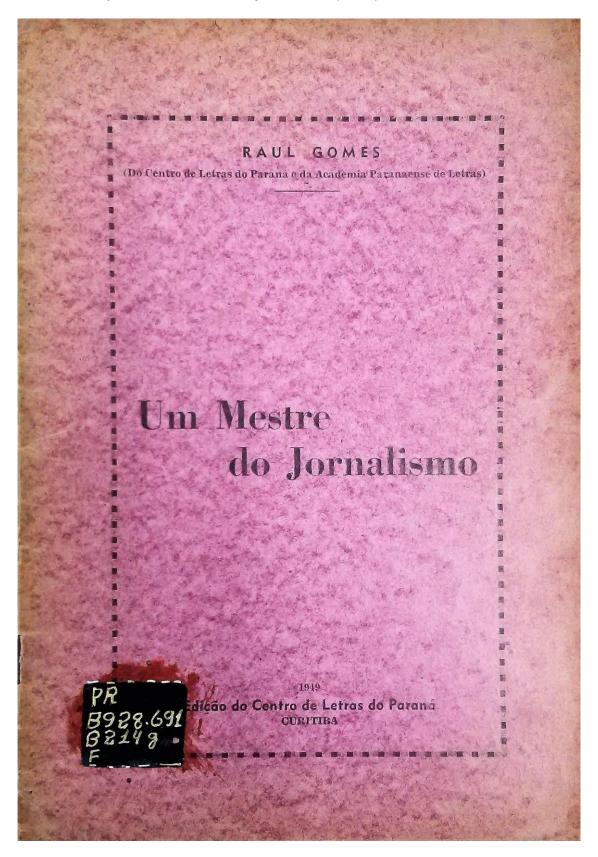
GOMES, Raul. A economia mundial e o desenvolvimento do caminho marítimo da Índias: tese de concurso. Curitiba: [s.n.], [1946]. 34 p.

ANEXO Q - Capa de Caminhos da Paz (1948)



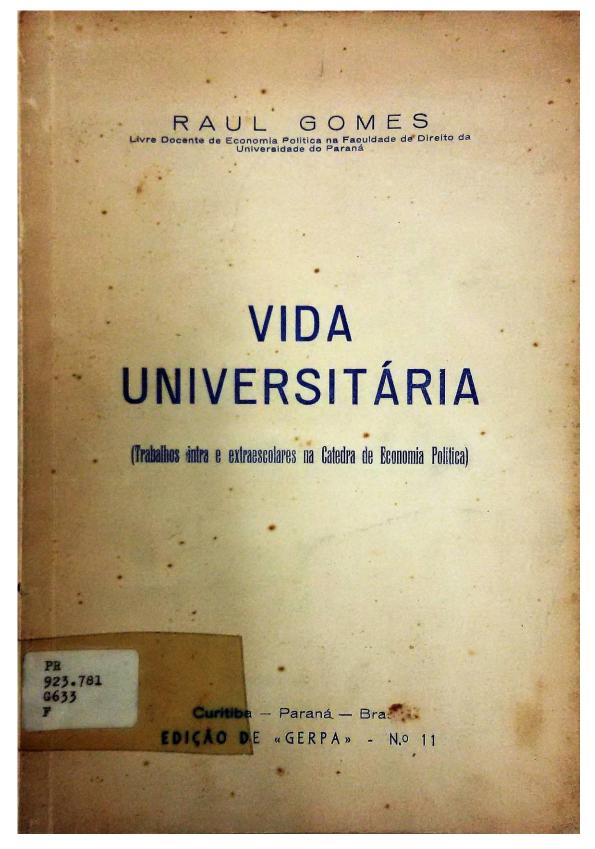
GOMES, Raul. Caminhos da paz: maior produção e melhor distribuição. [S.l.: s.n.], 1948.

ANEXO R – Capa de *Um mestre do jornalismo* (1949)



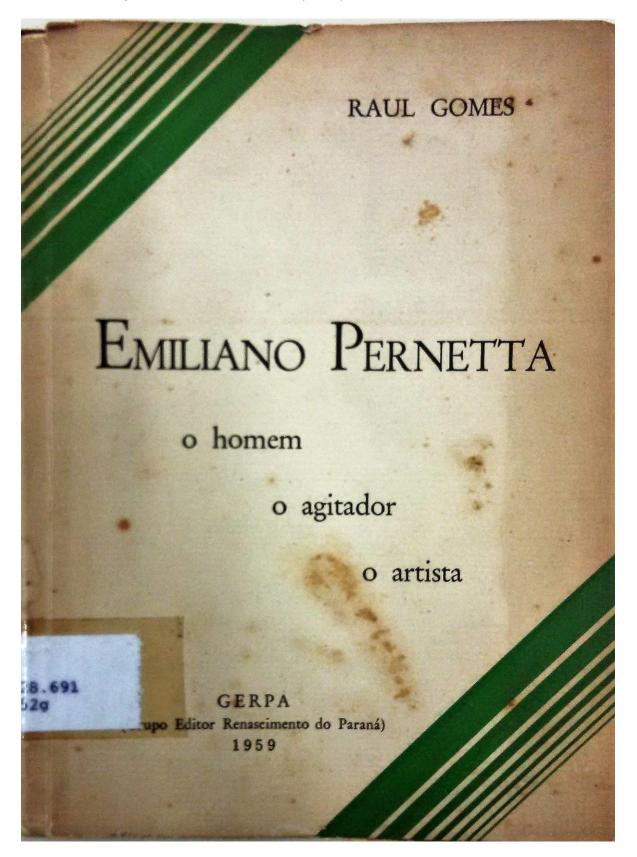
GOMES, Raul. Um mestre do jornalismo. [S.l.]: Centro de Letras do Paraná, [1949].

ANEXO S – Capa de Vida *Universitária* (1950)



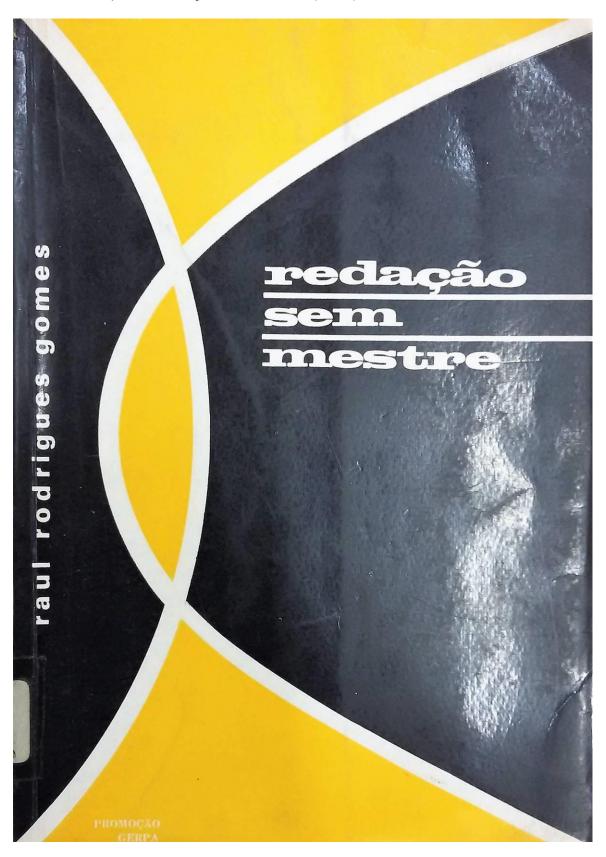
GOMES, Raul. **Vida universitaria**: trabalhos intra e extraescolares na catedra de Economia Politica. Curitiba, PR: Gerpa, 1950.

ANEXO T – Capa de *Emiliano Pernetta* (1959)



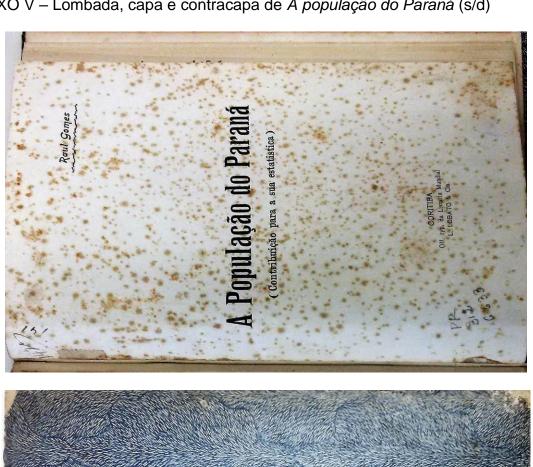
GOMES, Raul. Emiliano Pernetta. [S.l.]: Gerpa, 1959. 60 p. Brochura 21cm

ANEXO U – Capa de Redação sem mestre (1967)



GOMES, Raul. Redacao sem mestre. Curitiba, PR: Gerpa, 1967.

ANEXO V – Lombada, capa e contracapa de *A população do Paraná* (s/d)







GOMES, Raul. A população do Paraná. Curitiba: Livraria Mundial.